

REVISTA

DA SEMANA

N. 29 21-7-58 Cr\$ 700 em todo o Brasil

LOURIVAL FONTES (quebrando o silêncio):

NÃO CONHEÇO NENHUM VARGAS



CADA VEZ MELHOR!

O ANUÁRIO *do*

1956 ESPORTE 1956

ilustrado

**TUDO
SÔBRE O
FUTEBOL
CARIOCA**
(CARLOS ARÊAS)

**TODOS
OS
ESPORTES
AMADORISTAS**

**TUDO
SÔBRE O
FUTEBOL
PAULISTA**
(OLIMPICUS)

**Em
CÔRES**

12 TIMES DO FUTEBOL CARIOCA
4 PRIMEIROS TIMES DO FUTEBOL PAULISTA

BREVE

**EM TODO
BRASIL**

BREVE

REDAÇÃO: RUA MARANGUAPE, 15 • RIO DE JANEIRO

REDATOR-CHEFE — Celestino Silveira

ASSISTENTE — José Roberto Teixeira Leite

PAGINADOR — Victor Tapajós

COLABORADORES — Bolivar Costa, Demóstenes Varela, Eduardo Tourinho, Eneida, Fernando Lôbo, Fortuna, Hélio Abreu, Hynenny Gomes Ferreira, Jeff Thomas, José Maria Rodrigues, Sérgio Silveira, W. Guarnieri.

ILUSTRADORES — Alberto Lima, Jeronymo Ribeiro, Marius, Maria Tereza, Ramón.

FOTÓGRAFOS — Alberto Ferreira Lima, Arnaldo Vieira, Newton Viana, Vito Vasconcelos.

SUMÁRIO

◆ REPORTAGENS

Uma Rainha Brasileira em Lisboa	4/7
Princesa Margaret (II)	14/17
Entrevista com Lourival Fontes	22/25
Mais Vale um Pássaro na Mão	31/34
Fim do Império da Agulha	40/42
O Casamento do Ano	46/47
Quebra-Quebra dos Ônibus em Lima	59/61

◆ SEÇÕES

Semana em Revista	8/9
Puxe pelo Cérebro	18
Astrológica	26
Por Esse Mundo de Deus	28/29
TV na Revista	30
Pelas Esquinas da Noite	35
Literatura e Arte	38/39
Palavras Cruzadas	43
Música	44
Itinerário do Brasil	48
Revista há 50 Anos	49
Conversa de Mulher	54/55
Grand Monde	56/57
Último Flash	62
Figura em Foco Vinicius de Moraes	63

◆ HUMORISMO

Fortuna	52/53
---------	-------

◆ LITERATURA

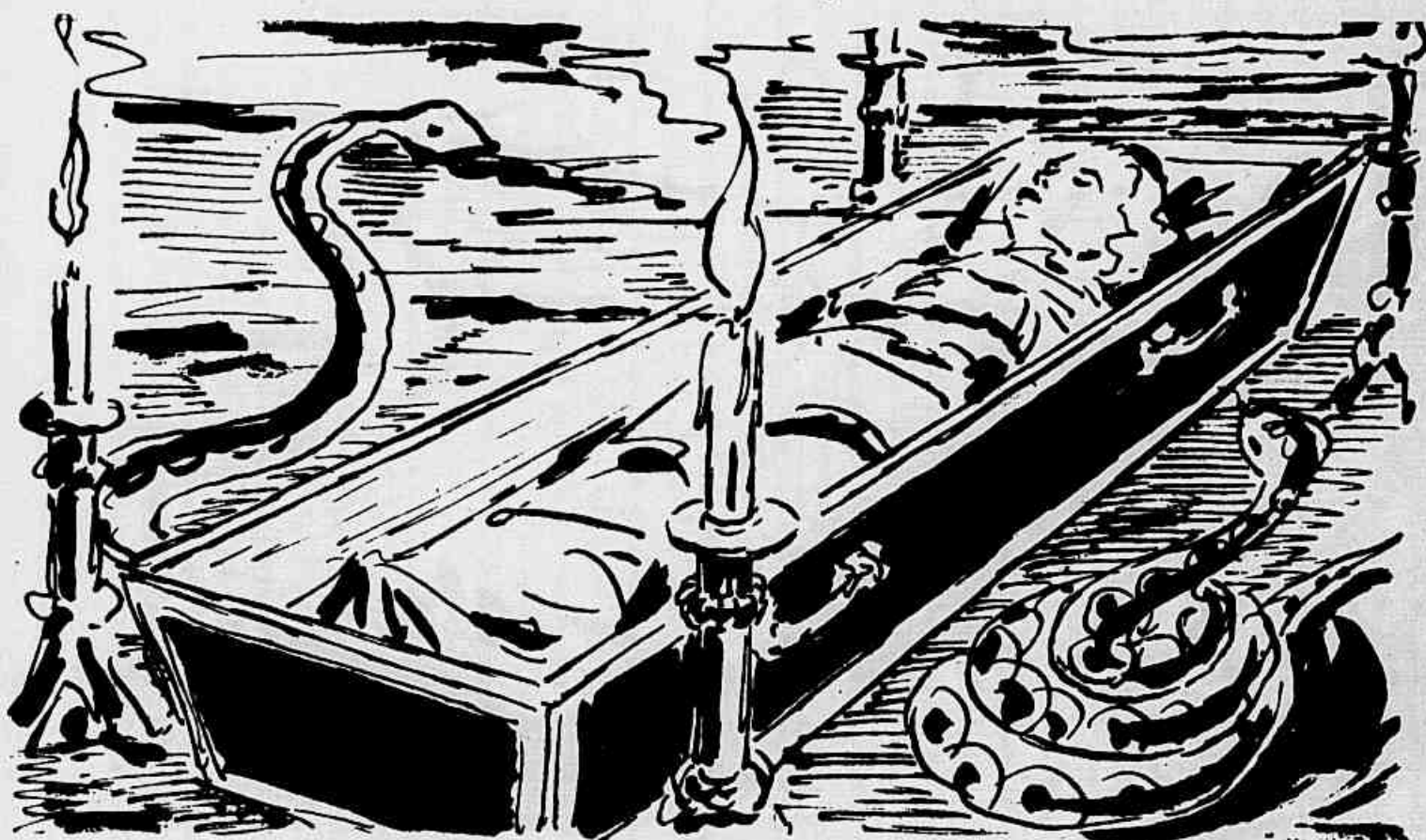
Coisas de Julho (Eneida)	3
Fedele (Fogazzaro)	10/11
O Gambá (Arnaud Pierre)	14
Chão de Terra Preta (A. Queiroz)	50/51

◆ VARIEDADES

O Enigmático Kapitza	12/13
Que Sabemos das Grandes Religiões	27
O Rei Vagabundo	36/37
Riso dos Outros	45

◆ CAPA

Mary Murphy (Kodachrome da Paramount).



COISAS DE JULHO

◆ Entre dias de frio intenso e outros de grande calor (ah! a volubilidade de nosso clima) vai correndo este julho, mês sem importância vazio de santos e feriados. No dia três foi promulgada a autonomia do Distrito Federal, velho sonho acalentado por todos nós se bem que no íntimo julgamos que talvez o prefeito eleito seja igual a um nomeado, tão complexos são os problemas desta tão bela e tão mal amada cidade. Quando pensávamos que o dia ia ser feriado (quantos corpos andam precisando de descanso, mesmo momentâneo?) o ilustre dr. Negrão de Lima veio e disse: façamos apenas um feriado simbólico. Só teremos autonomia na prática no ano de 1960 e o atual prefeito já mencionado criou uma novidade: um simbólico dia de repouso. Iremos viver agora de atos simbólicos? Em compensação o prefeito também declarou que se continuar assim o aumento de número de automóveis, dentro de três anos não mais poderemos dar um passo na cidade. Triste vaticínio para quem — como eu e milhares — jamais possuirá automóveis mesmo que eles fiquem a preço dos autos de matéria plástica, desses que os camelôs vendem nas ruas.

◆ Julho vai correndo. O célebre «rapa» da Prefeitura continua atacando guerreiramente todos os que vendem frutas ou bugigangas sem licença. Que mal faz essa gente aos cofres públicos é coisa que não consigo entender, mas jamais consegui encontrar um «rapa» sem o emprêgo de terrível violência. Julho vai indo. Rossana, a moça faquir que se exibiu com cobras e pregos numa urna de vidro no Cineac Trianon em dias do ano passado, matou-se com gás no banheiro de seu apartamento, por amor. Sim, que o amor pode atacar qualquer pessoa, mesmo as que se dedicam ao faquirismo. Só um jornal falou na morte de Rossana, a moça que parecia tão corajosa.

O Instituto Nacional do Livro organizou a semana do referido com feiras, solenidades, conferências, publicações e o aparecimento de uma revista que pode ser muito útil: a «Revista do Livro». Ainda no terreno literário saiu o belo romance de Ciro dos Anjos — Montanha — Álvaro Lins foi recebido na Academia de Letras, chegou da Suíça Raul Bopp o tão querido poeta de Cobra Norato e se quisermos podemos comemorar neste mês vários mortos ilustres: em julho morreram Cláudio Manuel da Costa, poeta da Inconfidência Mineira, Castro Alves, Basílio da Gama e outros. Está claro que morreram em julho de diferentes épocas. Nasceram em julho também em anos diversos: Martins Fontes, Alphonsus de Guimaraens, Emílio de Menezes, Cassiano Ricardo, Guilherme de Almeida e outros, muitos outros. Mas não há sombras de comemorações dessas datas.

◆ Isso no terreno da literatura. No teatro estamos com duas peças magníficas em exibição: no Ginástico, «A casa de chá do luar de agosto» comédia de alto quilate numa representação digna de aplausos e «Viúva Astuciosa» de Goldoni pela Companhia Tônia-Celli-Autran. Dois espetáculos dignos de serem vistos. Nos demais terrenos a cidade vive dias cheios de apreensões: as lutas políticas se acirram, a crise econômica se agrava, ameaças de golpes subsistem, tudo isso perturbando a calma dos que querem trabalhar e produzir. Como entristece o noticiário político dos jornais... Andam tão belos os dias, tão claros quer estejam frios ou quentes, há tanta beleza nascendo, tantos livros aparecendo, tantas realizações em vários terrenos que o melhor é crer no futuro, momento em que os horizontes políticos pareçam com a beleza clara dos nossos dias de julho.



Ao desembarcar do «Vera Cruz», a Rainha das Associações Portugêsas, srta. Maria Helena de Souza Lapa, não pôde disfarçar a sua alegria: Era ali esperada por ilustres personalidades luso-brasileiras e muita gente do povo.

UMA RAINHA DO BRASIL EM LISBOA

RECEPÇÕES, BAILES, JANTARES, EXCURSÕES E OUTRAS CARINHOSAS HOMENAGENS À RAINHA DAS ASSOCIAÇÕES PORTUGUÊSAS, EM LISBOA — O NOME DO DIA NAS PRIMEIRAS PÁGINAS DOS JORNAIS, NO RÁDIO E NA BÓCA DO POVO.



Ainda sob a viva emoção da festiva recepção que lhe foi dispensada, a Rainha dá suas primeiras impressões a uma repórter.

LISBOA, julho (de Walter Souza)

A presença de uma rainha das mais autênticas, que o Brasil nos mandou, tem sido o motivo de sensação destes primeiros dias do mês. São freqüentes, em Lisboa, as visitas de gente nobre, dos testacoroadas, dos descendentes da alta linhagem européia, mas não é to-

dos os dias que se pode ver na Avenida da Liberdade a uma rainha verdadeira e que ainda ocupe um trono. Pois é o que acontece agora, com a vinda de Maria Helena de Souza Lapa, aclamada a Rainha das Associações Portuguesas, no interessante certame promovido pela REVISTA DA SEMANA, em combinação com a «Voz de

Portugal» e o programa «Revista de Portugal», de Celestino Silveira. A idéia foi boa, não resta dúvida, e embora muitos pensassem que viria uma brasileira legítima, a quem recebemos foi a uma gentil portuguesinha, que faz apenas três anos daqui havia embarcado para o Rio. Pensam que isso fez diminuir o interesse pela Rainha? En-

ganam-se, porque ao contrário, houve por parte dos realizadores do concurso, um gesto muito cativante em favor da mulher portuguesa radicada ao Brasil.

Ainda a bordo do «Vera Cruz», a rainha não escondia o seu entusiasmo:

— Foi uma viagem de conto de fadas... É claro que em parte,



A bordo do «Vera Cruz», compareceu também a reportagem da Emissora Nacional de Lisboa, para gravar a palavra da srta. Maria Helena. Vêem-se na gravura, o locutor Fernando Frazão e um operador daquela emissora, recolhendo as suas impressões.

UMA RAINHA

de reconhecidos predicados de espírito... e com instrução, cultura... Legítima representante da mulher luso-brasileira!

Outro grande amigo do Brasil, o dr. Gastão de Bittencourt, acompanhado de sua esposa, lá estava, com a sua proverbial fidalguia:

— Foi uma iniciativa de alto alcance social e penso que não podia ter maior êxito. A rainha é a simpatia em pessoa...

Lá em baixo, muita gente aguardava o desembarque de Maria Helena, que se fazia acompanhar de sua extremosa mãe. E ainda a bordo, os representantes do Hotel Tivoli punham-se à disposição da ilustre visitante, para providenciar a sua hospedagem naquele estabelecimento. Como devem saber, o Tivoli ofereceu um mês de estada à Rainha das Associações Portuguesas e, embora na época em que há grande procura de aposentos, os que lhe foram destinados são de luxo.

—o—

E começaram as homenagens em terra, com a visita de gente amiga, embora nem toda conhecida antiga da recém-vinda. A Casa Tras-os-Montes e Alto Douro ofe-

O diretor dos Serviços de Intercâmbio Luso-Brasileiro, e sua esposa, saúdam a srta. Maria Helena

O presidente da Casa de Tras-os-Montes e Alto Douro, sr. João Almendra, cumprimenta a Rainha. — Em baixo, flagrante da homenagem na Casa do Minho, quando usava da palavra o presidente, sr. Artur Maciel.

porque vinha em missão especial, mas posso dizer-lhe que todos os passageiros do «Vera Cruz» saem deste barco, lamentando ter sido tão rápida a viagem. Sinto-me orgulhosa de ter Portugal tão excelentes meios de transporte marítimo... E gente estrangeira, que vinha a bordo, não se cansava de elogiar o nosso «Vera Cruz»...

Mas os repórteres, fotógrafos, cinegrafistas, locutores da Emissora

Nacional, não permitiram que Maria Helena nos falasse por mais tempo. Já o nosso Fernando Frazão, que é a ação em pessoa, se defrontava com a rainha, de microfone em punho:

— Sabe que vai falar para o Brasil?

— Pois então ainda mais feliz me encontro, porque ao Brasil devo esta viagem de sonhos...

Ao nosso lado, o dr. João Almen-

dra, que é uma espécie de propagandista espontâneo das coisas brasileiras em nossa terra, presidente da Casa de Tras-os-Montes e Alto Douro, fazia as saudações oficiais à rainha:

— Estou vendo que os brasileiros souberam acertar na escolha...

Mais tarde, o dr. Almendra acrescentava ainda:

— Não se trata apenas de uma pequena bonita e simpática, mas

BRASILEIRA

receu à rainha uma noite inesquecível, em a qual lhe foram tributadas muitas homenagens. Terminou com um baile que se estendeu até alta madrugada. Também a Casa do Minho destinou uma de suas «soirées» a Maria Helena. E os passeios, as excursões aos arredores da cidade, as visitas oficiais, tudo foi se acumulando de tal jeito que pouco tempo lhe restava para repouso.

— E então? — perguntei-lhe. Está satisfeita com tudo isto? Que tal encontrou Lisboa, muito diferente?

— Mas é a primeira vez que venho a Lisboa.

— Pois não é portuguesa?

A rainha e seus olhos brilham, muito vivos.

— Sou, sou... Mas quando fui para o Brasil, eu e minha família embarcamos em Leixões... Por isso ainda estou mais satisfeita!

Depois Maria Helena conta-nos coisas do Rio, das saudades que já a estão mordiscando (principalmente da família), e do concurso:

— Foi uma prova muito dura... A comissão julgadora era exigente e composta de gente de valor... Eu não tinha a menor esperança, porque as minhas concorrentes

de Souza Lapa, que ficou hospedada no Hotel Tivoli, em plena Avenida da Liberdade na capital lusa.



Recepção e baile foram realizados na Casa de Tras-os-Montes e Alto Douro. A Rainha faz a saudação de agradecimento tendo a seu lado o sr. João Almendra, que a acompanha em toda a digressão pela terra lusa.

eram muito perigosas... Só mesmo a sorte me poderia proteger. Graças a ela é que venci...

No Pôrto, as homenagens continuaram e na excursão que vai, dali, empreender até Tras-os-Montes, onde nasceu (em Pedras Salgadas), será tudo um roteiro de encantamento a cumprir. A sociedade portuguesa sente-se satisfeita com a gentil portuguesinha que o Brasil lhe mandou, de presente, lamen-

tando apenas que já em outubro ela tenha de regressar.

E a iniciativa da «Revista da Semana», como da «Voz de Portugal» e da «Revista de Portugal», merece todos os nossos aplausos. Sei que nas redações dos jornais, nas rodas intelectuais e artísticas, sem falar nas rodas íntimas, a presença da rainha é motivo de comentários muito lisonjeiras. E já se fala na necessidade de retribuir essa galan-

teria brasileira, restando saber, apenas, de que maneira.

Por fim, uma pequena mensagem da rainha:

— Sirvo-me da REVISTA DA SEMANA para agradecer aos meus amigos brasileiros e aos meus patrícios que no Brasil vivem, o ensejo que me foi dado de empreender esta bonita viagem. E para minha família, muitos beijos e todo o meu coração saudosos...



A SEMANA

NACIONAIS



MISS OBJETIVA 1956 — Mara Murce, cuja fotografia, aqui estampada, já vale por um texto de mil palavras, é a mais recente candidata ao título de «Miss Objetiva 1956», concurso que reúne as mais belas jovens do Rio de Janeiro, todas procurando a vitória final. Mara, que não faz muito tempo participou de uma reportagem que figurou nas páginas da **REVISTA DA SEMANA**, como devem estar os leitores lembrados (*Revista de 2-6-1956, número 22*), é, desde já, uma das mais fortes candidatas ao título. Dêem uma espiada na foto, e vejam se exageramos.

A SEMANINHA

— «Portugal entra na linha dos planos quinquenais...»

Discordamos desta notícia tão recente, pois Salazar já fez Portugal «entrar na linha» há muitos anos!

— «Repercutem na Câmara os incidentes com o Botafogo...»

Não há motivos para repercussão: quem bota fogo, só poderá colher incidentes.

— Marlene Dietrich foi expulsa dos salões particulares do cassino de Monte Carlo, por se haver apresentado com calças de homem.

Ela, irritada desabafou:
Eu tendo as minhas razões
Não as posso sonegar,
Testemunham meus botões:
— «Homem, não»... só disfarçar!

— Nunca foi tão promissor o futuro das Américas — declarou o sr. José A. Moura, secretário da Organização dos Estados Americanos.

Como o futuro se ignora,
Não vivemos de promessa;
Se cobram juro de... MORA
Então, sim, «é p'ra cabeça»!

— Confessou ter atirado a filha pela lixeira do edifício...

Nós ouvimos da lixeira
A verdade, nua e crua:
— «Se nasceu p'ra dar sujeira,
Segura... que a filha é tua!»
SANTOS ALVES

O BRASIL vai adquirir aos Estados Unidos doze velhos navios, dados como imprestáveis pelo Departamento de Estado. Em 1952, esses barcos nos foram oferecidos por quantia equivalente a 95 milhões de cruzeiros. Agora, custarão 550 milhões... O Brasil acaba indo a pique.

ASSIS CHATEAUBRIAND proclamou-se contrário à idéia, manifestada por alguns industriais gaúchos, de se fundar, no Rio Grande do Sul, uma fábrica de automóveis. Para o pernicioso senador, o Brasil deve mesmo é ficar na produção de bananas, milho e coisas semelhantes.

O MAIOR escândalo esportivo brasileiro, o chamado Caso de Limatambo, envolvendo todos os elementos da delegação de basquetebol que esteve presente ao 16º Campeonato de Basquetebol Masculino, e ao 1º de Basquete Juvenil, está tendo agora seu rumoroso desfecho. Os jogadores, acusados de terem praticado furtos em inúmeras lojas de várias cidades peruanas e bolivianas, já foram denunciados perante o Supremo Tribunal de Justiça Desportiva. Lamentável por todos os aspectos.

FOI ENCONTRADO, na Paraíba, um fóssil de mais de cem milhões de anos, que pertenceu a uma espécie estranha de dragões voadores. O paleontólogo que o achou, L.I. Price, denominou-o de «Nictossaurus Lamegoi»; em homenagem ao doutor Alberto Lamego, conhecido cientista brasileiro. Esses dragões voadores, segundo Price, não deixaram descendentes, extinguindo-se totalmente.

ALVARO LINS, crítico literário, chefe da Casa Civil da Presidência da República e futuro embaixador do Brasil em Portugal, tomou posse na Academia Brasileira de Letras, na cadeira que foi de Roquette Pinto. Foi saudado, na ocasião, por João Neves da Fontoura.

ITINERARIO DE JK, para os dias que correm: de início, viagens pelo país, sujeitas a alterações sem aviso prévio; a 25, então, grande viagem ao Panamá. E salve o turismo nacional.

O SELECIONADO brasileiro de basquetebol encaçapou o russo, no Maracanzinho, por 80 a 55. Os russos, esquecendo-se do conjunto, abusaram do jogo individual. E o resultado foi o que se viu.

A LUFTHANSA, companhia alemã de aviação, após mais de dez anos de paralisação, vai reabrir seus vôos semanais entre Brasil e Alemanha. O primeiro será a 15 de agosto, em um Super-Constellation.

MARIA JOSE CARDOSO, Miss Brasil, foi visitar JK. O Presidente, em dado instante, perguntou-lhe quando iria viajar. Ela explicou, e por

sua vez perguntou: «E o senhor, quando viaja?» Sem comentários.

O ANTIGO zagueiro Weber, do Madureira, que deixou há tempos o futebol, foi agora nomeado, por concurso, para uma promotoria em Belo Horizonte. Weber trocou, pois, a defesa pelo ataque.

TENÓRIO CAVALCANTI usa um revólver de ouro, presentemente, à cintura. Perguntaram-lhe porque uma arma do precioso metal: «Para matar gente importante»...

QUATRO HOLANDESES tomavam banho, em Copacabana, inteiramente despidos. Um casal reclamou contra os trajes paradisíacos dos compatriotas da bruxa Greet Hofmans, e afinal tudo acabou na delegacia, com os quatro anjinhos devidamente processados por ultraje público ao pudor...

UM MATUTINO carioca andou noticiando, na semana, o falecimento do marechal Isidoro Dias Lopes, morto há quase dez anos.

O CIDADÃO Antônio Consulich Valentim, de nacionalidade dúbia, que se dizia também italiano, e nesse caso assinando o nome Guido Antonelo Peternele, foi detido pela polícia, acusado de conspirar contra a vida do Presidente Juscelino Kubitschek. Nada ficou provado até agora.

OS JOTAS publicaram, no «Correio da Manhã», a frase com que o deputado Pereira da Silva saudou Miss Brasil, Maria José Cardoso quando essa foi despedir-se da Câmara. O aludido deputado saiu-se com uma esquisita «beleza pororocal» da bela gaúcha. Ainda bem que não foi «pererecal»...

MUSEU DE ARTE

ACABA DE ser fundado, no Rio de Janeiro, o Museu de Arte Cinematográfica, que tem por finalidade o estudo e a divulgação das obras-primas do cinema de todos os tempos e lugares. E, apenas fundado, já o Museu ofereceu a seus amigos e associados uma sessão cinematográfica de alta qualidade, em que foi exibido o filme «Rien que les Heures», do brasileiro Alberto Cavalcanti. Aliás, a primeira grande iniciativa do Museu de Arte Cinematográfica será a apresentação de um valioso «Ciclo Cavalcanti», através do qual se possa acompanhar a arte deste famoso diretor nacional, cujo prestígio de há muito atravessou as fronteiras do Brasil. «Yellow Caesar», «The Foreman went to France», «Spare Time», «Went the Day well».



JUSCELINO
Lá vou eu



WEBER
Agora é promotor



TENÓRIO
Tem revólver de ouro



MARIA JOSÉ
Beleza pororocal

EM REVISTA

INTERNACIONAIS

AMEAÇAM RUIR a fachada e a própria estrutura da Igreja do Santo Sepulcro, em Jerusalém. Para que isso não venha a acontecer, um grupo de arquitetos franceses acaba de ser contratado, a fim de proceder às obras de reforço.

LENA HORNE é uma das maiores entusiastas da arte do exótico Givenchy, que há pouco nos visitou. Apenas, segundo ela, seu público não lhe permite o uso de vestimentas tão estapafúrdias.

ELSA MAXWELL acaba de receber um convite do agora presidente do Egito, coronel Nasser, a fim de visitar o milenário país, em fins do ano que vem. Uma múmia a mais, na terra dos faraós.

COM O TERRORISMO campeando livre, na Argélia, o preço dos imóveis desceu cerca de 70 por cento. Era o caso de se importarem alguns terroristazinhos para cá...

CHAMA-SE Elvis Presley o mais novo ídolo canoro dos americanos. Crosby, Sinatra e outros bichos são coisa ultrapassada, junto a esse jovem de vinte e um anos, que, no ano passado apenas, recebeu seis milhões de cruzeiros por seus discos.

ELIZABETH, rainha da Inglaterra, convidou o ex-rei Leopoldo da Bélgica para uma temporada amistosa em seu palácio de Buckingham. É a primeira vez, desde 1940 (quando Leopoldo pactuou com os nazistas), que as duas famílias se procuram.

BARBARA HUTTON, essa Barba Azul do sexo feminino vai se divorciar de seu sétimo marido, o tenista Von Cramm, para casar com John Galliber, um americano de quarenta e um anos, cheio de dinheiro. Barbara já teve tantos esposos, que recentemente, num hipódromo na In-

glaterra, vendo um rosto que lhe parecia familiar, não teve dúvidas e perguntou: «Queira desculpar, mas o senhor não é o meu ex-marido número três?»

RITA GAM, grande amiga de Grace Kelly, de quem, aliás, foi uma espécie de madrinha, está internada numa clínica de repouso, desde que voltou de Mônaco. A menina ficou muito excitada.

A NOVA MISS América de 1956 chama-se Cleo Maletis e é de origem grega. Circunstância estranha: tem três filhos... E' com essa que vai concorrer Maria José Cardoso?

MARINA VLADY, conhecida cozinha-fôta do cinema francês, será mãe por essas semanas. Deseja ter um par de gêmeos, um garoto e uma menina. Exagerada.

BOB HOPE costuma tomar, como as ricas matronas romanas outrora, banhos de leite, em banheira. Perguntaram-lhe a razão. «Ora» — retrucou — «apenas porque não consigo encontrar uma vaca tão grande que me faculte tomar um banho de ducha...»

NOEL COWARD, famoso teatrólogo inglês, deve ao fisco seis milhões de cruzeiros. Por isso, há muito tempo que não põe pé na velha ilha. Há pouco, contemplando, desde o canal da Mancha, a costa da pátria, exclamou, saudosamente: «Cara Inglaterra!» Mas logo corrigiu: «Caríssima! Tão cara, que cada vez que lá ponho os pés pago ao governo um milhão de cruzeiros...»

RECOLHENDO DIVERSOS objetos atirados pela assistência à arena, em sinal de protesto contra um toureiro medroso, o encarregado de limpeza de uma **plaza de toros** na Espanha encontrou cabeleiras postiças, dentaduras idem, uma perna de pau e um trombone!...

EXIBE-SE PRESENTEMENTE em Paris a companhia de bailados do Teatro Nacional Stanislavsky, de Moscou. São 72 bailarinas e 25 técnicos, que chegaram à França acompanhados de 12 vagões especiais de trem, conduzindo suas bagagens.

EDWARD G. ROBINSON venderá sua coleção de pintura, de vez que pretende divorciar-se da esposa, Gladys, e não quer mais casa própria. O interessante é que madame organizou uma recepção, na luxuosa residência do casal, especialmente para anunciar aos seus amigos e convidados que iria divorciar-se...

O PRESIDENTE da Liga Vegetariana de Saint-Nazaire, na França, chama-se Leon Richelet. Sua profissão? Açougueiro...



CASAMENTO NA ROÇA — No Retiro dos Artistas, em Jacarepaguá, por ocasião das últimas festividades juninas, **CASARAM-SE** a popular artista Siwa, com o não menos conhecido ator Silva Filho, perante o juiz de paz Zé Gamela, e as testemunhas Modesto de Souza e Ester Tarcitano. O prefeito Negrão de Lima, e muitos nomes de realce na vida da cidade compareceram a cerimônia, que só não teve mais brilho, porquanto em determinado instante apagaram-se as luzes... Após as bodas, a vedete passou a assinar-se, pitorescamente, Siwa Filho.

Rio, julho de 1956

◆ Prezados confrades da Revista da Semana.

Nestes seus cinquenta e seis anos de existência, a **REVISTA DA SEMANA** tem sido o repositório fiel dos acontecimentos de maior relevo, de sete em sete dias, neste mais de meio século, não só no país, como também no exterior.

Fundada por Álvaro de Tefé, diplomata e homem de letras, a **REVISTA DA SEMANA** contou sempre com a colaboração de figuras de relevo no cenário jornalístico e literário. Nela também apareceu, pela primeira vez, com suas inescutíveis caricaturas, o nosso velho e inolvidável companheiro Raul Pederneiras.

Sucederam a Álvaro de Tefé os companheiros Carlos Malheiros Dias, Arthur Brandão e Aureliano Machado, estando hoje a direção da Cia. Editora Americana entregue a Gratuliano Brito e a chefia da redação da revista confiada a Celestino Silveira.

A Associação Brasileira de Imprensa saúda a **REVISTA DA SEMANA** e os companheiros que nela colaboram pelos cinquenta e seis anos de existência — plena de vitórias e sucessos.

HERBERT MOSES.

CINEMATOGRAFICA

etc., desfilarão aos olhos dos assistentes, em semanas sucessivas. A par do Ciclo, porém, outras obras de grande envergadura, de diretores diversos, serão apresentadas: «Encouraçado Potemkin», «Ivan o Terrível», de Eisenstein, «Nada», de Renoir, «La Roue», de Gance, etc., etc. Também o cinema brasileiro, desde suas primeiras manifestações até ao presente, merecerá a atenção dos dirigentes do Museu de Arte Cinematográfica, que cuidam organizar, igualmente, um completo fichário técnico e uma biblioteca especializada, bem como levar a efeito conferências, palestras e debates sobre a sétima arte. A sede do Museu funciona na Avenida Presidente Vargas, 417-A, décimo sexto andar, salas 1601-1602 (telefone 23-4085).



LENA HORNE
Pro-Givenchy



MARINA VLADY
Exagerada



ELSA MAXWELL
Múmia volta ao Egito



BOB HOPE
No banho de leite

F E D E L E

Novela de ANTONIO FOGAZZARO

(Capítulo II)

Ilustração de RAMÓN



AO disse mais nada. A medida que eu caminhava, já de volta, com o cego, buscava em vão penetrar o mistério de dor que as palavras de Fedele tinham revelado existir, e que as de Lisette reafirmavam; já me lastimava, inclusive, de estar envolto em toda aquela estranha história.

Fui conhecer mais de perto o rosto de Zuane, já no hotel, quando, de pé, o pianista esperava que lhe abrissem o instrumento, após terem-no desembaraçado de uma pilha de livros e cadernos, que sobre ele jaziam. Alto, parecia, de tão imóvel e rígido, como a estátua de certos imperadores romanos, afrontando-nos com a catadura mais impenetrável que jamais nos fôra dado ver. Era um rosto cômico de cera, completamente imberbe, de nariz escultural, a fronte austera e voluntariosa, nos olhos semi-cerrados boiando a sensibilidade — nos olhos que não viam, e que pareciam procurar trágicamente, fixando o nada, uma explicação qualquer para a sua inutilidade.

Não havia muita gente na sala, de vez que os hóspedes do hotel Ravizza, que não ficava longe, não tinham tido coragem suficiente para desafiar o vento e a neve. Em seu cantinho, lá estava a senhora Fedele. Olhava para o cego, mas não parecia ter a mínima vontade de vir falar-lhe de perto.

Durante minha curta estada na casa miserável dos Zuane, ouvira o pianista falar de sua arte com a devoção sincera e profunda de um fanático. Todavia, logo compreendi que era artista bastante medíocre, mostrando ainda por cima um gosto mais do que duvidoso por determinadas peças. O público, mais por piedade que por enlevamento, aplaudiu calorosamente o primeiro e o segundo trechos executados, e mais ainda o terceiro, uma fantasia a quatro mãos durante a qual o aluno do Conservatório facilmente conseguiu alçar sua própria glória, às custas do infeliz músico.

O programa era porém extremamente extenso. Várias pessoas terminaram por levantar-se, a fim de irem ver o tempo, ou irem jogar cartas no pequenino compartimento anexo. Os que ficaram no salão, bocejavam. Já a peça de número cinco ou seis estava sendo executada, não me lembro bem qual, quando a senhora Fedele levantou-se de sua cadeira e veio postar-se perto de onde eu estava. Olhava, muito pálida, as pessoas que se retiravam, fixavam seus belos olhos nas que conversavam desinteressadas, cheia de tristeza. Tremia só de pensar que, ao fim de execução, ela pudesse dirigir a palavra a Zuane, pois tinha ainda bem claro nos ouvidos o brado lancinante da jovem desesperada: «Pelo amor de Deus!» Abaixei-me, pois, e lhe disse ao ouvido:

— Lisette lhe pede que, por favor, não fale com Zuane.

Ela estremeceu, interrogando-me com um olhar surpreso.

— Eu não lhe falarei. Mas, o senhor tinha prometido que me auxiliaria, bem antes de falar com Lisette.

Neste exato momento, o cego chegava ao fim de sua aborrecida interpretação. Pediu a uma das pessoas no recinto que recolhesse as contribuições. Estava eu mesmo a ponto de me levantar, a fim de proceder àquele mister, quando notei que Fedele, antecipando-se, propusera ao acompanhante de Zuane que o concerto fosse terminado por um número de canto, após o que seria feita a coleta de contribuições. Prina, como era de esperar, aquiesceu, embora eu, hesitante, não soubesse bem o que fazer. O jovem músico transmitiu a Zuane o oferecimento, que o aceitou com seu habitual ar solene, virando-se inutilmente sobre a banqueta, como procurando a gentil colaboradora. Ao mesmo tempo, Fedele me perguntava, em tom baixo:

— O senhor quer acompanhar-me na Ária de Stradella?

Pedi desculpas por não poder fazê-lo, alegando minha qualidade de simples amador. Ela, então, resolveu acompanhar-me. Enquanto tirava as luvas, levei o pianista cego para um local pouco distanciado do piano.

Os demais hóspedes, atraídos como por encanto, voltavam aos grupinhos, a fim de escutarem a ária cantada pela bela veneziana. Zuane logo se viu cercado por um enorme grupo de ouvintes.

A jovem sentou-se ao piano. Mantive-me de pé, ao seu lado. Podia assim notar o ligeiro tremor de suas mãos, bem como o nervosismo de seus lábios.

Abaixei-me, para lhe dizer, baixinho, que o aluno do Conservatório poderia, se ela desejasse, acompanhá-la. Ela sacudiu a cabeça, e em

breve atacava os acordes iniciais. Ao mesmo tempo, olhava-me, como que perguntando: «Será que está bom?» Seu rosto estava pálido, é verdade, porém lia-se nele a decisão.

Desejaria ser capaz de exprimir em palavras a tristeza e a doçura de seu canto, quando começou a cantar em voz apenas audível:

Senhor, piedade
Quando eu morrer!

Involuntariamente olhei para Prina e para Trezel, cujos muxoxos de ironia, antes do início da ária, não me tinham escapado. Meus olhos, lentamente voltando para o lado do piano, encontraram o olhar cerrado de Zuane, no instante em que a doce voz prosseguia, atacando as seguintes palavras:

Se minha prece chegar a ti,
Não me puna, Senhor, o teu castigo.

Zuane quedara-se, imóvel, com o rosto virado para o lado de onde emanava a música, a boca entreaberta. De repente, vi que se dirigia a seu vizinho da direita, o qual lhe respondeu alguma coisa, fitando Fedele, como se a pergunta lhe dissesse respeito. Ela continuava cantando, em voz lancinante:

Ah! que eu não seja jamais
Condenada ao fogo eterno!

Zuane pôs-se de pé, com uma fisionomia terrível, e abriu os braços, como se quisesse abrir caminho, por entre os ouvintes, até onde estava a cantora. Todos viraram-se para ele, impondo-lhe silêncio, fazendo-o de novo sentar-se. Fedele, porém, atrapalhou-se no acompanhamento, encobriu o rosto com as mãos.

— Coragem, disse-lhe eu, continue.

— Não posso, não posso, retrucou-me, sinto-me mal, peça-lhes desculpas em meu nome.

Disse, em voz alta, que a jovem se sentia mal, e que não poderia continuar. Houve um instante de hesitação, de vez que os vizinhos de Zuane e muitos outros tiveram a nítida impressão de que o incidente fôra a causa do mal estar da cantora; depois, alguns começaram a bater palmas, e os aplausos retumbantes em breve ecoavam por toda a extensa sala. Algumas senhoras se acercavam de Fedele, abraçaram-na, e lhe ofereceram seus serviços, pedindo que pelo menos tomasse um cálice de vinho com elas. Logo estaria melhor. Ela recusou tudo, com reconhecimento, mais com os olhos, porém, que com a voz. Essa parecia partida, enrouquecida. Deixou seu lugar, no piano, e veio sentar-se à varanda.

Desejoso de ficar a sós com ela, a fim de conhecer suas reações, incumbi Prina de recolher as ofertas, e dirigi-me para onde estava. As moedas de prata choviam no lenço distendido. Zuane sacudia a cabeça da esquerda para a direita, a cada moeda que tombava.

Cada um daqueles movimentos era acompanhado com grande atenção por Fedele. Prina aproximou-se, hesitante, e me indagou se devia também endereçar-se a ela. Com a cabeça, ela lhe fez sinal que se aproximasse, e, tirando uma pepita de sua bolsa, depositou-a sobre o lenço.

— Agradeço comovido a honrada assembléia, disse então Zuane, quando lhe levaram as contribuições, e peço licença para dizer que oferecerei toda a importância arrecadada aos coléricos de Marselha. Não poderei tocar em um só níquel, infelizmente.

Pronunciou essas últimas palavras com um orgulhoso menear de so-brancelhas, e com um gesto dramático dos braços.

Fedele não mostrou nem surpresa nem cólera. Olhava-o, somente, com seus olhos cerrados e sua face pálida.

— Também existe um pepita, senhor, acrescentou Prina, em voz sumida.

O pianista procurou com os dedos a pedra, entre as moedas, até que finalmente a encontrou. Apalpou-a entre os dedos, e disse:

— Também não aceito essa pepita. Que aquela que me enviou venha pois buscá-la. Sei que deve estar ainda presente, acrescentou, com voz cheia de irritação.

Ninguém ousou dizer coisa alguma. Zuane repetiu o convite. Então Fedele fez sinal a Prina para dizer ao cego que a ofertante já se retirara, o que foi feito.

"CORAGEM, DISSE-LHE EU. CONTINUE" — "NÃO POSSO, NÃO POSSO,"



— Peço ao jovem que me acompanhou, essa tarde, que devolva à proprietária, amanhã, essa pepita. Enquanto não o faz, não ficarei tranqüilo. Quero também expressar-lhes, mais uma vez, meu reconhecimento.

Mais uma vez foi conduzido ao piano, onde se pôs a tocar um número extra, a guisa de agradecimento, o que novamente pôs seu público em fuga. Todos foram passear ou jogar, apenas restando próximo ao piano, o aluno do Conservatório, Fedele, Prina e eu.

— Percebo que a sala está vazia, disse Zuane, parando de tocar. Há-verá alguém a meu lado?

— Sim, há, respondi.

— Ah! o senhor de Veneza. Fui pouco amável, esta tarde, e devo-lhe, pelo menos, uma explicação.

Eu estava em palpos de oranha. Debalde lhe disse que não desejava ouvir nenhuma explicação. Ele insistiu, ao mesmo tempo em que a jovem me pedia, de mãos postas, mas em silêncio, que deixasse o cego falar. Olhei involuntariamente para os dois companheiros, que compreenderam, e embora contra a vontade, se retiraram discretamente.

— Eu não podia aceitar o dinheiro que ela ganhou para mim. É minha sobrinha. Fui eu quem lhe ensinei tudo. Mas ela me traiu. Coisa terrível, bárbara

(Continua no próximo número)

RETRUCOU-ME, SINTO-ME MAL, PEÇA-LHES DESCULPAS EM MEU NOME"

O ENIGMÁTICO KAPITZA

Por M. A. BIEW

Especial para a REVISTA DA SEMANA

Copyright Keystone e Ed. Pierre Horay — (Cont. do número anterior)

E

VERDADE que acaba de viajar 30 mil quilômetros, e talvez esteja extremamente fatigado, apenas. De Tiflis a viagem prossegue: Malenkov e Kapitza vão agora acompanhados de Ioffe. O trem parte em direção ao lago de Sevan. É ali que uma das maiores cidades atômicas soviéticas será erguida, alguns anos mais tarde.

Os três homens muito têm a fazer, principalmente nesta parte final da excursão. Não têm nem mesmo tempo de se conhecerem mais intimamente. Ioffe, contudo, constata que o gordo Malenkov não dá o mínimo sinal de fadiga.

Pelo contrário, a expressão de Kapitza o preocupa. Todavia, não o molesta com suas observações.

Sim, pensa Ioffe, no caso de Kapitza, só poderia tratar-se de fadiga. Observa o aluno de outrora, e ainda mais se espanta: Kapitza escreve, agora, toma notas com um lápis, éle que jamais precisara de tal. Escreve sempre, como se se aliviasse.

Os donos do grande país russo, desde há vários anos, emprestam vultosas quantias ao cientista. Não, é claro, pelos seus belos olhos, pois nêles não brilha a mínima parcela de ternura... Foi mesmo à força que se o convenceu a ficar num país que, afinal de contas, era o seu. Aceitou ficar, afinal, mas por sua livre escolha. Pois do contrário não seria possível convencê-lo. O simples fato de que, dois anos após, Kapitza descobriu um novo método de liquefação do hidrogênio, vem provar que trabalhava como um homem livre, sem apreciações e sem pressa.

Recusa as várias honrarias, para não as ter de agradecer. Deixa-se porém seduzir pelas perspectivas de uma obra colossal e inteiramente nova. E, ainda uma vez, não se deixa contrariar, ou seduzir.

As distinções de que já o cumularam cumulariam tôdas as ambições de três sábios russos juntos. O caso é que, como assistente querido de um dos maiores físicos do século, lord Ruthford, Kapitza teve a oportunidade de penetrar no âmago de complicadíssimas questões. Seu gosto pelas pesquisas encarregar-se-á do resto, para o futuro.

Desde que apertou a mão de Stalin, por ocasião da memorável partida de xadrez levada a efeito com o ditador soviético, Kapitza nada fez de extraordinário. Não realizou nenhuma experiência, por menos importante que acaso fosse; por isso, ainda não tem certeza, sequer, de que aquilo que lhe pediu Stalin é viável. Mas, em compensação, já percebeu claramente que os donos do regime não se fiam, de modo algum, apenas em palavras, desejando igualmente atos, ação, para acreditarem em alguém. Desprezando toda a longa tradição russa, abriram eles mãos de alguns prisioneiros de Estado, para que Kapitza pudesse dêles dispor para suas pesquisas. Stalin lhe apertou a mão, e toda a gigantesca engrenagem do regime move-se no sentido de proporcionar ao físico e à sua equipe tudo o de que necessitem. Certamente, não é pelos belos olhos de Kapitza que assim agem: os senhores soviéticos têm a reputação de jamais jogarem para perder. Não é à-toa que Stalin, segundo a voz corrente, só dá algo, quando tem a certeza de receber em triplo a soma empregada. Afinal de contas, que pretende éle senão o poder, mais e mais? O fato de que Malenkov, representante de Stalin, tenha acompanhado Kapitza em sua viagem através da Rússia, explica inúmeras coisas. Malenkov delere todos os pedidos do físico, tira éle mesmo da prisão os cientistas que o outro aponta, sem sequer olhar para os demais. Kapitza, que, sob a orientação de um idealista, como era Ruthford, nunca experimentara dúvidas ou angústias, quer abrir-se a alguém. Mas a quem? A Ioffe, é claro, em quem sempre teve um amigo para tôdas as horas, e que nunca lhe recusou apoio de espécie alguma. Porém, é preciso escrever a Ioffe, de vez que por natureza Kapitza é reservado e tímido, e mesmo, Ioffe passa o dia inteiro ocupadíssimo.

A quem escrever? Lord Ruthford, segundo sabe Kapitza, encontra-se às últimas, enfêrmo há vários meses. Teme-se que não resista mais por muitos dias. Não, convém poupá-lo de mais êsse dissabor.

O seguinte da lista é Max Planck, a quem Kapitza estima de coração. Porém, o alemão vive e trabalha, de quatro anos para então, sob um regime autoritário, e não saberia partilhar as preocupações de Kapitza, isso sem falar em sua idade avançada — quase oitenta anos.

Logo, só há uma pessoa a quem escrever: Albert Einstein. Einstein foi, e continua sendo, um capítulo inteiramente à parte na vida do físico russo. Kapitza desejou sempre tornar-se um grande matemático. No vesti-

bular para a universidade, o tema por éle escolhido foi justamente: «Que é a Teoria da Relatividade»? Era em 1912. Discutia-se e atacava-se rudemente a teoria de Einstein. A direção da Faculdade, aquêle assunto não poderia agradar, de modo algum. Porém, soube éle mostrar, na exposição e discussão que travou com os professores, um senso de raciocínio tão profundo, uma tal maturidade, que, por unanimidade, concederam-lhe a Medalha de Ouro. Kapitza posteriormente receberia inúmeras distinções, mas guardava especial apreço por essa medalha de ouro, a que denominava «Medalha Einstein». Uma de suas pesquisas favoritas, quando ainda trabalhava sob a orientação de Ioffe, era o efeito fotoelétrico. Mas, segundo suas próprias palavras, «os deuses não o favoreceram, nesse assunto». Suas incansáveis pesquisas jamais chegaram a bom termo.

MEU CARO EINSTEIN...

Foi a Albert Einstein que, em 1921, foi concedido o Prêmio Nobel, justamente pela descoberta da lei do efeito fotoelétrico. Porém, o que mais ainda incutia admiração a Kapitza pela figura de Einstein é que êsse, jovem ainda, em 1906, quando o mundo inteiro discutia a famosa teoria da relatividade, havia proferido sua não menos célebre fórmula da energia atômica: $E = MC^2$.

Teria sido fácil a Einstein, publicando essa descoberta que mais tarde iria firmar definitivamente sua reputação, reduzir ao silêncio seus detratores. Éle não o fez, contudo, antes de 1913. Temia que as consequências de sua descoberta pusessem o mundo a perder...

Trinta anos mais tarde, em junho de 1937 Piotr Kapitza não terá experimentado os mesmos escrúpulos? Certamente.

Albert Einstein e Kapitza não se conheciam somente como grandes cientistas. Na Inglaterra, por várias vezes se tinha encontrado face a face. No entanto, a despeito de se admirarem e estimarem, nunca se aproximaram demasiadamente um do outro. Por que razões? As explicações, a êsse respeito, variam muito. De qualquer modo, em mais de uma ocasião, Kapitza deixara entrever a alta consideração em que tinha Einstein. É foi com letra firme que começou sua carta:

— Meu caro dr. Einstein:

E depois vinha, em letras nervosas, mais abaixo:

— Kavkaz, quer dizer em português, o Cáucaso. Por consideração a Malenkov, Kapitza não indicava de maneira direta o local de onde escrevia. Porque, segundo combinara com Stalin, não deveria falar a ninguém, de sua viagem pela imensa Rússia, em busca de cientistas encarcerados para a sua empresa. Datou sua carta do dia 17 de julho, muito embora fosse apenas 15. Nova consideração para com Malenkov, pois espera que, dentro de mais dois dias, não estará mais sob a vigilância e responsabilidade do gorducho.

— Dorogov (Caro)... Não! Mnogou Vachaiemou (Muito respeitável)

Kapitza hesita, reflete, risca. Deve ou não empregar na carta o idioma russo? Bem sabe que Einstein conhece essa língua eslava — o próprio Ioffe já várias vezes lhe dissera isso, com admiração. Mas será que Einstein conhecia a língua em suas mínimas minúcias, não iria Kapitza obrigá-lo a um esforço muito grande por aquilo que achava tão insignificante?

— Hochverherter Meister... O alemão seria melhor acaso? Ou teria o dom de melindrar Einstein, que fora obrigado a abandonar a Alemanha? Era melhor falar em inglês.

— Dear Mister Einsten...

E prosseguiu, em puro inglês:

— Meu longo silêncio deve-se ao fato de...

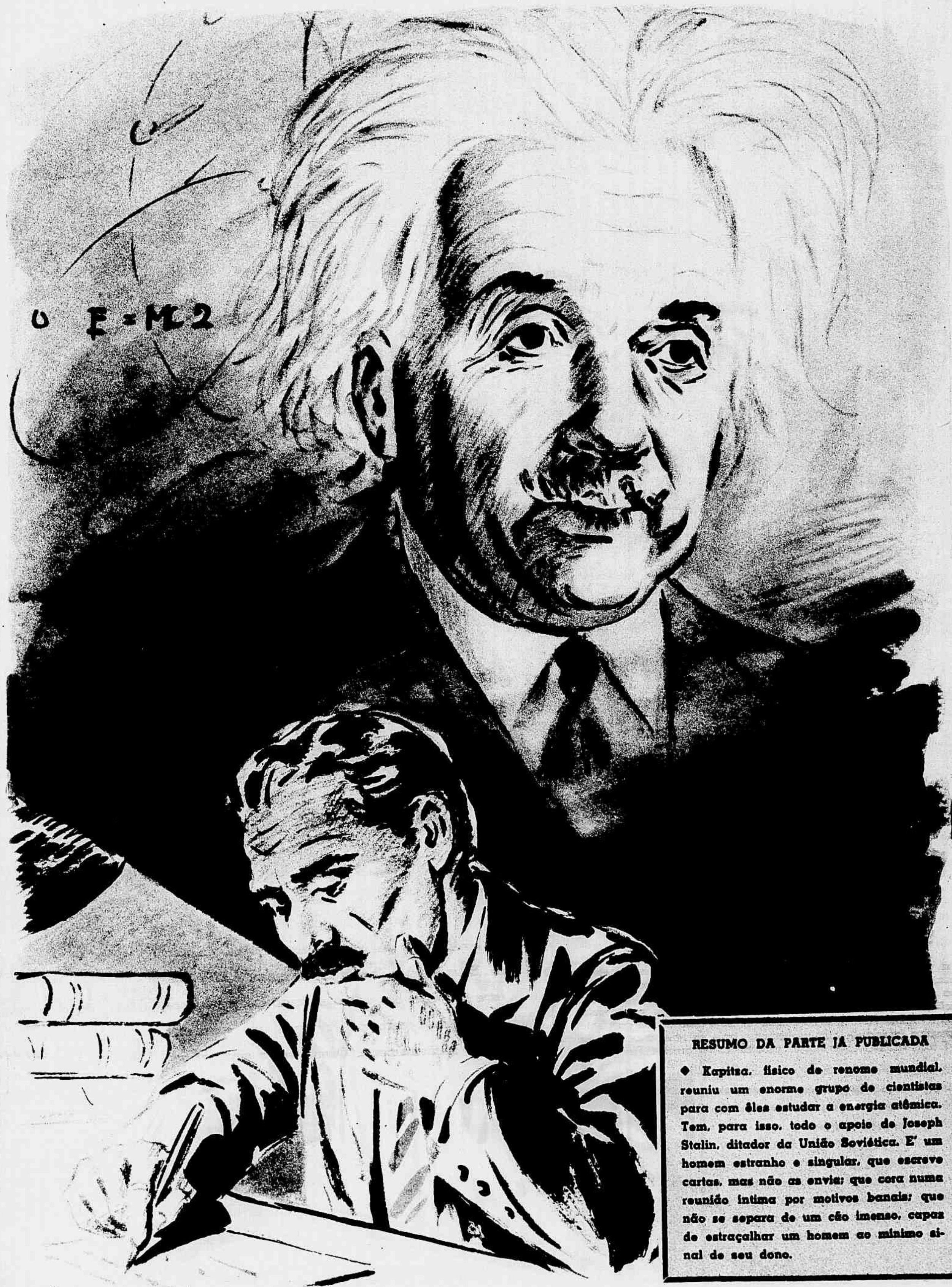
— Não (interrompeu-se mais uma vez). Para que começar dando explicações? Não disse certa vez Ruthford, em carta, a Niels Bohr, que «nós, os pesquisadores, apenas nos encontramos em nossas descobertas e é o quanto basta»? Talvez seja interessante falar de minhas últimas pesquisas. Mas qual, Einstein já sabe de tudo que eu poderia ensinar-lhe...

Depois, lembra-se das severas ordens de Stalin: tudo deve ficar imerso no mais perfeito segredo.

— A partir de agora, o senhor saberá cada vez menos de minha atividade. As notícias que lhe chegarem concernentes à minha pessoa não serão nunca de primeira mão, e por isso, peço-lhe que não acredite nelas...

(Cont. no próximo número)

EINSTEIN FOI, E CONTINUA SENDO, UM CAPÍTULO INTEIRAMENTE À PARTE NA VIDA DO FÍSICO RUSSO



RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

♦ Kapitsa, físico de renome mundial, reuniu um enorme grupo de cientistas para com eles estudar a energia atômica. Tem, para isso, todo o apoio de Joseph Stalin, ditador da União Soviética. É um homem estranho e singular, que escreve cartas, mas não as envia; que cora numa reunião íntima por motivos banais; que não se separa de um cão imenso, capaz de estraçalhar um homem ao mínimo sinal de seu dono.



Desenho de Adir

O GAMBÁ

◆ Outro dia os jornais noticiaram um «sururu» num dos subúrbios do Rio. Correria, facadas, assistência; três pessoas, uma em estado grave, foram parar no hospital. E tudo por causa de um gambá!

O cabeçalho fêz furor: «Luta de morte por causa de uma gambá!» Fui logo pra leitura. Larguei tudo. Em cima estava o futebol, ao lado, notícias frescas sobre a política quente do dia. Mas larguei tudo e fui mesmo é pro gambá. De saída notei a «mancada» do colega: não é «uma» gambá e sim: «um» gambá. Gamba é comum-de-dois; tanto macho quanto fêmea, é gamba. Gambá macho, gambá fêmea. Mas vá lá! Talvez fôsse fêmea o gambá. E aí o negócio ficava até mais interessante: dois homens brigando por uma gambá... Antes de começar a leitura, pensei ainda que bem podia gambá ser apelido de alguma mulher... Mas avancei. Desci pra letra miúdinha e caí na história do gambá... ou da gambá.

«Florindo da Silva Pedrosa mora na rua dos Crisântemos, em Braz de Pina. Ontem, às primeiras horas da noite, estando à porta de sua residência...»

◆ E aí vinha a história do «fuzué»... Chegou o outro, e a mulher de Florindo, e a vizinhança toda. E no jornal, de gambá, nada! Afinal gambá não é animal que se vê todo dia. Não é cachorro, gato, papagaio, que a gente topa todo dia, na rua, em casa ou na anedota. Gambá é animal sóbrio, discreto; não se mete com a vida da gente, nem procura intimidade com os homens, onde só teria a perder, ele sabe. E logo «dois» brigando por causa de «uma» gambá! Fui descendo na letra miúdinha, à procura do gambá. Fui correndo, correndo por cima do sangue, que nessa altura já corria do Florindo, descendo pela cheirosa rua dos Crisântemos, talvez àquela hora irreconhecível, cheirando a gambá. E de gambá, mesmo, nada! Mas fui, fui correndo pelo jornal, à cata do gambá. Por fim, saltava; a princípio as últimas sílabas, depois palavras inteiras, mais tarde a linha toda. Só procurava, só queria ver reunidas as cinco letras que formariam o nome: um «G», um «A», um «M», um «B», um «A com acento». Gambá! Correndo, correndo, já chegava ao fim, enveredando por todos os caminhos por onde pudesse se meter um gambá. E cheguei mesmo. Acompanhei Florindo, mulher e rival até o «nosocômio» (sic!). E de gambá, nada!

Só então percebi que comera gambá errado. Ou errada?

ARNAUD PIERRE



Por FRED DOERFLINGER

EXCLUSIVIDADE para a REVISTA DA SEMANA, pelo I.N.S.

(Segundo de Uma Série de Quatro Artigos)

◆ **RESUMO:** A Princesa Margaret da Grã-Bretanha paga agora, pessoalmente, suas próprias contas durante seus giros pelo comércio de Londres. Em um país governado pelas tradições, isso constitui um fato de sensação e uma quebra formal de protocolo. Contudo, essa é apenas uma das regras da realeza que Margaret rompeu desde que terminou seu romance com Peter Townsend. Este é o segundo capítulo da nova existência da Princesa, localizando as mudanças ocorridas na sua maneira de viver, desde que terminou aquele famoso romance. E fique sabendo que Lord Plunkett e Billy Wallace são dois dos solteiros "mais elegíveis" para conquistar a mão de Margaret, com quem são vistos frequentemente. Quem será o felizardo que acabará sendo o cunhado da rainha Elizabeth? Fred Doerflinger, veterano correspondente do Palácio de Buckingham, relata nesta série, as alterações na vida pública de Margaret, como Princesa, e na sua vida particular, como mulher encantadora, nos oito meses que transcorreram desde quando ela escolheu o dever sobre o amor.

É ASSIM A NOVA

PRINCESA MARGARET

◆ LONDRES (Julho - 56)

MARGARET Rose, a princesa, vem de converter-se em qualquer coisa parecida com uma Cinderela ao contrário, em apuros, para encontrar seu príncipe entre os que a acompanham e tem sangue azul, riqueza e prestígio social. E que ainda menos pode reclamar o seu príncipe, entre os que não estão incluídos nesse grupo privilegiado.

Contudo, com sua nova independência e sua liberdade por conta própria, a princesa tem tido melhores oportunidades de conhecer seus acompanhantes, na vida particular, em apartamentos onde residem pessoas de suas novas relações e em muitos lares campestres. Quem diria, outrora, que uma princesa do melhor sangue azul frequentaria as casas de seus vassallos? Hoje é assim...

Faz oito anos, o rei Jorge VI prometeu a sua filha menor — a jovem mais mimada e encantadora da realeza britânica desde a rainha Maria da Escócia — que poderia contrair matrimônio com o homem de sua preferência... sem maiores detalhes. Mas aconteceu que Margaret viesse a enamorar-se de um plebeu divorciado, o herói da RAF chamado Peter Townsend. E deu-se o «embroglio».

A medida que aumentava seu amor por Townsend, outros membros elegíveis do seu «grupo», iam contraindo matrimônio. E o número ia vez a vez ficando mais reduzido para que dentro dele Margaret fizesse a sua escolha. Entre esses, estavam Lord Dalkeith, por muitos anos considerado o favorito da princesa, embora viesse a concluir-se, mais tarde, que havia precipitação nesse julgamento; Lord Ogilvy, um dos homens mais distinguidos no registo de De-brett; Mark Bonham-Carter, a quem Margaret costumava criticar seus chapéus ridículos; e Lord Porchester, herdeiro presuntivo ao Condado de Carnarvon. Qualquer um deles poderia ter sido normalmente o marido da princesa Margaret.

Pois a lista dos que foram saindo pelo portal do casamento, aumentou em junho último, quando se anunciou o matrimônio de Lord Carnegie, de 27 anos de idade, um dos solteiros mais elegíveis da Grã-Bretanha e que por muito tempo serviu de acompanhante de Margaret. Ele se casará com Carolina Cecely Dewar, herdeira de uma grande fortuna nas indústrias do uísque. Muitos cidadãos ingleses, nesse dia, suspiraram pesarosos: desaparecia mais um candidato à mão da sua princesinha.

A conclusão do romance de Margaret com Townsend, mostrou quão limitadas eram as promessas de seu falecido pai. Contudo, a princesa permanece tão determinada a amar, quanto o estava quando a rainha Elisabeth contraiu núpcias com o príncipe Felipe. Nessa ocasião, embora ainda muito moça, Margaret manifestou à sua família ter a mesma disposição que



A moda, na Inglaterra, obedece agora aos figurinos de Margaret que assim apareceu em um teatro: Chapéu «casquete», casaco de veludo e meio-véu. Dizem que as jóias usadas pela princesa, em público, são «doubles» de menor valor.



Princesa Margaret

sua irmã: só viria a casar-se por amor e nunca para satisfazer aos interesses da coroa...

Embora o grupo de solteiros aristocratas e de fortuna, elegíveis, tenha reduzido de número, a variedade de personalidades é muito ampla, e vai desde o despreocupado, mas pouco atraente Billy Wallace, até o bom moço, cordial e alegre rev. Simon Phipps.

Não faz muito, Margaret foi acusada de não tomar o menor cuidado na seleção de suas amizades, o que indica apenas isto: a princesa tem aumentado consideravelmente o seu «grupo». Os fins de semana, passa-os geralmente em casa de velhos amigos como o marquês de Albergavenny e esposa, ou então assiste a festas como a recentemente oferecida em honra de lord Porchester e sua esposa de Wyoming, cujo nome de solteira era Jean Wallop.

Os idílios verdadeiros e de perigosas consequências, não florescem em público, como bem pôde comprovar Margaret no seu rumoroso caso com Peter Townsend. Só durante seus frequentes passeios a cavalo, de automóvel ou em festas íntimas, reuniões campestres e solenidades extra-oficiais, pode a princesa permitir que alguém se dirija a ela sem tratá-la por «Madam» ou «Sua Alteza Real». O pretendente que comete um erro em público é eliminado rápido e implacavelmente, sem dó nem piedade.

Logo que Margaret assiste a um espetáculo na companhia de um novo «candidato», os rumores inventam um romance. Faz dois meses, ela compareceu a um espetáculo de caridade, em certo «night-club» londrino acompanhada por uma dúzia de pessoas que incluíam o príncipe Christian de Hanover. As «manchetes» dos jornais do mundo inteiro deram largas ao rumor de que muito breve a princesa estaria comprometida com esse nobre alemão de 36 anos. E muitos quiseram insinuar que bem depressa ela havia esquecido o seu «grande amor». Mas esse boato foi negado publicamente por Margaret, sendo essa a primeira vez que um membro da família real assume tal atitude e desce a dar uma explicação ao público.

Na sua infância, Margaret era chamada, em ar de pilhéria, «La Coquette». Faz alguns anos, disse a maior mentira de sua vida, ao cantar as palavras de uma toada da peça musical norte-americana «Kiss me Kate», que assim podem ser traduzidas: «Odeio aos homens... Não posso suportá-los... Nem sequer de vez em quando...»

Durante os últimos meses, Margaret tem ido ao teatro e assistido a festas com frequência maior que a de seu hábito antigo. Por isso, poucas pessoas dão crédito ao rumor de que depois de seu rompimento com Townsend, havia prometido a si mesma (ou ao capitão?) de não se casar nunca. É muito mais provável que ela venha a encontrar seu Príncipe Encantado, entre estes jovens ou outros solteiros igualmente elegíveis, favorecidos e aprovados:

Billy Wallace: — Margaret a seu respeito assim se manifestou em uma roda de amigas: — «É a companhia de que mais necessito quando quero divertir-me em forma».

William E. Wallace: Não tem título de nobreza, mas possui cerca de três milhões de dólares como atrativo. Foi um acompanhante assíduo desde 1948. Possui um delicioso «sense of humor», suficiente desconsideração pelas normas protocolares e «encanto explosivo como a rolha de uma garrafa de champagne».

Reverendo Simon Phipps: Um dos jovens favoritos de Margaret, é um alegre e amável ministro anglicano, herói da segunda grande guerra. Dança admiravelmente. A princesa é também alegre e profundamente religiosa. Frequentou assiduamente a igreja quando morreu seu pai muito querido, em busca de consolo, e obedeceu aos princípios da sua religião quando a igreja decidiu que «não poderia contrair matrimônio com o capitão de grupo Peter Townsend».

Agora é comum encontrar a princesa, sozinha em trajes modestos, de lenço, sapatos e meias «soquete», quando resolve fazer suas compras ou então alguma visita sem cerimônia.



No dia em que completou 25 primaveras, Margaret deu uma recepção no castelo de Balmoral, sem grande protocolo, à qual compareceram três de seus pretendentes: Billy Wallace, Colin Tennant e lord Carnegie. O grande ausente foi Townsend. Na gravura, a princesa e os príncipes, seus sobrinhos.

Phipps conheceu a família real durante vinte dos trinta e quatro anos de sua idade. Desde alguns meses os retratos exuberantes de Margaret alegam a triste e melancólica sacristia de sua velha igreja paroquial em Huddersfield. Explicando a presença dos retratos, Phipps disse que Margaret «é uma pessoa muito devota e além disso, adorável»...

Lord Plunkett, renomado detentor de um título que remonta a 129 anos, andou «saindo muito» com Margaret. É um jovem de trinta e dois anos que presta seus bons serviços na mesma função desempenhada por Peter Townsend. Está sempre disposto (pudera!) a acompanhar a princesa. Margaret, obviamente, está muito sa-

tisfeita em o ter à sua disposição, desde que saíam juntos e freqüentaram uma «boite», apenas nove dias depois de rematado o histórico romance com Townsend...

Do conde de Wilton, ela mesma disse que «nossos passos marcham em uníssono». O conde tem 35 anos de idade, é alto e louro, tem sangue azul e um milhão de dólares em um banco de Londres. Acresce que o jovem agricultor e político, sabe como divertir e entreter suas amizades. Principalmente as femininas. Foram ele e Judy Montagu os organizadores da grande festa, muito animada e alegre, que Margaret chamou com certo propósito, «a minha festa do ano».

Tudo isso, em resumo, faz crer que ou a princesa Margaret é uma jovem frívola, pronta a esquecer um romance com outro, encontrando facilmente substituto para cada um de seus «flirts», ou então, sabe disfarçar admiravelmente os seus verdadeiros sentimentos. Isso de ir a uma «boite», rir, dançar e tomar seus aperitivos com outro, nove dias depois de ter sido obrigada a rematar seu romance com o piloto da RAF, é muito sintomático: disfarça o sofrimento ou esquece com facilidade?

Quanto a casamento... até agora, tudo muito vago. Aguardemos o outro capítulo desta reportagem para conhecer melhor esse detalhe.

Desânimo Abatimento



Desânimo, abatimento, mau humor, palpitações, ansiedade, excitações nervosas, dores de cabeça e outros distúrbios mais sérios da saúde podem ser causados pelas inflamações dos importantes órgãos útero-ovarianos.

Quando estes órgãos não funcionam normalmente, o gênio da mulher altera-se quase sempre, e ela pensa, não raro, que está sofrendo de muitas doenças, sem desconfiar, nem se lembrar, que os seus males podem ser provenientes de congestões e inflamações útero-ovarianas.

Em semelhantes casos, uma boa medicação descongestionante exercerá efeito salutar sobre todo o organismo, e a mulher sentir-se-á outra: reanimada, bem mais disposta e contente com a vida, que lhe parecia, antes do tratamento, um pesado fardo.

Trate-se

Use Regulador Gesteira

Regulador Gesteira é o remédio de confiança para tratar as congestões e inflamações dos órgãos útero-ovarianos, que tão desfavorável repercussão costumam ter no sistema nervoso.

Comece hoje mesmo

a usar Regulador Gesteira

EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE
A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 280.00 — Casal 380.00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)

SÃO PAULO — End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»



EM QUALQUER PONTO DO BRASIL QUE V. S. RESIDA

O MUNDO

PORTUGUÊS

UM JORNAL PARA O BRASIL E PORTUGAL

Estará Todas as Semanas ao Seu Alcance. Seja Assinante Dêste Moderno Semanário e Esteja em Dia Com os Acontecimentos da Pátria de Camões!

Assinaturas:

AV. RIO BRANCO, 277 - 12.º - GRUPO 1.203 FONE 32-0499
RIO DE JANEIRO

PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA COLUNA DE TESTES

1—Matho é personagem de que romance de Flaubert:

- Madame Bovary?
- Salambô?
- Education Sentimentale?

2—Marco Antônio perdeu seu prestígio na Batalha de:

- Micalé?
- Lepanto?
- Actium?

3—«The Beggar's Opera» é de:

- John Gay?
- Henry Purcell?
- Vaughn Williams?

4—«Dost Thou not see my baby at my breast, that sucks the nurse asleep?» — verso de:

- Otelo?
- Romeu e Julieta?
- Antônio e Cleópatra?

5—Qual desses pintores holandeses esteve no Brasil:

- Franz Post?
- Franz Hals?
- Franz Verbeeke?

6—«O coração da infância, eu lhe dizia» — assim começa um soneto de:

- Olavo Bilac?
- Emílio de Menezes?
- Raimundo Correia?

7—A noite de São Bartolomeu propiciou o aparecimento de:

- Messiada, de Klopstock?
- Henriade, de Voltaire?
- Os Bandidos, de Schiller?

8—«Funeral de um Rei Nagô» é uma canção de:

- Camargo Guarnieri?
- Heckel Tavares?
- Villa-Lobos?

9—«Versta» é unidade ainda usada:

- na Grécia?
- Na Rússia?
- na Rumânia?

10—Que é «Taroco»:

- Dança espanhola?
- O mesmo que «idiota»?
- Jogo de baralhos?

11—Que têm em comum esses homens:

- Fadeiev?
- Van Gogh?
- Schumann?

12—São Josafá encarna, na Igreja Católica, a figura de:

- Esculápio?
- Buda?
- Salomão?

13—A capital da Arábia é:

- Meca?
- Medina?
- Er Riad?

14—Rosenkreutz foi o fundador:

- da Alquimia?
- da Fraternidade Rosa-Cruz?
- da «Christian Science»?

15—Que compositor abandonou a música relativamente cedo, para viver comodamente em Paris:

- Cesar Franck?
- Prokofiev?
- Rossini?

CLASSIFICAÇÃO: — Resposta 0: estado primitivo — homem-macaco; de 1 a 3: cultura inferior — selvagem; de 4 a 6: cultura média — estudante ginásial; de 7 a 11: cultura superior — universitário; de 12 a 14: um sábio; todas as 15: um gênio em pessoa.

RESPOSTAS: 1 — Salambô; 2 — Actium; 3 — John Gay; 4 — Antônio e Cleópatra; 5 — Franz Post; 6 — Raimundo Correia; 7 — Henriade, de Voltaire; 8 — Heckel Tavares; 9 — na Rússia; 10 — Jogo de baralhos; 11 — Todos eles se suicidaram; 12 — Buda; 13 — Er Riad; 14 — da Fraternidade Rosa-Cruz; 15 — Rossini.



Palácio da Reitoria da Universidade da Bahia

A UNIVERSIDADE DA BAHIA

O PRIMEIRO DECÊNIO DE FUNDAÇÃO. AS COMEMORAÇÕES. UMA DATA DO ESTADO E DO BRASIL

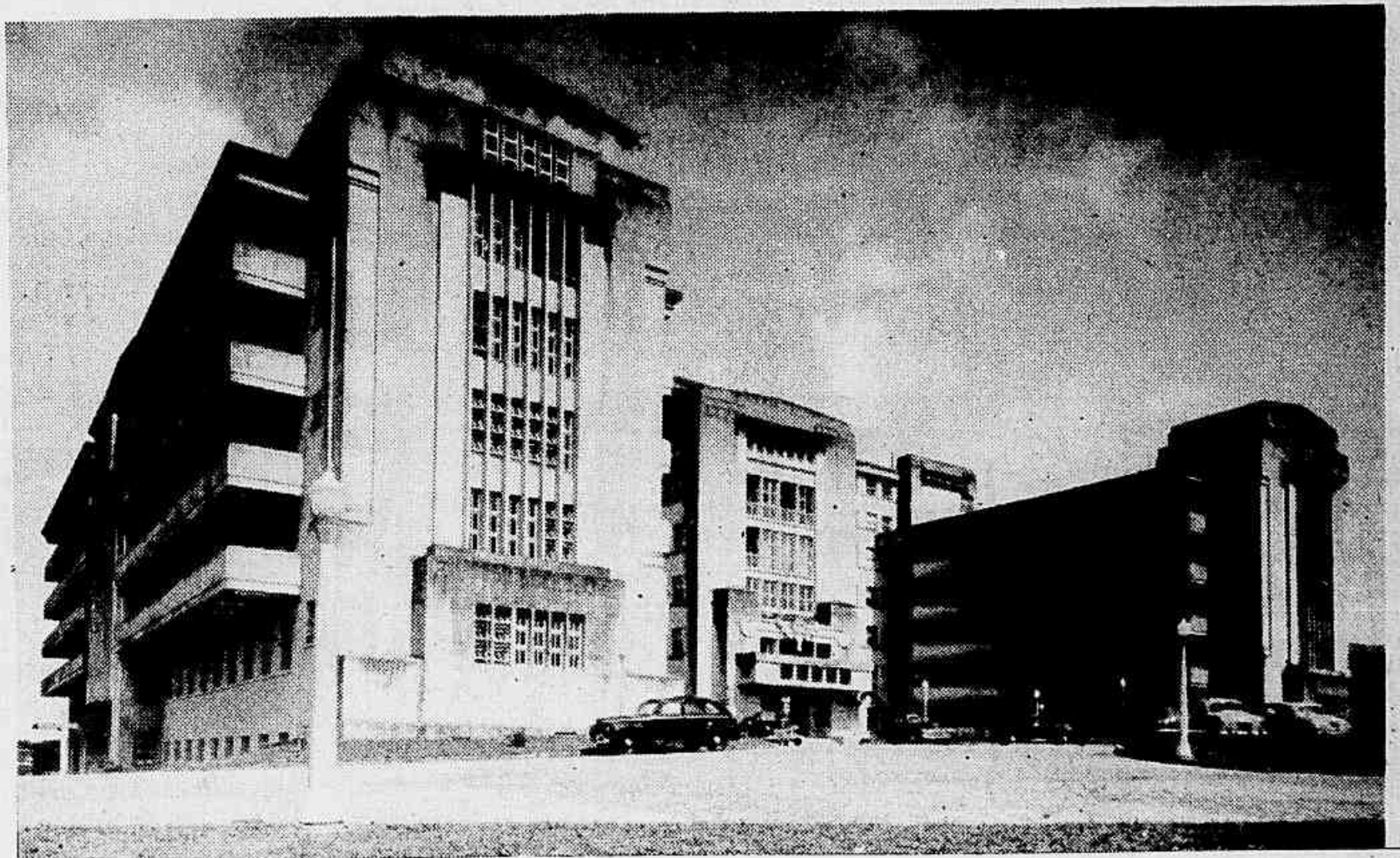
Reportagem de JOSÉ RIBEIRO DE FARIAS

A Bahia comemorou com várias solenidades o décimo aniversário de fundação de sua Universidade, na primeira semana de julho corrente.

No dia 2 de julho de 1946, instalava-se solenemente, na Cidade do Salvador, a Universidade da Bahia, criada por Decreto-Lei federal nº 9.155, de 8 de abril de 1946. Assim nasceu a Universidade de que tanto os estudantes baianos se orgulham.

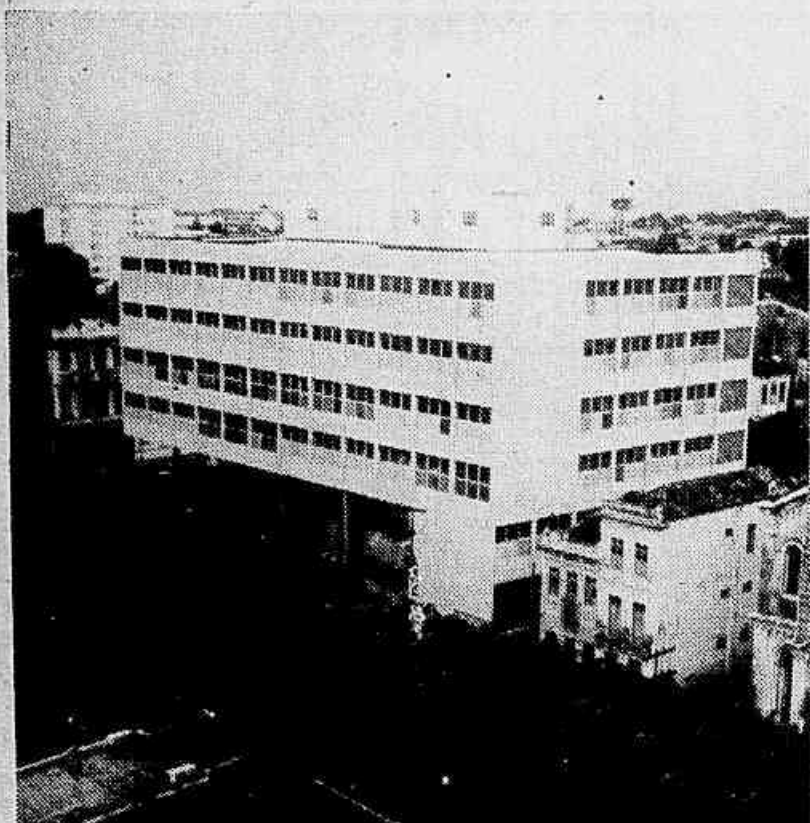
Nunca é demasiado dar o devido realce ao papel decisivo e eficiente que a Universidade da Bahia tem assumido nos últimos anos, para o engrandecimento da cultura baiana. Em Salvador, nenhum acontecimento no setor científico se passa sem que tenha partido da Universidade. Efetivamente, nestes dez anos de existência profícua, tem cumprido de tal modo sua verdadeira missão, que pode ser considerada, em seu gênero, a Universidade padrão em todo o Brasil.

Se, no entanto, a Universidade goza desse prestígio, apesar de ser um esforço coletivo, um trabalho de equipe, é imprescindível que ressaltemos a atuação do seu Magnífico Reitor, pelo seu labor construtivo, pela sua afeição sem limites e pelo seu denodado amor a tudo que se relacione com o ensino superior na Bahia. Várias têm sido suas realizações, cumprindo destacar, entre outras, as seguintes:



O monumental e modelar Hospital das Clínicas

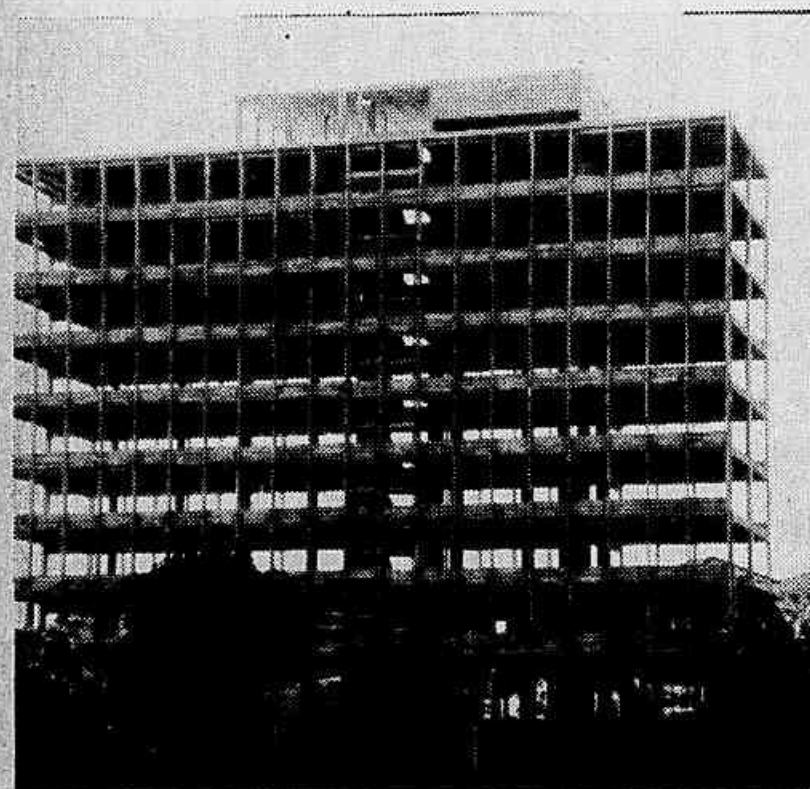
A UNIVERSIDADE DA BAHIA



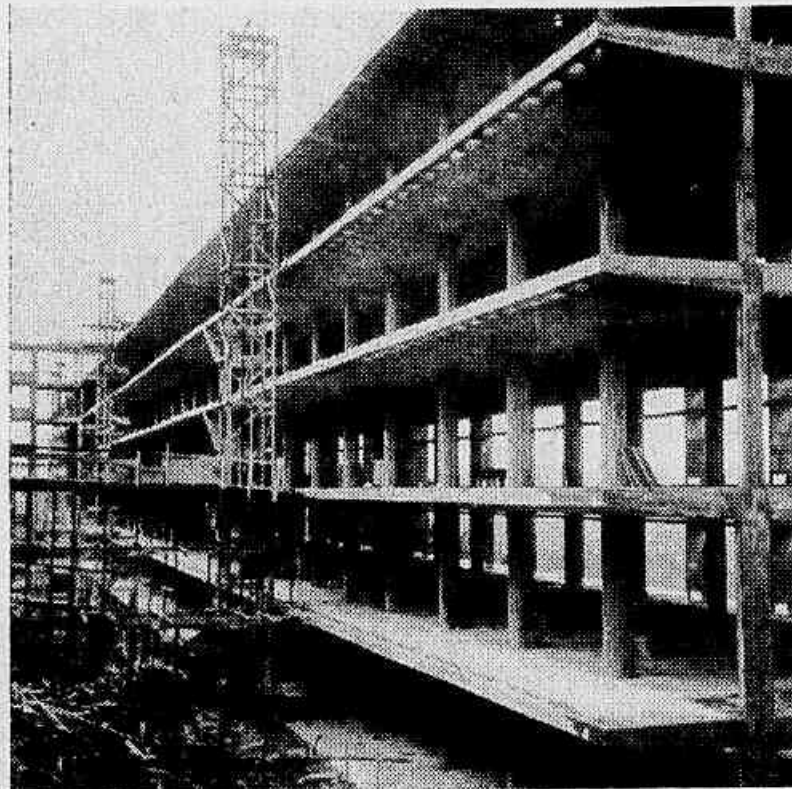
Edifício da Faculdade de Ciências Econômicas



Casa da França — incentivo à cultura baiana



Novas instalações da Faculdade de Odontologia



Construção da nova sede da Escola Politécnica

- a) O Hospital das Clínicas, que veio tornar mais eficiente o ensino médico na Bahia;
- b) A Escola de Enfermagem, por onde já passaram várias turmas de jovens enfermeiras;
- c) A Reitoria, de que se orgulha hoje toda a Bahia;

- d) Reforma completa da Escola de Belas Artes;
- e) Aquisição de novo prédio para a Faculdade de Farmácia;
- f) Edificação de novo pavilhão para a Faculdade de Filosofia;

g) Construção do edifício da Escola Politécnica;

h) Construção da Faculdade de Ciências Econômicas;

i) Criação dos Seminários Internacionais de Música e funcionamento regular dos Cursos Livres de Música;

j) Construção do novo edifício da Faculdade de Odontologia;

k) Instalação do Curso de Teatro, que possibilitará, dentro em breve, a criação do Teatro Universitário.

l) Construção da Casa de França;

m) Edificação do novo edifício da Faculdade de Direito, cujo projeto já aprovado, está em fase de concorrência para início imediato das obras;

n) Residência do Universitário, que abriga os jovens do interior da Bahia e de outros Estados da Federação, mediante, apenas, a taxa mensal de Cr\$ 180,00;

o) Restaurante do Universitário, onde, pagando somente Cr\$ 3,50, o universitário recebe uma refeição nutritiva e sadia;

p) Casa da Universitária, velho sonho das moças que cursam as Faculdades baianas;

q) Serviço Médico da Universidade, que presta assistência inteiramente gratuita a todos os universitários, fornecendo-lhes todos os medicamentos;

r) Serviço Odontológico, que atende, também gratuitamente, a todos os acadêmicos, em qualquer serviço de Clínica e Cirurgia Dentárias;

s) Serviços de Barbearia e Engraxataria, onde o universitário paga apenas Cr\$ 2,00 pelo corte do cabelo e Cr\$ 1,00 pelo lustro de um par de calçados;

t) Balneário do Universitário, que possibilita aos universitários, a prática dos esportes aquáticos;

u) Cinema do Universitário, que exhibe 3 vezes por semana, filmes educativos e recreativos;

v) Cantina do Universitário, onde o estudante adquire grande número de artigos pelo preço de custo. Isto, para citar apenas as realizações mais importantes.

No setor da Assistência ao Estudante, vale assinalar que até mesmo festas dançantes, co-



A bela e moderna Escola de Enfermagem baiana



Casa da Universitária — assistência às jovens



Outro aspecto da Residência do Universitário

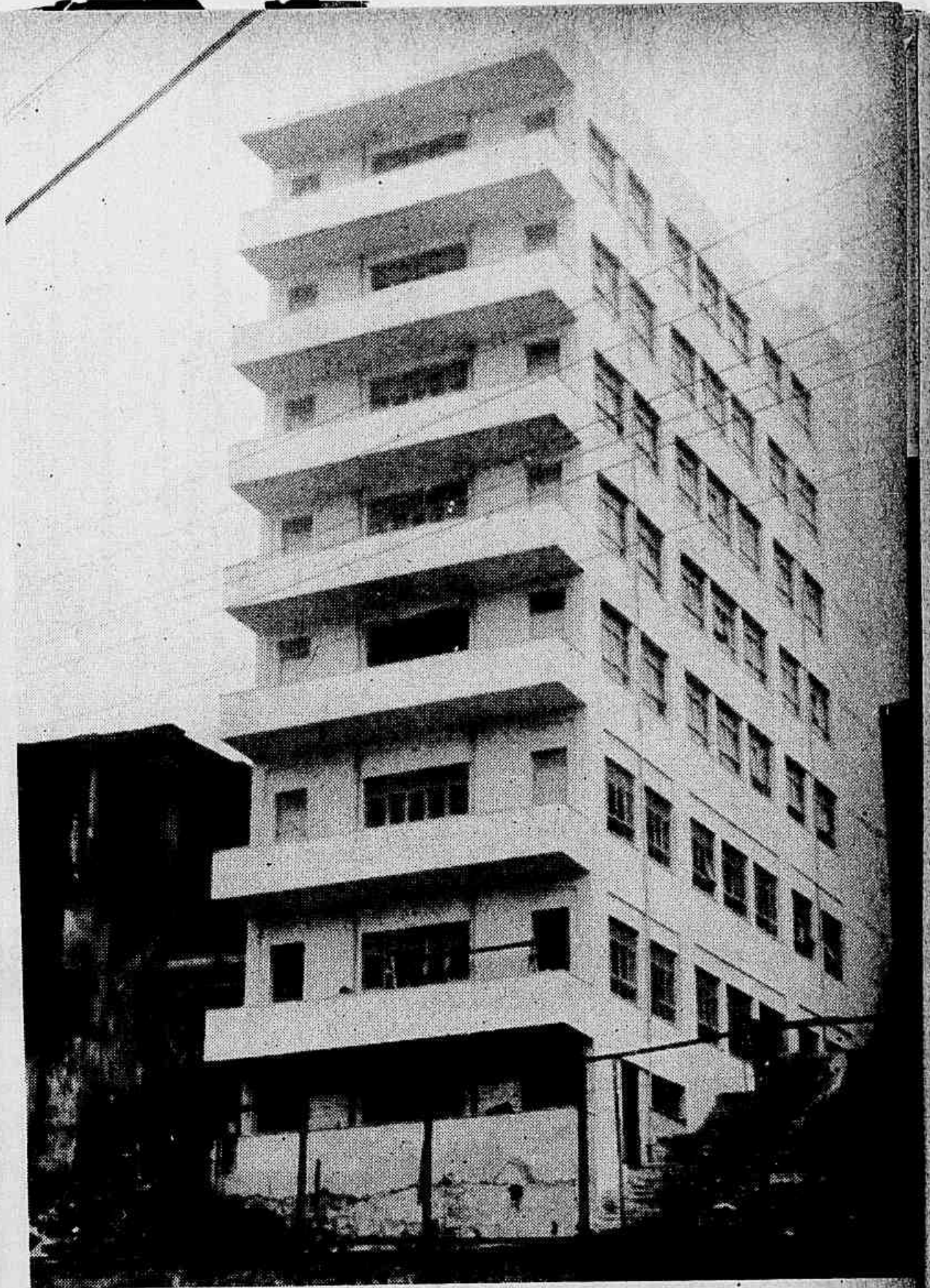
memorativas dos aniversários natalícios dos universitários, são realizadas mensalmente, ao ar livre, no rink da Residência do Universitário — o maior e o mais pitoresco da cidade, nas quais, o «buffet» é inteiramente gratuito.

Dentre as festividades que se realizaram em

comemoração ao Decenário da Universidade, queremos destacar a inauguração da **Casa da Universitária**, da nova sede dos **Seminários de Música**, do majestoso **Edifício da Faculdade de Ciências Econômicas**, a realização do **Congresso Nacional de Educação** e o **Festival de Mozart**.

com que os **Seminários Internacionais de Música**, iniciaram, este ano, as suas atividades.

Nas fotos que ilustram a presente reportagem, os leitores poderão ter uma idéia de algumas das realizações do professor Edgard Santos, Magnífico Reitor da Universidade da Bahia.



Pavilhão da Faculdade de Filosofia da Bahia



Aprazível recanto do Restaurante Universitário



Vista do rink da residência do Universitário

NÃO CONHEÇO NEM QUERO CONHECER NENHUM VARGAS

(Com exceção do falecido Presidente)

Pela primeira vez, o homem que possui os famosos bilhetinhos do presidente suicida, acede em fazer revelações sobre os EE.UU.-Rússia — os generais Lott e Zenóbio - Juscelino - Ademar - Eduardo Gomes e outros vultos de antes e depois do 24 de agosto

— Lourival, Osvaldo Aranha e Tancredo Neves VIRAM Getúlio assinar a carta-testamento — Dia e hora — E as cinzas do cigarro americano caem sobre o tropical inglês e os acontecimentos idos... «Não recuo diante de ameaças e terei para eles uma boa solução».

Reportagem de COELHO DE SOUZA

UM ESCLARECIMENTO

♦ Devo explicar aos leitores que os originais desta reportagem foram submetidos à aprovação do senador Lourival Fontes. Ele os achou perfeitamente fiéis e são reproduzidos sem alteração de uma vírgula. Mas quando os entreguei à redação, o secretário chamou a minha atenção nestes termos:

— Você diz que em companhia de Osvaldo Aranha e Tancredo Neves, o Lourival viu quando o presidente Vargas assinou a carta...

— De fato.

— Mas então sabiam, os três, que Getúlio pensava no suicídio!

Senti que me cabia dar um esclarecimento aos leitores, para evitar malentendidos. E para não alterar o original aprovado pelo entrevistado, aqui vai separadamente essa explicação: Quando o sr. Lourival Fontes me deu aquele informe, fiz-lhe a mesma pergunta e sua resposta foi esta:

— O presidente Getúlio Vargas estava disposto a resistir, a lutar. Contando com alguma consequência dramática, redigiu a carta. Isso aconteceu após a última reunião do Ministério (terminada às 23.30 do dia 23 de agosto). Ele a assinou, chamou o Jango e entregou-a, dizendo:

— Não abras este envelope, por enquanto. Vai para o Sul e sentirás o momento de ler o que aqui está escrito.

Sem demora Jango viajou para São Borja, e por ocasião do suicídio (8.10 da manhã do dia 24), ele se encontrava em sua fazenda, nos Pampas.

— E como foi feita a divulgação da carta aqui no Rio? Por quem?

— Quando o senador Lourival foi ao quarto do suicida, logo após o ato praticado, encontrou em cima de uma mesinha, várias cópias dessa carta, que deu então à publicidade.

— E quem a datilografou?

— Não me lembro — respondeu o entrevistado. Mas deve ter sido qualquer pessoa lá mesmo, no Palácio.

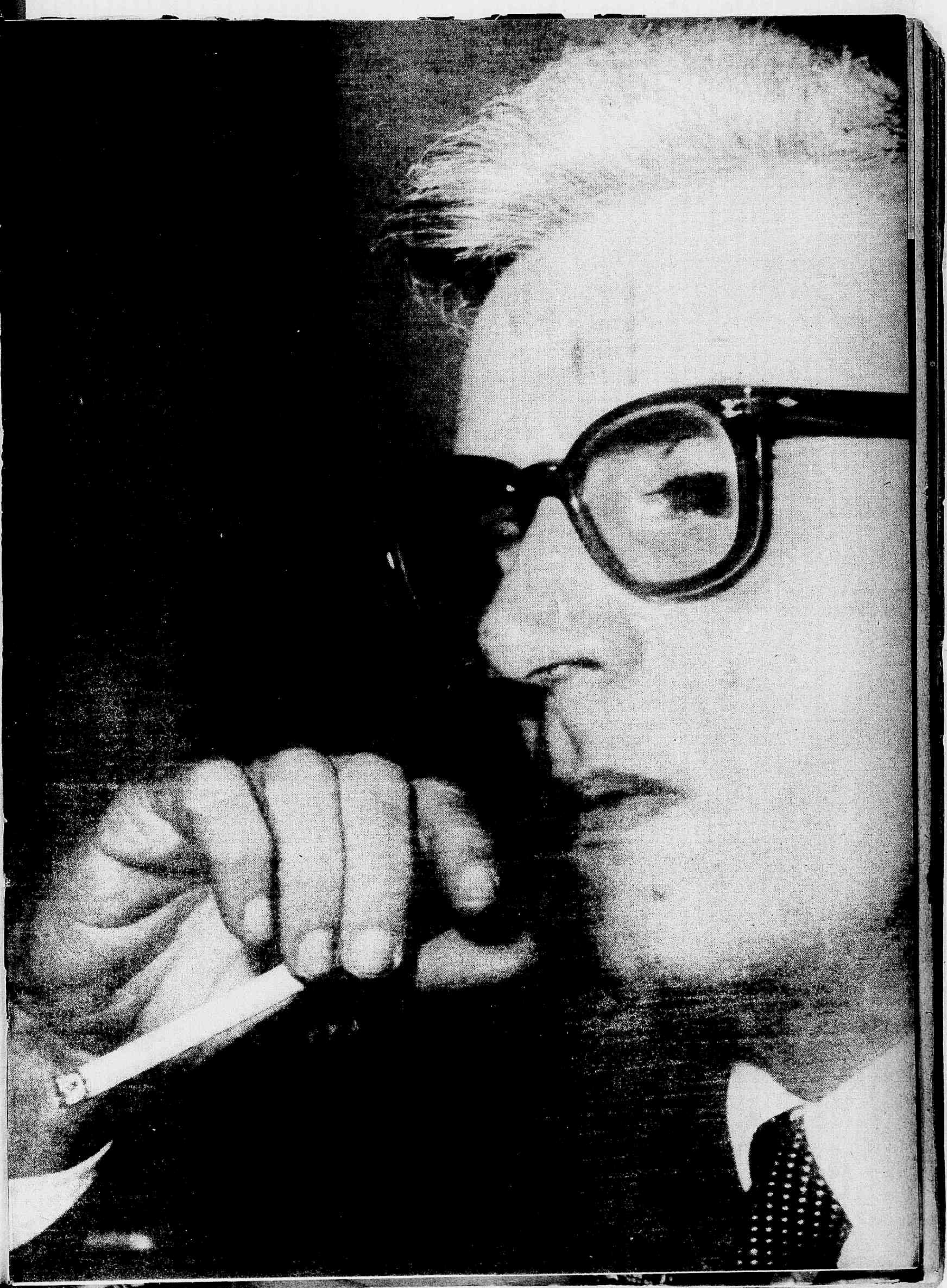
QUANDO se entrevista o senador Lourival Fontes, é sempre mais aconselhável dividir-se a palestra em três partes: política internacional, política nacional antes de 24 de agosto e política nacional «post» 24 de agosto. Dentre as três, a que mais empolga o antigo diretor do D.I.P. é sempre a internacional. Lourival Fontes tem o seu jeito muito especial de externá-la. Fumando, sem parar, o americano e grande «Pall Mall», não descansa. Com o pequenino intervalo de tirar da piteira (muito feia, aliás) o cigarro já fumado e de apanhar outro, o senador Lourival está sempre tragando e deixando cair cinzas sobre o terno de tropical inglês.

Sem se abalar e como ato de pura rotina, sacode a roupa e continua criticando a política «yankee».

— Afinal de contas, não somos crianças, vai dizendo, sentido e magoado, ao referir-se ao tratamento que temos recebido dos EE. UU.

• POLÍTICA INTERNACIONAL

Fazemos questão absoluta de não comentar uma frase sequer do nosso entrevistado. Quem acusa os Estados Unidos e quem é aplaudido em Moscou é o senador Lourival Fontes.



Lourival, O. Aranha e T. Neves VIRAM Getúlio assinar a Carta - Testamento

— Senador, lemos em um vespertino que seu último discurso, aqui no Senado, havia sido muito bem recebido em Moscou. Que nos diz sobre isso?

«— Eu não elogiei propriamente a política externa da Rússia. Comparei, apenas, a maneira de tratamento que dispensam aos seus amigos, a U.R.S.S. de um lado e os E.E.U.U. de outro. Focalizei a desigualdade no tratamento e o que há de verdade, atrás das palmadinhas nas costas que nos dão os americanos.»

Outro cigarro jogado fora, outra enorme cinza caída sobre o paletó e outro «Pall Mall» aceso.

«— Quem, como eu — prossegue — pôde viver os dramas de bastidores de uma nação sul-americana, pode sentir, sem sombra de dúvida, o menosprezo que nossos irmãos do norte têm por nós. Claro, não devo me expandir muito, senão serei taxado de comunista. Contudo, vamos a um exemplo, que tenho plena autoridade para comentar, pois vi a sua gestação e infelizmente vi o seu aborto. Quando ainda era ministro da Fazenda o sr. Horácio Láfer, foi ele encarregado pelo Presidente Vargas, de presidir as negociações de um empréstimo para nosso país, na ordem de quinhentos milhões de dólares. A coisa andou e marchou. O sr. Láfer foi aos Estados Unidos e só faltava entrarmos na posse do citado empréstimo, quando recebemos um «pedido» — ponha esse pedido entre aspas — para o envio de tropas para lutar na Coréia. Com a maior boa vontade, o dr. Getúlio se dispôs a examinar o «pedido» e após o parecer dos Estados Maiores e reuniões do Ministério, foi distribuída uma nota oficial, por mim redigida e assinada por todos presentes, em que se dizia ser totalmente impossível e impraticável atendermos a este

«pedido», enviando tropas para lutar na Coréia. Daí, então, veja bem a «coincidência» — também ponha aspas na coincidência — o nosso empréstimo em tão adiantado estado de gestação, abortou. Não preciso comentar mais. Os fatos falam por si».

Outro cigarro é aceso sem quebrar o ritual das cinzas. E prossegue o ex-chefe do gabinete civil da Presidência:

«— Moscou me aplaudiu porque eu discurssei dizendo que, quando a Rússia se propõe a um acordo com qualquer nação, só pede em troca a neutralidade dessa nação. Vamos comprovar — continua Lourival — com casos concretos, o que acabo de dizer: não existe mais parte ocidental nem parte oriental. O que de verdade temos, é um mundo adjacente. Essa política egoísta dos E.E.U.U. fez com que o Egito, a Iugoslávia e a Índia se entendessem com a Rússia. Enquanto os americanos ganham Israel, perdem o mundo árabe, enquanto conquistam o Paquistão, perdem a fabulosa e interessantíssima Índia. Essa é a política unilateral dos acordos firmados pelos Estados Unidos. Vejamos agora a Ásia, África e América do Sul. Dêstes três continentes, a Ásia, importante e tão desejada, já se incorporou às negociações de neutralidade de Moscou. A África, que agora se liberta e vai paulatinamente se firmando como continente de nações independentes, em apenas cinco anos, deverá comungar com os homens de Bulganin. Quanto à nossa América do Sul, que outro rumo, senão o da Ásia e África, poderemos prever para ela, se persistir essa política de palmadinhas nas costas e o desejo de nos arrancar o petróleo, a monazita e todas as riquezas que temos?»

Quando analisa a política internacional, o senador Lourival Fontes é empolgante, tirando-nos mesmo o espaço que temos para a nossa

3 POLÍTICA NACIONAL

Lourival Fontes, note-se, não tem dissabores nem ressentimentos de seus inimigos por ocasião do 24 de agosto. Sobre sua eleição declara:

«— Não devo a ninguém minha eleição para o Senado. No dia 25 de agosto de 1954, reuni todos aqueles políticos que lançaram minha candidatura, e os desobriguei de tudo o que havíamos combinado. Não aceitaram, continuei candidato por eles apoiado e fui eleito.»

— Senador, o que existiu realmente entre cinco e vinte e quatro de agosto, que o público ainda desconheça?

«— Se o público desconhece, não sei; porém, como fatos pouco divulgados, temos: a indicação do nome do general Teixeira Lott para Ministro da Guerra do sr. Getúlio Vargas, feita por mim e pelo general Caiado; prosseguindo, a indicação do general Odílio Denys também para Ministro, feita pelo Danton Coelho, tudo isso, por ocasião do Memorial dos Coronéis e a saída do General Espírito Santo Cardoso da pasta da Guerra, somando-se ainda, a inexplicável nomeação do General Zenóbio para o cargo.

Aliás, falando sobre o general Zenóbio, o senador acrescentou que, na noite de 23 de agosto, ele (Zenóbio) disse a Vargas que o Memorial dos Generais, naquela hora, já contava com 34 assinaturas. Depois viria a saber que eram apenas 19...

— Outro assunto, que ainda se comenta, dividindo opiniões é o da famosa carta-testamento. Eu, Osvaldo Aranha e Tancredo Neves, os mais próximos, vimos quando o Presidente Vargas a assinou no dia vinte e três de agosto, às 23,30 horas. O resto, o público já sabe.»

— E atualmente, senador, como vê V. Ex.^a o governo do sr. Juscelino?

«— Todo presidente eleito no Brasil, se for bom, nos dará cinco anos de progresso, alegria e satisfação. Se for mau, teremos cinco anos de desilusões, sofrimentos e atraso. Em qual dos dois você coloca o Juscelino?»

Nada respondemos. Especificando mais a pergunta, tivemos a resposta de que «falta ao governo um conjunto de planos para debelar as crises econômico-político-sociais». O senador não gosta da política financeira do sr. Alkmim e prefere, como Ministro da Fazenda, um que entenda de finanças e não seja banqueiro, concluindo que «mesmo assim, esse que aí está, não serve».

«— Um presidente que tem o apoio maciço e incontestado do Exército servindo de base para a segurança nacional, através de um ministro da Guerra respeitado, acatado e admirado por seus comandados, homem raro de se encontrar, servindo de denominador comum a todos os vaidosos que querem liderar um grupo na sua corporação, um Presidente — no Brasil principalmente — que tenha essa bruta sorte, deveria realizar mais. Não pense todavia, que apoio em gênero, número e grau o ministro Lott, ao qual não conheço pessoalmente. Discordo dele, quando discursa e dá entrevistas, opinando sobre obrigações exclusivas do poder legislativo.»

— Senador, já que localizamos um nome da política nacional, falemos de outros. O sr. Ademar de Barros, por exemplo.

«— Ele ainda existe?» perguntou com um sorriso maldoso. «Não acredito em nada desse homem. Nem prestígio, nem capacidade, nem tino administrativo. Não tem qualquer chance na política.»

— E sobre os Vargas?

«— Não conheço e nem quero conhecer nenhum Vargas, exceção feita, é claro, ao falecido Presidente. Os outros que assim se chamam, não me interessam.»

— E sobre o Brigadeiro Eduardo Gomes?

«— Um grande brasileiro. Um homem que podendo resistir, apoiando o governo que caiu a onze de novembro, não quis fazê-lo, para evitar derramamento de sangue. Não é uma lenda. É um grande patriota.»

— Existe algum trabalho, atualmente, visando a candidatura de Jango Goulart à Presidência em 1960?

«— Existe. Já vi a fumaça. Não sei onde está o fogo.»

Quando nos preparávamos para a última pergunta, chegou-se a nós o senador Lima Teixeira, baiano de voz cantada, indagando qualquer coisa sobre o ministro Hugo Gouthier. Lourival responde, olha o relógio e, desculpando-se, dá por encerrada a entrevista. Descemos por elevadores diversos e mesmo assim ainda vimos dentro de seu «Peugeot» esse senador que é de fato uma Organização das Nações Unidas: terno tropical inglês, cigarros americanos, carro francês, mágoa americana e aplauso soviético.

Nossa segunda entrevista, deverá ser feita em Esperanto.

NOTA PARA O SENHOR PRESIDENTE

O DULCIDIO deverá ter uns 12 votos contrários. O P.S.D. está muito agitado e ressentido. O ERNANI telefonou-me agora denunciando que a crise está chegando aos extremos. Não encontra outra solução senão a de renunciar à Presidência do Partido. Estão ensaiando a candidatura do ETELVINO para a Presidência uma vez que o Nereu não poderá ser em vista da hostilidade dos mineiros. Os pessedistas andaram pensando num protesto público contra as atividades do JANGO. Isto foi afastado, mas parece que ainda esta semana haverá uma reunião secreta com a presença do JUSCELINO para pôr as cartas na mesa. Os Senadores pessedistas procuraram o ERNANI e insinuaram possíveis reflexos da crise sobre a aprovação do nome do DULCIDIO.

*estão visto por que o PSD queira
dar o prefeito onde o PTB teve
maioria. Se isso é motivo para
rompimento que o façam. Não recuo
recuo de ante de ameaças e terei
eles numa boa solução.*

Um dos preciosos autógrafos que o senhor Lourival Fontes tem em seu arquivo, com as seguintes palavras redigidas por Getúlio, do próprio punho: «Não vejo por que o PSD queira dar o prefeito onde o PTB teve maioria. Se isso é motivo para rompimento, que o façam. Não recuo diante de ameaças e terei para eles uma boa solução»



RIBEIRÃO PRETO

ARARAS
LEME
PIRASSUNUNGA
PORTO FERREIRA
CRAVINHOS

12 VIAGENS POR DIA

PARTIDAS DE SÃO PAULO

6,05 - 7,05 - 11,05 - 15,05 - 18,05 - 22,05

PARTIDAS DE CAMPINAS

7,30 - 8,50 - 12,50 - 16,50 - 19,50 - 23,50

PARTIDAS DE RIBEIRÃO PRETO

5,40 - 8,50 - 12,50 - 16,50 - 21,50 - 23,50



AGÊNCIAS:

SÃO PAULO

Av. Ipiranga, 885 - Fone 34-1395

CAMPINAS

Pça. Flor. Peixoto, 292 (lgo. da Estação) - Fone 5848

RIBEIRÃO PRETO

Rua Alvares Cabral, 287 - Tel. 2385

VÁ PELO MELHOR!



**EXPRESSO
BRASILEIRO**
VIAGENS Lda.

AZASO EB-5

SEMANA ASTROLÓGICA

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE OS DIAS 21 E 27 DE JULHO DE 1956
(HEMISFÉRIO SUL)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

- ★ CARNEIRO (21/9 — 20/10) — Não espere encontrar durante a semana o concurso de que tiver necessidade. O ambiente astral se mostra carregado, notadamente nos quatro últimos dias do período. Aguarde melhor oportunidade.
- ★ TOURO (21/10 — 20/11) — A não ser no que se refere à saúde, o leitor terá pela frente uma semana favorabilíssima. Encontrará facilidade em tudo e conseguirá de terceiros, o que desejar.
- ★ GÊMEOS (21/11 — 22/12) — Não se aventure, durante a semana em pauta, em negócios de vulto. Recuse as ofertas e as propostas. Elas aparecerão, tentadoras mas encobrindo falsidades. Tudo o que, de extraordinário fizer, fracassará.
- ★ CANCER (23/12 — 20/1) — Os bons influxos planetários da semana cairão em cheio sobre o setor profissional. Sua produção será aumentada e disso resultará melhor conceito, no seu meio e maiores proventos.
- ★ LEAO (21/1 — 20/2) — As condições ambientes da semana serão as melhores para sua vida profissional, social, sentimental ou doméstica, possibilitando-lhe relações as mais futuras. Não se omita em coisa alguma. Apareça.
- ★ VIRGEM (21/2 — 22/3) — Seus negócios terão andamento rápido e satisfatório. O clima astral da semana lhe dará um alto concurso de circunstâncias e lhe despertará grande interesse por negócios imobiliários.
- ★ LIBRA (23/3 — 20/4) — Tenha sempre presente, durante os próximos sete dias, o perigo das companhias duvidosas. O leitor estará sujeito a envolver-se em complicações de terceiros ou a pagar sem dever.
- ★ ESCORPIÃO (21/4 — 20/5) — O acesso será difícil durante a semana entrante. A caminhada resultará penosa em virtude da ação dos concorrentes. Recomenda-se, em todos os casos, a maior discrição. O leitor poderá, assim, conjurar o perigo a que está exposto, de traições.
- ★ SAGITÁRIO (21/5 — 23/6) — O leitor terá bem modestas possibilidades durante a semana. Não idealize grandes coisas nem se aventure em negócios ou em empreendimentos de envergadura. Não haverá clima para tanto.
- ★ CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — Seus negócios de natureza econômica ou financeira estarão bem astralizados no curso da semana. O período facilitará a solução dos casos pendentes com maiores vantagens.
- ★ AQUÁRIO (23/7 — 21/8) — O próximo dia 27, no seu caso será perigoso para qualquer experimentação psíquica. Viva exclusivamente as coisas da matéria, sob pena de possíveis perturbações.
- ★ PEIXES (22/8 — 20/9) — O novo período se anuncia bem favorável às suas pretensões. Seus sonhos terão realidade e também poderão vir para a prática, os projetos já amadurecidos. A oportunidade será das melhores.

OS NOMES DA SEMANA

Julho, 21	—	Eduardo	—	Sônia.
" 22	—	Josias	—	Neide.
" 23	—	Felício	—	Arminda.
" 24	—	Urbano	—	Arly.
" 25	—	Gaspar	—	Vicentina.
" 26	—	Argeu	—	Estefânia.
" 27	—	Wilson	—	Dirce.

EFEMERIDE DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio dia de Greenwich

Julho, 21	28° 40' 27"	(Signo do Câncer)
" 22	29° 47' 32"	" " "
" 23	00° 34' 59"	(Signo do Leão)
" 24	1° 32' 16"	" " "
" 25	2° 29' 34"	" " "
" 26	3° 26' 52"	" " "
" 27	4° 24' 12"	" " "

NOTA — As efemérides e as tábuas astrológicas de que nos servimos são preparadas para o hemisfério norte. Nas previsões para o hemisfério sul, temos de invertê-las para que os prognósticos correspondam à realidade, como acontece em relação aos fenômenos cósmicos. Observamos, neste particular, a doutrina e a técnica do Colégio Astrológico de França, único centro, em todo o mundo, de astrologia verdadeiramente RACIONAL E CIENTÍFICA.

QUE É UM ADVENTISTA DO 7º DIA?

Por ARTHUR S. MAXWELL,

Redator Chefe de "Signs of the Times", órgão dos Adventistas do Sétimo Dia nos EE.UU. — Especial para Revista da Semana — Copyright U. Press



Arthur S. Maxwell

♦ UM ADVENTISTA do Sétimo Dia é alguém que, aceitando Cristo como seu Salvador particular, manifesta-se em humilde acôrdo com a vontade de Deus, revelada nas Sagradas Escrituras. Um Cristão que se baseia sobretudo na Bíblia, procura nortear seus passos de acôrdo com os ensinamentos do Livro dos Livros, enquanto espera o iminente retorno do Senhor. Tem apurado senso de responsabilidade, acreditando, sinceramente, que é seu dever alertar a todos os homens sobre o fim, próximo e inadiável, do mundo.

Os Adventistas do Sétimo Dia são protestantes. Como os reformadores do século XVI, acreditam que o indivíduo pode, por si só, ter acesso à presença de Deus, sem a intervenção de qualquer sacerdote, santo ou outra espécie de funcionário eclesiástico. Acreditam que sua Igreja constitui o núcleo de uma Reforma que terá lugar no século atual, e que será

uma espécie de revivificação da Cristandade que vive e respira em cada página do novo Testamento.

Diferem porém os Adventistas dos demais protestantes, pela maneira por que respeitam, como dia santificado, não o domingo, porém o sábado. Não só por isso, porém: diferem essencialmente dos demais protestantes desde o ponto de vista de seus ensinamentos a respeito da natureza humana, quanto à morte, e quanto à próxima vinda à Terra, pela segunda vez, de Jesus Cristo.

Sabem os Adventistas de Sétimo Dia que não são os inventores de nenhum sistema ou doutrina, mas somente os redescobridores de velhas verdades, que restavam esquecidas, pela infiltração do paganismo e da superstição na Igreja Cristã, na passagem dos séculos.

Os Adventistas de Sétimo Dia guardam como santificado o sábado porque Deus, no princípio, colocou em lugar de destaque o Sétimo Dia da criação, em sinal de perpétua memória ao Seu poder criativo. Sábado é o sétimo dia da semana. Domingo é o primeiro.

Está escrito no Êxodo, 20, 8-11: «Que o Sábado seja por todos lembrado, e celebrado. Durante seis dias trabalharás. Mas o sétimo é o Sábado, de Deus Nosso Senhor; durante êle, não efetuarás nenhum trabalho, nem o teu filho, ou a tua filha, teu servo, tua serva, nem o estrangeiro que estiver sob teu domínio; pois em seis dias fez o Senhor o céu e a terra, o mar, e tudo que nêles está, e no sétimo descansou: razão pela qual o Senhor abençoou o Sábado, e mandou que o observassem».

Está perfeitamente explícito, em São Lucas, capítulo 4, versículo 16, que Cristo costumava ir à Sinagoga nos dias de sábado. E, nos dias de sábado, mesmo após sua Crucificação, seus doze mais chegados discípulos, seguindo os seus ensinamentos, guardavam estritamente o preceito, a ponto de não terem embalsamado, num sábado, Seu corpo, mas, pelo contrário, «terem esperado que transcorresse o Sábado» (Lucas, 25, 56).

Como os Adventistas do Sétimo Dia, após terem consultado da primeira à última página as Escrituras, nelas não encontram um único texto pelo qual se tivesse mudado de sábado para o domingo o dia santificado, dizem êles: «Que mais poderia fazer um bom cristão, senão continuar observando a própria palavra Divina?»

Dirão alguns que o sábado pode não ser o sétimo dia, e que êsse critério é ambíguo. De modo algum. E é o próprio calendário quem mostra que o sábado é, eletivamente, o sétimo dia. Consulte-se um calendário qualquer, e o sábado nêle será o sétimo dia da semana. O problema é aliás confirmado por duas provas irretorquíveis, a primeira, sendo o fato de que, por tempos imemoriais, os judeus ortodoxos vêm observando o

sábado, e não o domingo, como dia de descanso; a outra, o fato de que milhões de cristãos, durante algumas centenas de anos, observaram o domingo, por ter sido num domingo que o Cristo ressuscitou. Num domingo, primeiro dia da semana.

Os Adventistas aceitam a Bíblia literalmente. Como disse Pedro, «santos varões escreveram, inspirados pelo Espírito Santo». Assim, a Bíblia é de inspiração divina.

E' claro que sabemos que houve muitas traduções da Bíblia; o espírito geral dos primeiros autores, isto é, a essência divina da Bíblia, não se perdeu em nenhuma dessas traduções, através dos séculos. O fato de as palavras mudarem de significação, com o correr dos anos, determina que de tempos em tempos revisões ocasionais sejam levadas a efeito. Mesmo a despeito de tais revisões, a palavra de Deus resta inalterável.

Acreditam os Adventistas que Deus criou o mundo por um «Fiat» divino, em seis dias, literalmente. Para nós, os capítulos de Gênesis que tratam do assunto não são uma fábula, mas pura realidade. Achamos, muito logicamente, que se foi possível a Deus criar os milhões de astros que os astrônomos tãdas as noites podem observar, através de seus instrumentos, também lhe deve ter sido bastante fácil dotar de vida humana nosso planeta.

Encaram os Adventistas como reforços poderosos da história narrada na Bíblia, as hipóteses avançadas pelos paleontologistas e geólogos, segundo as quais a Terra teria alguns milhões de anos de idade. Para os paleontologistas, aliás, o dilúvio é uma explicação logicamente aceitável para tantos fósseis que encontram a cada dia, quase, por todo o universo. Dessa opinião, por exemplo, é o famoso cientista George Mc Cready Price, e o paleontologista Frank Marsh o acompanha.

E' interessante contar como principiou o movimento dos Adventistas do Sétimo Dia. Nasceu, praticamente, das inúmeras discussões levadas a efeito por ocasião das primeiras décadas do século passado, sobre as proximidades do Juízo Final. Por aqueles tempos, muitos teólogos famosos, de várias nacionalidades e credos, chegaram à conclusão, depois de interpretarem as profecias e de compulsarem as Sagradas Escrituras em tãdas as direções, de que a segunda vinda de Jesus Cristo ao mundo estava próxima. Entre 1820 e 1830, mais de 300 clérigos da Igreja Anglicana, e aproximadamente o dobro de Não-Conformistas, estavam a pregar a doutrina do próximo fim do mundo.

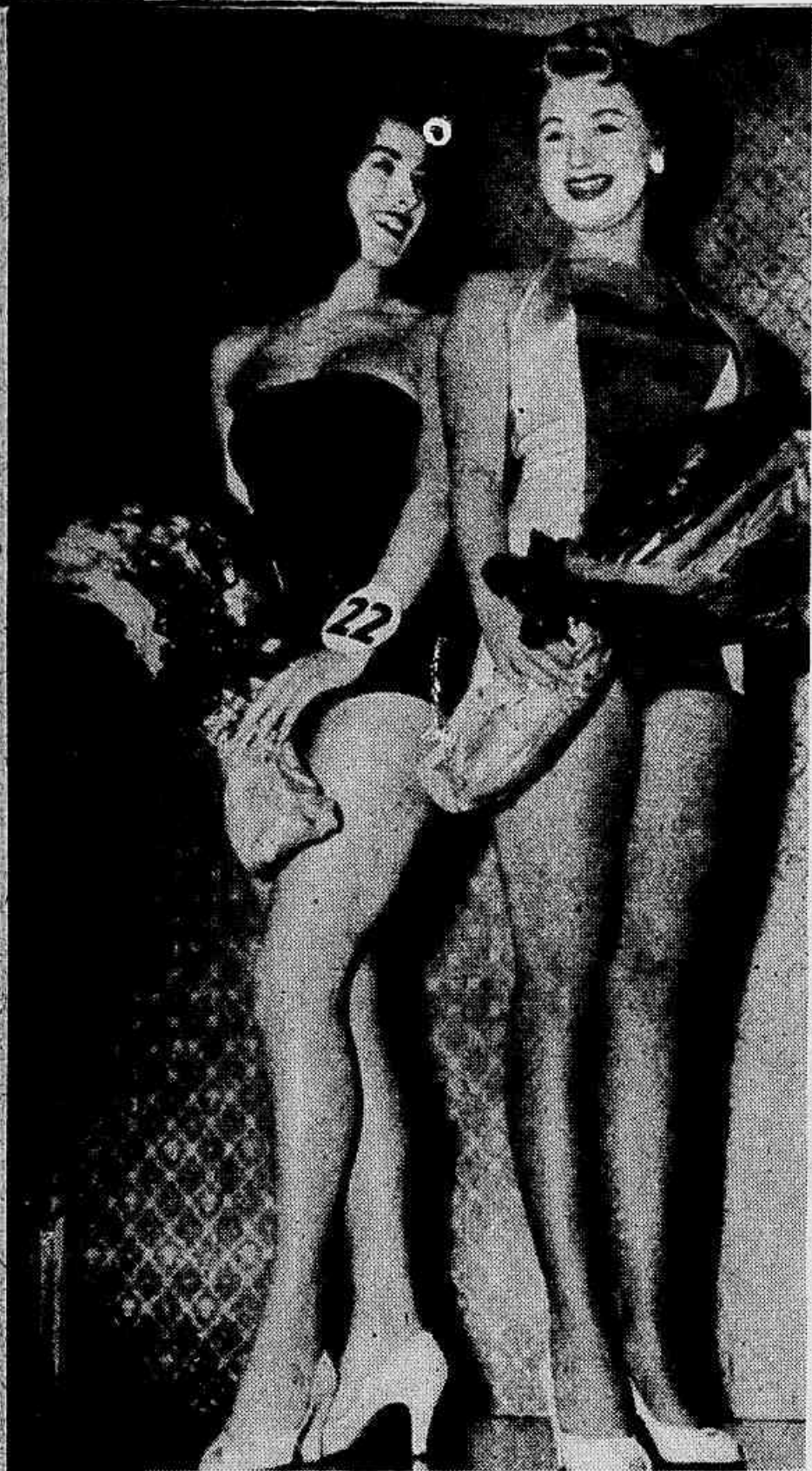
Na América, movimento semelhante começara a ser pregado, suportado por quase 200 teólogos, presbiterianos, metodistas, batistas, congregacionalistas e episcopais. Conduzidos por William Miller, fazendeiro, aterrorizaram a América, ao afirmarem que 1844 seria o ano do Juízo Final. Mas, como o ano se tivesse passado sem qualquer espécie de calamidade que anunciasse o fim do mundo, seu movimento gorou.

Um grupo mínimo de teólogos, porém, resolveu continuar estudando as Escrituras. Assim fazendo, notaram que tinha havido um equívoco, de seus antecessores, e que a vinda de Cristo estava próxima, mas não se daria senão para o século XX. Penosamente, mas cheio de fé, êsse grupo resolveu levar avante a sua missão, de alertar os homens contra o fim dos séculos. Tomando a verdade dos sábados dos Batistas do Sétimo Dia, tornaram-se os componentes do grupo o primeiro núcleo Adventista, sendo pois os primeiros dos atuais 800 mil adventistas espalhados pelo mundo inteiro.

Acreditamos na Trindade. Cultuamos com reverência Deus Padre, Deus Filho e Deus Espírito Santo, que são um único Deus. Assim fazemos, porque na Bíblia está afirmado exatamente o mesmo: Também na Virgindade de Maria Santíssima, por exemplo, todos os Adventistas crêem pelas mesmas razões. Julgamos, mesmo, uma das verdades essenciais de nossa fé essa virgindade.

Acreditamos num batismo. «Quem fôr batizado há de ser salvo», está escrito em São Marcos, 16,16. Adotamos o batismo por imersão, que foi o preconizado pela Bíblia.

(Continua no próximo número)



«MISS INGLATERRA» de 1956 foi tarefa dura, para os juizes. Concorreram várias candidatas, e essas duas, Iris Waller e Ilona Nelson, tiraram, empatadas, o primeiro lugar. Cara ou coroa?



NESTE LOCAL, assinalado por uma coluna, e que é noite e dia visitado por peregrinos, nasceu, há dois mil e quinhentos anos, Buda. Está situado em Lumbini, aldeia do velho Nepal.



ROCKY MARCIANO, esposa também marciana e filho, passeiam de automóvel, de volta a Nova York, após seu giro pelo Brasil. Rocky anunciou sua decisão irrevogável de abandonar o box.



O DECREPITO PINTOR PICASSO, observa, filosoficamente, pitando seu cigarrinho, a encantadora atriz do cinema francês, Brigitte Bardot, como quem está a dizer: «Ah! meu Deus, isso nos meus áureos tempos...»

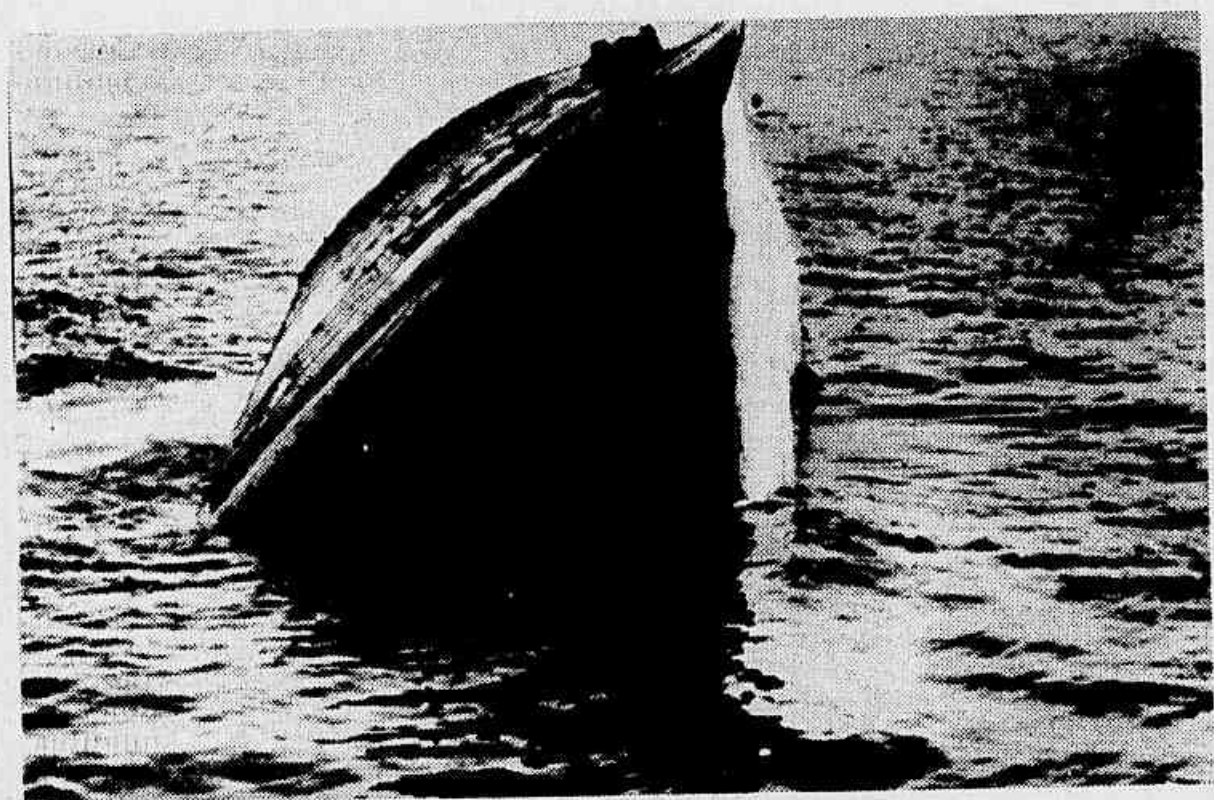
POR ESSE MUNDO DE DEUS



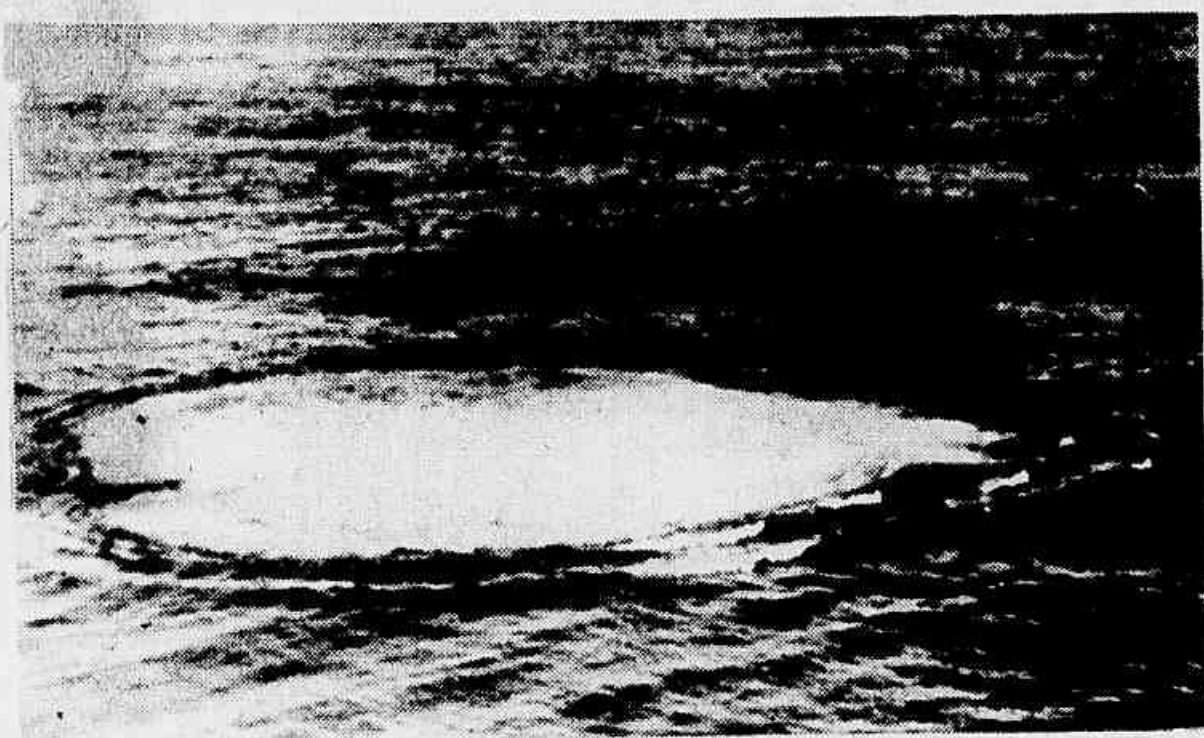
COMEMORANDO SEU 75º aniversário, a Cruz Vermelha de Nova York fez realizar, como propaganda, uma transfusão de sangue, tendo por palco uma vitrina da afamada Quinta Avenida. Esses norte-americanos...



EM RONCO, Itália. Angelina Beltrame foi candidata a um cargo eleitoral. Aliás, ali as mulheres têm mais proeminência política que os próprios homens. Mas se forem todas iguais a essa da foto, Deus que nos perdoe.



O CARGUEIRO americano «Howard Olson», aqui aparece minutos antes de submergir para sempre, e, na foto seguinte, já todo tragado pelo mar.



GINGER ROGERS, no esplendor de seus 41 anos, chegou a Roma, a passeio. Eis um flagrante da bela loura, ainda no aeroporto, cercada de fãs.

ATRAÇÕES INTERNACIONAIS

SPECTATOR

Entre nós, ainda não há um elenco especializado de artistas de televisão; devido ao curto tempo de duração que tem essa atividade em nosso país, ainda não houve oportunidade para que grande número de revelações fossem levadas ao público. Em geral são aproveitados elementos do rádio e teatro e, se muitos deles conseguem adaptar-se plenamente em suas novas funções, outros no entanto trazem para a TV os vícios que adquiriram em suas atuações artísticas anteriores e é por isso que muitas vezes encontramos astros representando ante às câmaras como se estivessem no palco, isto é, com excessiva dramaticidade e, por outro lado, presenciarmos também a programas feitos no estilo radiofônico, para uma classe de público que não é absolutamente a que costuma assistir aos espetáculos televisionados.

É bastante intensa a participação de artistas nacionais na TV e, deve-se convir que na maioria das vezes são contratados elementos de real valor e que conseguem constantes sucessos. Uma prova de que afirmamos está no agrado que têm alcançado os artistas da Organização Victor Costa, presentemente atuando no Canal 13, entre os quais podemos citar Elizete Cardoso, Ângela Maria, além de elementos de teatro como Cacilda Beker, Paulo Autran, Henriete Morineau e muitos outros, que vêm trabalhando alternadamente nas duas emissoras. No entanto, apesar da constante renovação de elementos nacionais, os telespectadores estão acostumados a anualmente apreciar atrações internacionais de destaque. Ainda no ano passado, a TV-Tupi apresentou um desfile de astros e estrélas, entre os quais podem ser citados Carlos Ramirez, Jean Sablon, Amália Rodrigues, etc.

Este ano parece que essas atrações estão demorando mais a chegar até aos cariocas. A TV-Tupi há já algum tempo vem tendo as suas atuações prejudicadas por haver dissolvido a sua orquestra e, por essa razão naturalmente acha-se em dificuldades para contratar cantores. Parece-nos, no entanto, que esse problema já está em vias de ser solucionado, e em breve os telespectadores terão oportunidade de presenciar a um desfile de atrações que parece já se anunciar com as exibições que ora se dão através do Canal 6 da sempre interessante Orquestra do Cassino de Sevilha.

Igualmente a TV-Rio tem necessidade de renovar as suas apresentações, reforçando-as com elementos contratados no exterior. E por que não aproveitar para exibir nos cariocas alguns dos elementos de destaque que estão abrilhantando as comemorações de aniversário da TV-Record de S. Paulo? Carmen Cavallaro, por exemplo, por certo alcançaria grande sucesso, exibido pelo Canal 13. O público continua aguardando com ansiedade atrações que venham reforçar a programação televisionada. Os contratos, podem ser feitos com elementos que se exibam nas mais variadas atividades, pois, como se sabe, há público para todos os gêneros de atuações.

VAMOS MELHORAR?

Brício de Abreu é o novo produtor do programa «Variedades», exibido pela TV-Tupi às quintas-feiras, e havia prometido aos telespectadores muitas novidades nessas apresentações. Infelizmente, porém, a estréia não conseguiu o agrado que seria de esperar. Foi rememorado o Rio do princípio do século, e Brício escolheu para tema sua «reportagem retrospectiva», como ele mesmo a denominou, as serenatas tão peculiares àquela época.

A idéia é bastante interessante; no entanto foi mal executada e a apresentação tornou-se monótona, exibindo apenas alguns trovadores colocados diante de uma janela, cantando sem

parar, durante todo o tempo de duração do programa. Certamente Brício de Abreu terá, para as próximas semanas, novidades mais do agrado do público.

x x x

Piolita e Arturo, palhaços que se exibem na TV-Rio, com as suas «trapalhadas» demasiadamente ingênuas e por vezes mesmo repetidas, continuam não conseguindo distrair a criança, como é o seu intento. Por que não aproveitar esses dois artistas no circo, que é o seu elemento, e onde teriam maior campo para demonstrar a sua capacidade de fazer rir?

GRAU DEZ:

Para «O que os pais devem saber», programa exibido pelo Canal 6 e que visa orientar os pais em todas as atividades relacionadas com a educação e higiene da criança.

As palestras, apresentadas por médicos especializados no assunto, são bastante claras e acessíveis a todo o público.

Programa desse gênero ou qualquer outro que vise orientar o público nas mais diversas atividades, deveriam ser criados em maior número, pois são de grande utilidade.

x x x

Para «TV-Rio Ring», exibição de lutas de box que vem alcançando o maior sucesso entre os entusiastas desse esporte. Há muita gente que deixa de ir ao cinema aos domingos para presenciar a essas lutas.

A TV-Rio, que tem dirigindo o seu departamento de esportes a Luís Mendes, um dos melhores locutores sobre a matéria, vem de alcançar um grande sucesso patrocinando o torneio pela conquista das «luvas de prata», a exemplo do que realizam algumas das maiores emissoras de TV dos Estados Unidos.

x x x

Para a extraordinária Orquestra do Cassino de Sevilha, que mais uma vez está conquistando os telespectadores do Canal 6.

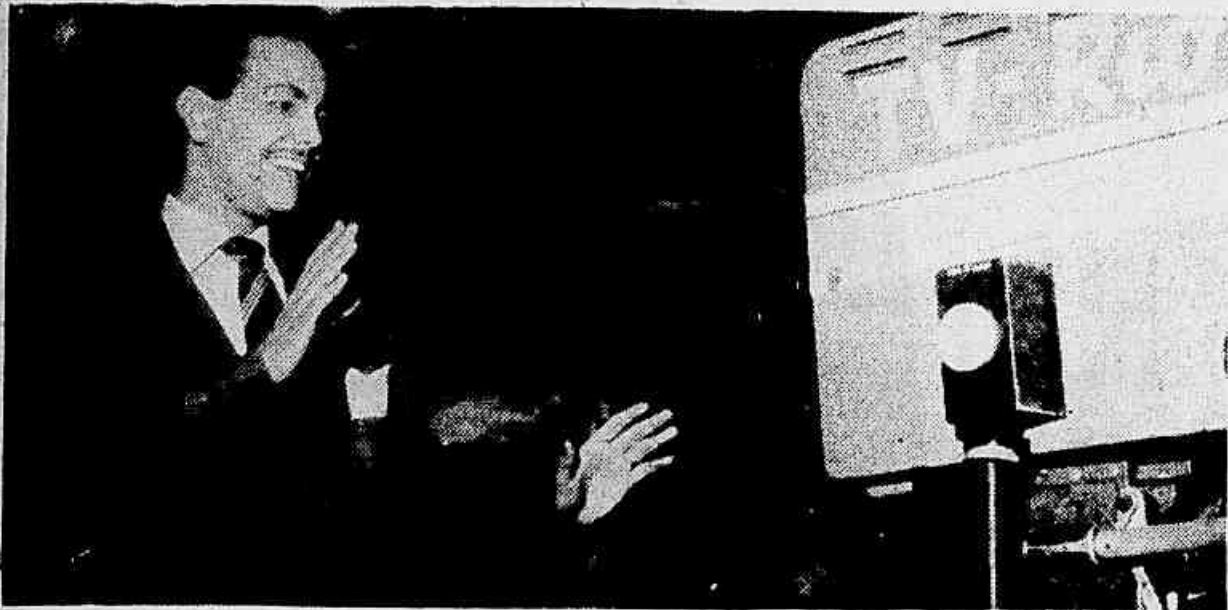
Concorre em muito para o sucesso dessas apresentações a constante movimentação dos diversos elementos da orquestra que, enquanto executam os mais diversos instrumentos, ao mesmo tempo cantam e dançam.

Essa orquestra anualmente tem se exibido nas TV cariocas, alcançando sempre agrado, pela variedade do seu repertório.

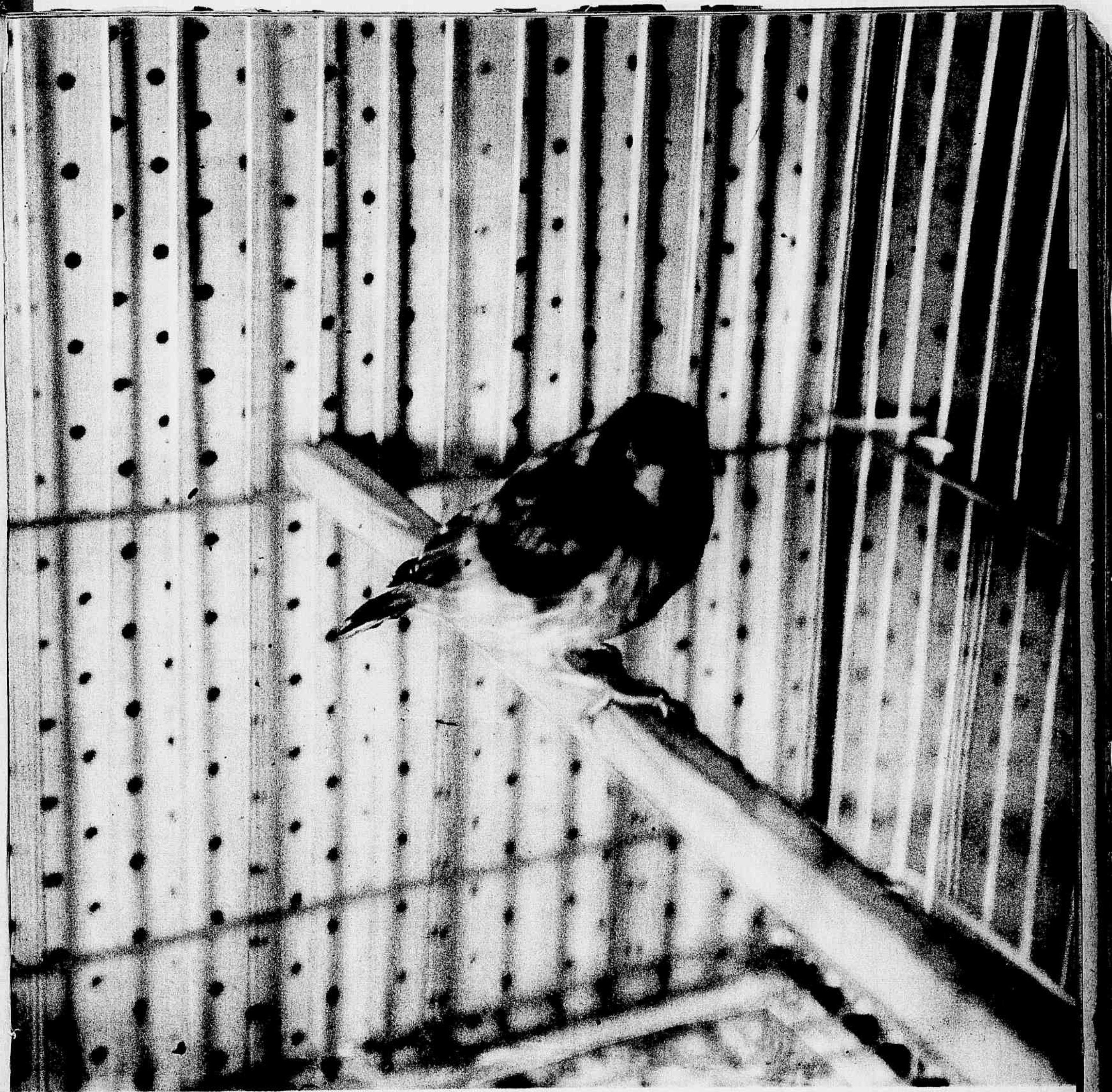
x x x

Para a TV-Rio que, dias atrás, aproveitou um pequeno intervalo na sua programação, em vez de ocupá-lo exibindo muitas vezes repetidos os desenhos e documentários, apresentou os tevendos com uma filmagem de curta metragem, feita exclusivamente com o pianista José Iturbi, executando uma série de números de maior sucesso entre os clássicos mundiais.

Apresentações como essa deveriam ser feitas com maior frequência, bem como a exibição de filmes de longa metragem, enquanto não forem adquiridos novos desenhos animados para substituir os que as nossas emissoras de TV reprizam sempre que há oportunidade.



Cauby Peixoto, contratado da TV-Rio e que vem obtendo sucesso nas suas apresentações semanais. À direita: Flagrante tirado nos estúdios da TV-Tupi, durante uma palestra entre Marlene, Luís Delfino, Inezita Barroso e outros elementos do elenco daquela emissora.



Mais vale um pássaro na mão que

MIL NUMA EXPOSIÇÃO

O QUE FOI A OITAVA EXPOSIÇÃO DE CANÁRIOS E DE PÁSSAROS RAROS, LEVADA A EFEITO
NO AUTOMÓVEL CLUB ★ INAUGURADA A MOSTRA POR S. EX.^a O MINISTRO DA AERONÁUTICA

**A ORIGEM
DO CANARIO
VERMELHO**

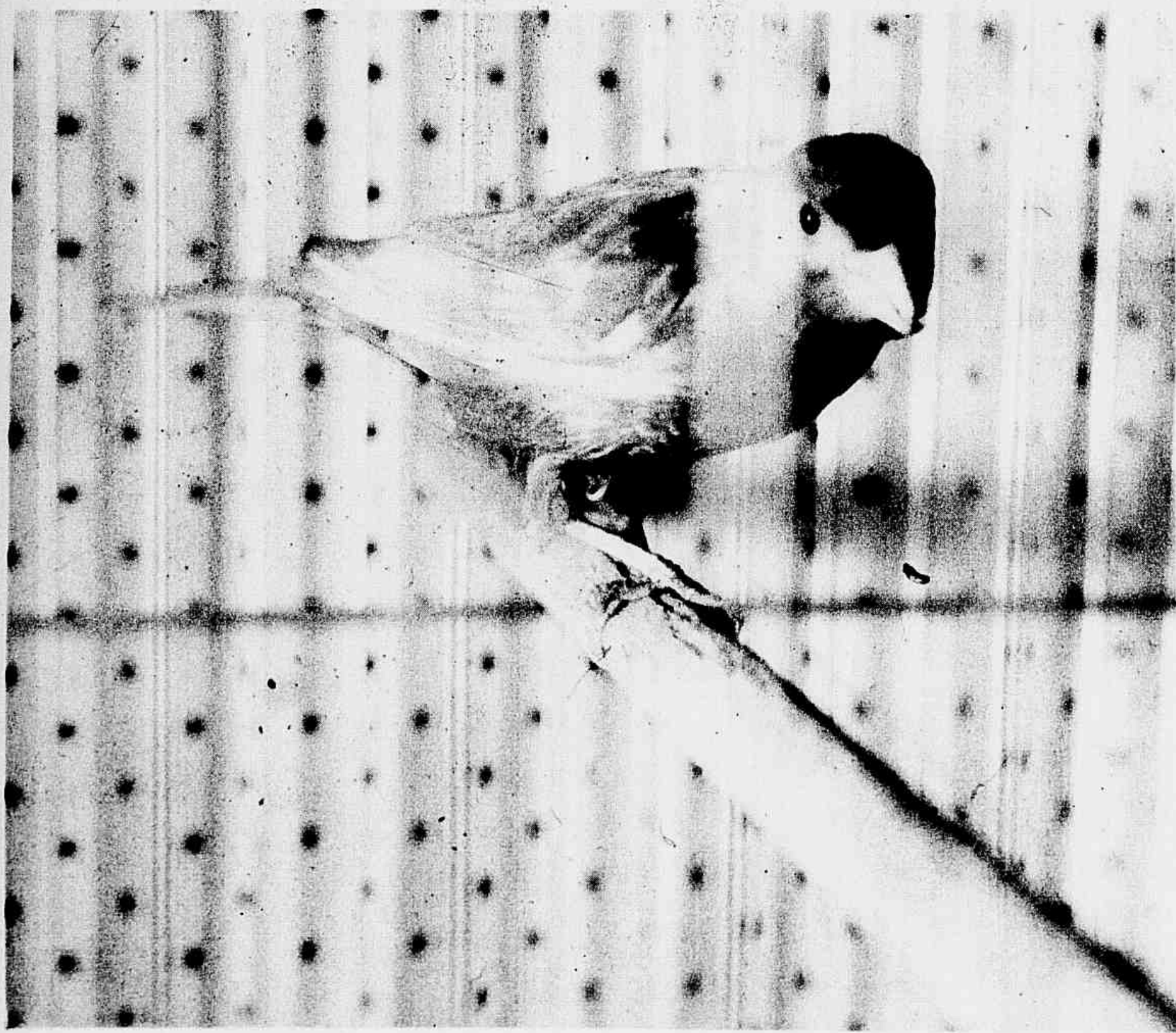
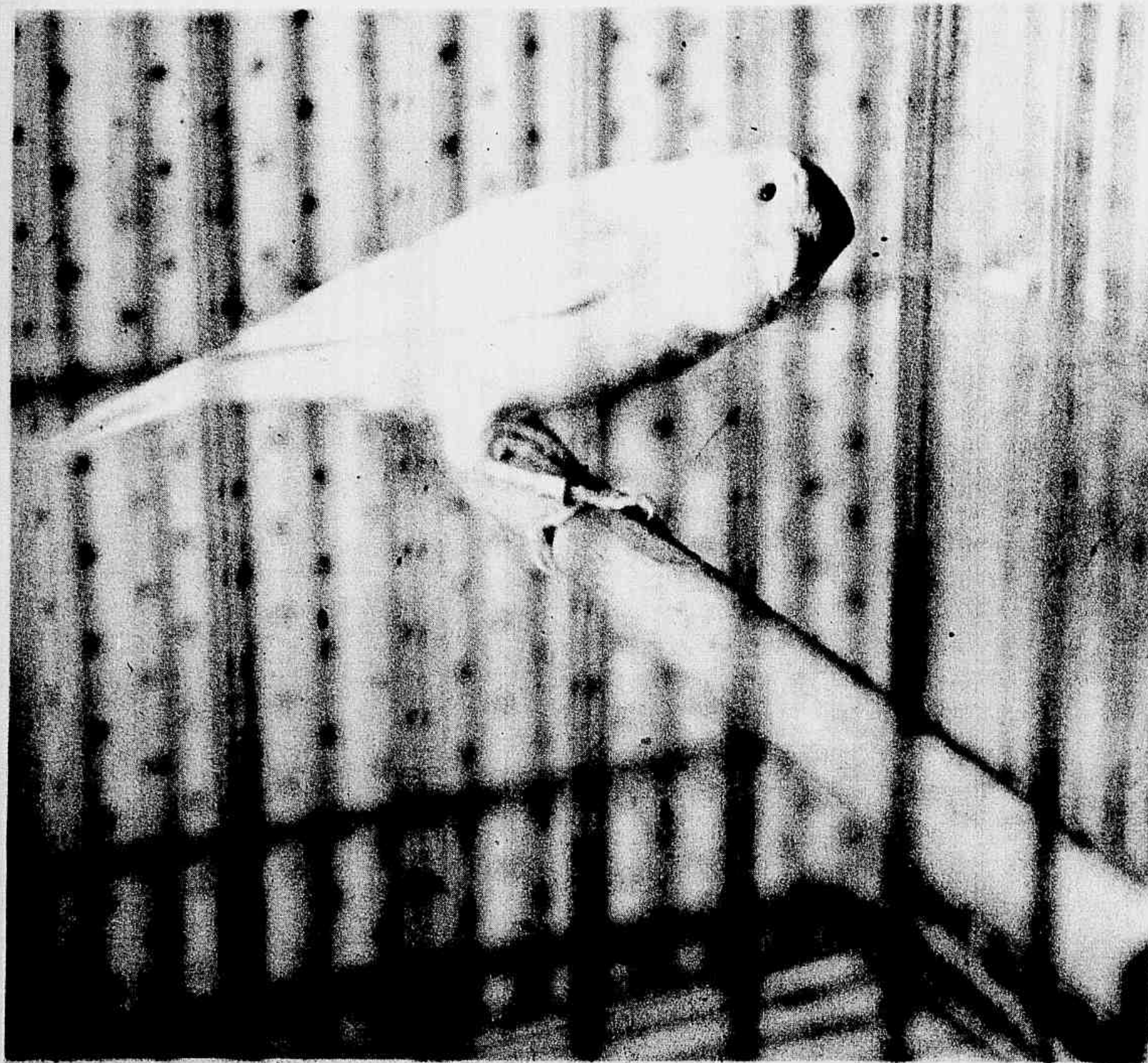
Mais vale um Pássaro...

CUIDADOSAMENTE ORGANIZADA pelos afamados canaricultores Roller, foi apresentada, não faz muito, nos amplos salões do Automóvel Clube do Brasil, interessantíssima Exposição de Canários e de Pássaros Raros, a oitava, no gênero, que se realiza entre nós. Para se aquilatar da importância e da extensão da mostra, basta dizer que nada menos de mil e cinquenta canários e aves exóticas e raras foram expostos à admiração de uma assistência ampla e entusiasta, composta quase toda de amadores de pássaros e de ornitólogos muito conhecidos nos meios competentes. Algumas dezenas de criadores de vários recantos do país compareceram à exposição, que foi inaugurada por Sua Excelência o Ministro da Aeronáutica, Brigadeiro Henrique Fleuiss. Não deixa de ter sido interessante o fato de um Ministro da Aeronáutica inaugurar uma Exposição de Pássaros, numa época em que o homem rivaliza com os mesmos em suas trajetórias alucinantes através do espaço, disputando-lhes cada polegada de ar, numa luta que, por enquanto, está sendo vencida, paradoxalmente, pelo bicho-homem, que voa em altitudes que a mais imprudente águia busca evitar, e que desconhece a fadiga das asas e dos músculos; época que viu, não faz muitas semanas, um "homem-pássaro" estatelar-se ao solo, na longínqua Inglaterra, por ter desafiado a lei da gravidade e a sua própria condição humana. Numa coisa, porém, os homens não ultrapassaram, nem nunca ultrapassarão as aves: é em seu canto, que jamais há de adquirir a pureza dos sons maviosos emanados de uma garganta de pássaro, mesmo que esse cantor se chame Caruso ou Tetrzzini, Gigli ou Claudia Muzzio... Voltemos, porém, à Exposição de Canários e de Pássaros Raros, deixando de lado os eventuais comentários à margem da mesma. Refiramo-nos, por exemplo, às premiações. Os pássaros de criação do senhor

A exposição, carinhosamente organizada, teve também um cunho didático, como se pode ver desse «stand», localizando «A Origem do Canário Vermelho». Na página ao lado, um espécime que granjeou a admiração de todos.



Pássaros



José Ferreira Mendes conseguiram as melhores colocações do certame. O senhor José Ferreira Mendes é conhecidíssimo criador brasileiro, radicado em Campinas, estado de São Paulo. Suas aves impressionaram a todos pela beleza e pela pureza da raça, atraindo, inclusive, a atenção do competente Júri, em que pontificavam figuras de destaque nos meios criadores nacionais. Também os pássaros apresentados pelo senhor Sílvio Lopes Cardoso, do Distrito Federal, impressionaram bastante pelo apuro das espécies e pela beleza e elegância. O senhor Sílvio Lopes Cardoso, presidente do C. R. A. C., criador de nomeada em todo o país não precisa de uma apresentação: apreciaram, todos, os canários de sua criação, somente ultrapassados pelos do já mencionado senhor José Ferreira Mendes. A Exposição de Canários foi um êxito. Milhares de pessoas a visitaram. Outros milhares dela tomaram conhecimento através do noticiário dos jornais. Aguardemos, agora, a Nona Exposição, que certamente repetirá o êxito da oitava.

(Ectachromes A. VIEIRA)

O canto destes pássaros, filtrado através das grades, já não guarda a pureza e o frescor de quando eram livres.

PIXINGUINHA E A RUA

Fernando LOBO

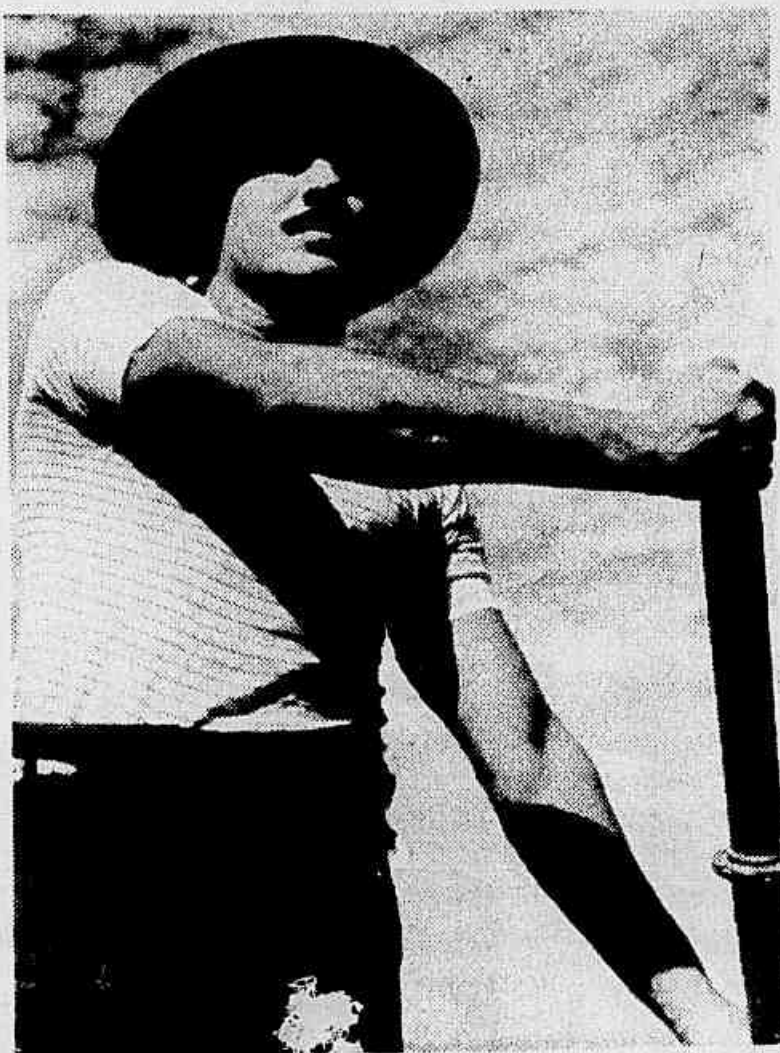


PIXINGUINHA vai ser nome de rua.

mensagens as mais variadas. As moças da rua terão orgulho de saber que o que virou placa de esquina é seu vizinho, seu amigo, conhecido de sua família. E o dono do botequim, com que satisfação mudará os seus papéis timbrados para riscar o nome atual — que nem sei que seja — para Rua Pixinguinha, uma rua onde não tem o que errar. É ali que ele compra, é ali que ele bebe, é ali que ele passa a chuva e foi ali que ele compôs os seus primeiros choros, suas primeiras valsinhas suburbanas. «Rosa», «Carinhoso», «Naquele Tempo», tudo nasceu naquela rua que mais parece uma cidade de vida própria, separada de todas, unida pela música que antes vinha da flauta e vem agora do saxofone de Pixinguinha. E quando tudo passar e tudo acabar a placa ficará ali, dizendo bem em tons bem afinados do maior «chorão» que esse Rio já teve. Tudo isso acontecerá se for de fato Rua Pixinguinha e nunca Alfredo Viana, que mais parece nome de veterinário, ou de dono de Laboratório, senador ou deputado. E é o que dirão os que vierem depois e que intrigados queiram saber: «deve ter sido algum manda chuva». E isso não fica bem para você, Pixinguinha, ou melhor não fica bem «para a sociedade», como diria o nosso bom Lúcio Rangel.



A BRASILIANA marca pontos em Buenos Aires



CAYMMI EXPONDO — Dorival Caymmi, que é o culpado das noites cheias do «Clube 36», continua obtendo sucessos dos grandes como pintor. Ali mesmo ele expõe cerca de trinta trabalhos por ele assinados e que tem conseguido um grande êxito. Elizete Cardoso canta dentro daquelas noites e muita gente vai ver os quadros de Caymmi, a cara de Caymmi e de quando em vez a voz de Caymmi.

★ **O ESPETÁCULO CONTINUA...** — O «Beguin» é no momento a única «boite» do Rio de Janeiro que tem um «show» montado. Tudo nos leva a crer que esse tipo de espetáculo está caindo cada vez mais na vontade do povo, já saturado de tantos «blufes» numa época em que o dinheiro escasseia e o preço do uísque depende da vontade do dono, senhor absoluto da noite. Queimado o «Night-And-Day» — incêndio que ficou por isso mesmo — Carlos Machado resolveu repetir a velha frase que «The Show Must Go On». Juntou o que tinha, apANHOU o que era seu e o que não era de sua ideia e numa verdadeira salada onde não faltavam moças e fantasias bonitas chamou público para dentro da salinha do «Beguin». Espécie de festinha de fim de ano, com quadros portugueses, franceses, brasileiros e monólogos — aquele do Otelo tem pelo menos 15 anos — o espetáculo continua para dar mesmo de interesse ao público a figura sempre nova de Silvio Caldas — que por sinal não está nada satisfeito com a «pontinha» que lhe contou Carlos Machado. O público espera durante o espetáculo que Silvio cante mais. Isso não acontece e, talvez por isso, somente as pernas roliças das moças, não sejam açúcar bastante para atrair frequência àquela casa, cujos preços são de amargar depois da nova invasão.

★ **A BRASILIANA** — Alcança um êxito sem precedentes o conjunto a «Brasiliara» em Buenos Aires. Depois de ter conseguido um sucesso dos maiores no Uruguai, o nosso «ballet» neorub exibiu aos argentinos toda a beleza e colorido dos nossos mais puros e mais verdadeiros ritmos. Depois seguirá para o Chile e também pelo mundo, cumprindo o seu destino.

★ **ROTEIRINHO** — Paulo Soledade está escrevendo a nova revista de Valter Pinto. ♦ «La Cremaillere» vai nos dar uma cantora francesa em agosto: Rose Avril. ♦ Fechou o «Vendôme» — restaurante na cidade é espêto. ♦ Um bom frango no «Cervantes». ♦ Quase abrindo a casa de Ruth Amaral. ♦ Silveira Sampaio vai para o teatro do «Champs Elysées», para apresentar uma grande revista. Machado fumou mais cigarros quando soube da notícia. ♦ Aníto fará um filme para Carnaval. ♦ Elizete dentro das noites do «36». ♦ Inezita Barroso muito procurada para aparecer cantando numa «boite». ♦ E Mara Abrantes continua no «Cangaceiro». ♦ Flávio Porto pelo Rio, rapidamente. ♦ Irene Hozko querendo voltar. Vale a pena?



IRENE quer voltar prá que?



Após vencer Thibault, o miserável traidor, François Villon, perdoado por Luís XI, parte em liberdade. Huguette morrera, com uma flechada burgún-

O REI VAGABUNDO

RESPONDENDO a arenga do insolente Thibault, levantou-se então a voz de François Villon, oculto sob as roupagens de oficial comandante:

— Em nome do rei — do verdadeiro rei!

Começou frisando a legitimidade do poder de Luís, ao contrário do de um duque aventureiro, que buscava ocupar pela força e pela traição o trono francês.

— Em nome de todo o povo da França, Thibault, eu te ordeno que voltes, cão fiel que és, aos pés de teu senhor, de teu amo. Dize-lhe que estamos preparados para o que der e vier, e que não tememos a sua arrogância, pois que um homem que se cerca de traidores não pode constituir séria ameaça a nenhum rei e a nenhum trono. Diz-lhe que nossos celeiros estão repletos, e que a fome não nos ronda. Diz-lhe, enfim, que rebateremos golpe com golpe, lançaço com lançaço e flecha com flecha.

Com um grito de entusiasmo a multidão de militares e de cortesãos sublinhou as palavras inflamadas do poeta.

— Com Deus e com São Diniz, pela glória da França e do nosso Soberano, exclamaram todos «a una voce», eletrizados pela eloquência de Villon. Os olhos de Catarina brilharam de admiração, ao verem aquele homem, a quem haviam antes desprezado, e seu coração, batendo com veemência, fazia com que sentisse que todas as suas defesas se esboroavam, vencidas pelo amor.

Entrementes, Villon, fazendo recordar a Thibault que sua última saída de Paris tinha sido por demais discreta, indigna de sua alta categoria de traidor de seu rei, o poeta lhe prometeu que, dessa vez, tudo aconteceria de modo bastante diverso: daria ordens, naquele mesmo instante, para que burricos fossem aprestados, imediatamente, para os emissários do duque de Borgonha, e para que trajes especiais, de truões, fossem trazidos para os mesmos. Vestidos em tais roupas, e montados em burricos, com o bôbo do rei a lhes apregoar as altas virtudes, é que Thibault e seus companheiros deviam abandonar a cidade.

Gargalhadas e risos de galhofa acolheram as últimas palavras de François.

— Reconheço que fui por demais injusta para convosco, disse em voz humilde Catarina, quando ficou a sós, com Villon.

— Pelo contrário, senhora — redarguiu o poeta, em tom pouco amistoso —, Vós me fizestes ver em minha própria condição: sou, de fato, um tolo, desempenhando, bem ou mal, meu papel. Não sou, porém, amante infiel.

E, tirando de dentro de seu uniforme a Bíblia da jovem, apresentou-a a seus olhos atônitos.

Foi quando penetrou na sala um mensageiro do general Chabannes, afirmando que, naquele mesmo momento, as forças parisienses destruíam de excelente posição, em relação às de seus adversários.

— Pois então, devemos atacar imediatamente, senhor! disse Villon, em voz baixa. Um ataque haveria de colhê-los inteiramente de surpresa, agora.

A voz do próprio Chabannes, que acabara de chegar, se fez ouvir então:

— Afinal, quem é o comandante das operações militares? Eu, ou êle?

E, assim falando, apontava com o dedo desprezivelmente para Villon.

Após pensar alguns instantes, Luís XI exclamou:

— O oficial comandante da Guarnição de Paris.

Tinha sido assim confirmado Villon no comando absoluto das operações de guerra. Como era de se esperar, Chabannes não se deu por satisfeito com os resultados da disputa, e, dando ouvidos a alguns traidores, bandeou-se vergonhosamente para o lado de Borgonha.

Aquela mesma noite, em recanto obscuro de um jardim, tinha êle contacto com um mensageiro do duque, a quem informou que, estando pronto um ataque de inopino das tropas de Luís XI às de Burgúndia, êle, Chabannes, estava disposto a abrir as portas da cidade à meia-noite. Podia o duque por elas penetrar, pois os homens de Chabannes não lhe ofereceriam a menor resistência.

O encarregado de levar o recado ao duque, Renato, ainda tinha porém suas dúvidas:

— Mas, e que fazer de Villon? Êle tem o povo em suas mãos, e o senhor bem sabe como são perigosos êsses homens.

— Não há nada de mais inútil do que um cheta morto, acrescentou Chabannes, maliciosamente.



dia. Fará Catarina o poeta esquecer a amante?

Alastando-se em largos passos, Chabannes foi ter à presença de Villon, a quem contou que um espião do duque de Borgonha tinha sido detido, não havia muito, nas proximidades do jardim real. Convidava-o a ir interrogá-lo.

Villon, como era natural, apressou-se em ir atrás do espiã, acompanhado de Chabannes e de mais três guardas. Porém, nem bem chegaram ao jardim, e já se dera conta de que tinha caído em uma miserável cilada.

-- Canalha! gritou para Chabannes, desembainhando, rápido como um raio, a espada, e no mesmo instante atravessando um dos soldados com seu gume afiado.

No entanto, a superioridade dos inimigos era patente, e em poucos segundos ficava o poeta à sua mercê. Agarrando-o pelos braços, os três covardes (que já antes haviam preparado um verdadeiro leito de cinzas, destinado a consumir Villon, sem deixar qualquer traço de seu desaparecimento) forçavam-no a deitar-se nos sete palmos de brasa dormida.

No mesmo momento em que isso ocorria, em outro ponto da cidade, Renato procurava convencer os amigos de François a se retirarem das proximidades das portas de Paris.

-- Villon é quem lhes ordena. Diz que vocês, se fizerem o que manda, ficarão livres, para sempre, de impostos e de prisões!

Huguette não acreditava em suas palavras. -- Não digo mentiras! Villon manda que todos vocês se reúnam, por volta da meia-noite, em frente à igreja de Notre Dame!

-- Não acreditem, por favor! Villon jamais permitiria que um empoadado como esse homem falasse em seu nome! Não vêem que ele ainda deve estar apodrecendo nas masmorras do rei? É mais um truque dos patifes!

Renato fez-lhe ver que Villon estava em liberdade, porém Huguette afirmou, entre as afirmações de incentivo de seus companheiros, que estivesse acaso livre o poeta, já estaria ali, em companhia deles!

(Continua no próximo número)



(THE VAGABOND KING)

CAPÍTULO III

ELENCO

Catarina de Vauxcelles	Kathryn Grayson
François Villon	Oreste
Huguette	Rita Moreno
Tristan	Sir Cedric Gibbons
Rei Luis XI	Walter Hampden
Thibault	Leslie Nielsen
René	William Prince

Ferrebourg

Jacques

Jack Lord

Billy Wine

e outros.

(Paramount)

Diretor — Michael Curtis

Baseado na Opereta de Rudolf Friml.

Cortesia de «PICTURE SHOW» & «FILM PICTORIAL».

Literatura e arte

JOSÉ ROBERTO TEIXEIRA LEITE

GENTE

Conversa com VILMAR F. RANGEL

— ATÉ BEM pouco, o movimento cultural campista era praticamente desconhecido no resto do Brasil. Hoje porém, graças ao Clube de Poesia de Campos, pode-se ter a certeza de que essa cidade fluminense figura já, e com relevo, no mapa literário do Brasil. Com tais palavras, Vilmar Ferreira Rangel, do Clube de Poesia de Campos, autor de um livro de poesia (Distâncias) e de outro de crônicas (Norte e Sul), principiou sua breve entrevista ao colunista. Muito jovem ainda, cursa presentemente a Faculdade Nacional de Direito, onde o fomos encontrar. Vilmar, dá-nos detalhes sobre o grupo a que pertence:

— O Clube de Poesia de Campos foi fundado a 27 de março de 1954, por A. Barcellos Sobral, Adolfo Schweitzer, Marly Santos Oliveira, Lourdes Giudice e Vilmar F. Rangel. Conta hoje com quatorze membros efetivos, e mais de cinquenta correspondentes, em vários Estados do Brasil, em Portugal, Espanha e Argentina. A atual diretoria é constituída por Joadelcio Codeço, presidente, Genaro de Vasconcelos, secretário geral, e Mário Newton Filho, diretor de Divulgação e Intercâmbio.

— Que iniciativas vocês já tomaram?

— As principais foram a publicação, até agora, de 6 números de «Horizonte 22», nosso órgão oficial; três livros de poesia editados («Poesia Nem Sempre», de Mário Newton Filho; «Tempo de Angústia», de Genaro de Vasconcelos; «Ânsia de

Azul», de Bruno Gargiullo); a organização da Biblioteca Mário de Andrade, hoje com duzentos volumes de poesia e crítica; finalmente, o Primeiro Salão Fluminense de Poesia, realizado em Campos, e onde foram debatidas inúmeras teses concernentes à Poesia moderna, no Brasil. Pode-se dizer que esse Salão foi um êxito, e a ele compareceram poetas como Afonso Felix de Souza e Geir Campos, bem como o editor Carlos Ribeiro.

— Vocês lançaram, em 1955, um manifesto em que expunham as idéias norteadas do Clube, não?

— É verdade. Essas idéias podem ser resumidas em duas principais: batemo-nos contra a poesia cerebral, e procuramos revalorizar o lugar-comum, tarefa perigosa, mas que sabemos levar a bom termo.

— Tem o Clube novos livros a editar?

— Sim: «Chão de Sal», de Bruno Gargiullo; «Face Ignota», de Lourdes Giudice; e «Ilha-Solidão», de Mário Newton Filho.

— Como receberam os campistas o aparecimento do Clube da Poesia?

— Os velhos literatos nos receberam friamente, até hostilmente. Com o passar do tempo, porém, já conseguimos inclusive atrair alguns às nossas reuniões. Os inadaptáveis, esses sim, não nos perdoarão jamais.

— Vocês contam com alguma espécie de auxílio oficial?

— Há, nesse sentido, um projeto na Câmara Municipal.

A infância redimida

A alegria, crio-a agora neste poema.

Embora seja trágica e íntima da morte
a vida é um reino — a vida é o nosso reino
não obstante o terror, o êxtase e o milagre.

Como te sonhei, Poesia! Não como te sonharam...

Escondo-me no bosque da linguagem, corro em sala de espelhos.

Estou sempre ao alcance de tudo, cheio de orgulho
porque o Anjo me segue a qualquer parte.



Tenho um ritmo longo de mais para louvar-te, Poesia.

Maior, porém, era a beira da praia de minha cidade
onde, menino, inventei navios antes de tê-los visto.

Maior ainda era o mar
diante do qual tôdas as tardes eu recitava poemas,
festejando com os olhos rasos d'água e às vezes sorrindo de paixão,
porque grande coisa é descobrir-se o mar, vê-lo existir no mundo.

O mar de minha infância, maior que o mar de Homero.

Brinco de esconder-me de Deus, compactuo com as fadas
e com este ar de jogral mantenho querelas com a morte.
Depois do outro lado, há sempre um novo outro lado a conquistar-se...
Por isso te amo, Poesia, a ti que vens chamar-me para as califórnicas
[da vida.

Não és senão um sonho de infância, um mar visto em palavras.

LEDO IVO (Desenho de Maria Thereza)

UM LIVRO

A VOLTA DE CIRO DOS ANJOS

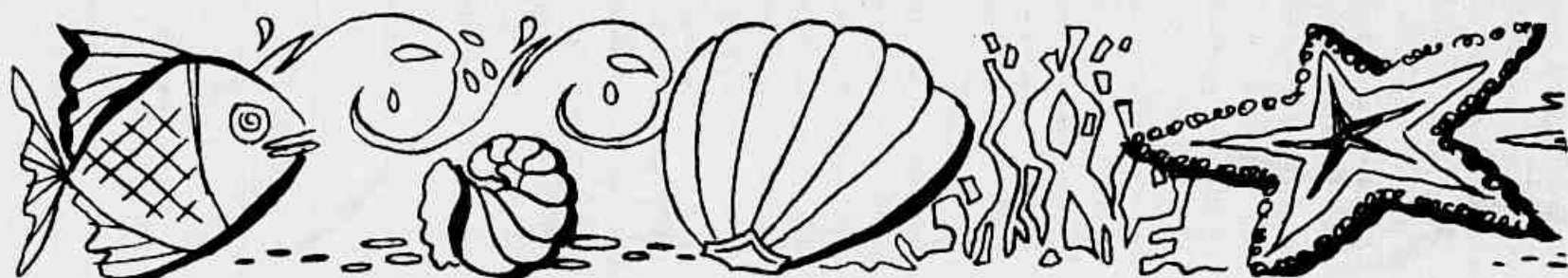
“O AMANUENSE BELMIRO”, editado em 1937, foi o primeiro romance de **Ciro dos Anjos**. Nêle, alguns críticos que amam as comparações e os paralelos, viram imediatamente a presença de um escritor que não hesitaram em comparar ao velho Machado de Assis. Seja como for, o livro abriu para de vez o prestígio literário de seu autor, homem arreado das romagens literárias, trabalhador sério e infatigável.

O segundo romance de **Ciro dos Anjos** não repetiria o êxito do primeiro. Surgido em 1945, “Abdias” — que esse era o seu nome —, nada veio acrescentar à fama do romancista mineiro. Agora, onze anos após

“Abdias”, aparece o terceiro livro de **Ciro dos Anjos** (1).

Quer nos parecer que o presente romance alcançará grande êxito. E isso, não tanto pelas suas qualidades intrínsecas a narrativa se arrasta monotonamente, através das quase quatrocentas páginas do volume, e a vários dos personagens, ou melhor dos figurantes do romance, falta a densidade que o autor certamente terá querido conceder-lhes —, porém, justamente pelo tema sobre o qual versa: a política nacional, de 1930 para cá nêle aparece em toda a sua nudez. Já os primeiros exegetas do volume de **Ciro dos Anjos** começaram a reconhecer, aqui e ali, esse ou aquele político brasileiro. O romancista nada confirma, ou desmente. Pedro Gabriel é ou não Benedito Valadares? Zózimo será o general Zenóbio da Costa? Para a grande maioria dos leitores, o que importa é identificar tôdas essas figuras. Para eles, o valor literário do volume é secundário. Contanto que fique satisfeita a sua curiosidade política, o mais não tem importância alguma.

É pena, porque esses não entenderão sequer a estrutura do romance. Com razão se alude, nas orelhas do livro, à pintura mural, para estabelecer um paralelo entre o romance de **Ciro dos Anjos** e outros romances atuais. “Montanha” é uma espécie de “Guerra e Paz” portinariana do mineiro; nêle se contorcem dezenas de personagens, alguns de corpo inteiro, outros apenas esboçados, ainda outros mal sugeridos, em seus traços gerais. Os primeiros livros de **Ciro dos Anjos** eram pinturas de cavalete. O romancista caprichava na figura dos personagens centrais, relocava um traço aqui, acentuava-lhe adiante uma qualidade ou um defeito. O resultado final era uma figura nítida, dominando todo o resto da tela. Mas agora, em “Montanha”, não há personagens centrais, propriamente ditos. É verdade que dois figurantes, Pedro Gabriel, o político inescrupuloso que chega a ser Ministro, após perder as eleições para governador, e sobretudo Ana Maria, a jovem que, começando por devorar as obras de Nietzsche, ao término do romance está com ganas, de quando em quando, de in-



Notas & Informações

ACABA DE ser editada, em Bogotá, na Colômbia, uma «Antologia de Cuentistas Brasileños», por iniciativa do Fondo de Editôres Indo-americanos. Seu organizador foi Roberto Velandia, conhecido romancista colombiano, autor de livros como «Hijos de la Calle» e «Güipás del Magdalena». Estão incluídos na Antologia contos de treze contistas brasileiros. A mesma casa editora, que é dirigida pelo senhor Alberto Silva, promete editar para esse ano ainda o ensaio «Vento Leste nos Campos Gerais (O Cêrco da Lapa)», de Rubens Mário Jobim, na tradução de Roberto Velandia. Quando lançado entre nós, em 1952, esse livro alcançou justo sucesso.

O DEPUTADO OLIVEIRA Brando apresentará brevemente à Câmara Federal seu projeto de lei, que abre um crédito anual de um milhão e quinhentos mil cruzeiros e que se destina à dotação do Prêmio Nacional de Literatura, que será, destarte, uma das maiores lãureas artísticas do mundo.

A FIM DE DISCUTIR assuntos relacionados com a Enciclopédia Brasileira, estiveram em São Paulo Eurialo Canabrava e o diretor do Instituto Nacional do Livro, José Renato Santos Pereira.

CASTRO REBELLO, Gilberto Freyre e Celso Cunha fazem parte da delegação brasileira que tomará parte, a 22 do corrente, em Santander, Espanha, no Segundo Congresso Internacional de Cooperação Internacional.

gressar num convento, atravessam de lado a lado o grosso volume, de que são, por assim dizer, os eixos principais. Tivéssemos de apontar, em «Montanha», um tipo humano digno de simpatias, e esse tipo seria, sem qualquer dúvida, Ana Maria. Merece penetrar na galeria das raras figuras de valor da moderna ficção brasileira, essa jovem de vinte anos, eternamente roída pela angústia, entregando-se por equivoco ao homem a quem pensava amar, para afinal cair na enfermaria de um sanatório, a aguardar o pneumotórax.

«Montanha», a região onde pululam todos aqueles políticos e jornalistas sem moral, parece ser uma contrafação de Minas Gerais. Sua política encrencada é em verdade o que o livro busca retratar. Até certo ponto, o consegue. A ameaça do «golpe», as alianças escandalosas entre os inimigos da véspera, as maquinacões capilosas, o amoralismo de tantas situações, tudo desfilou através das páginas do romance. Digna de nota é que os personagens de «Montanha» falam pouco, e raciocinam muito. São quase todos políticos, homens para

Livros em desfile

PRADO RIBEIRO vem de editar sua «Psicologia da História do Brasil», já em segunda edição. A obra, em traços gerais, repete os chavões consagrados à nossa História. Entre as falhas mais gritantes do autor, anotamos: a) o não ter ele compreendido melhor o espírito da Balaiada, que não foi somente, como afirma, uma «ação criminosa»; b) o condenar, em termos apaixonados, a colonização portuguesa do Brasil, colonização que um Leroy-Beaulieu não se cansou de louvar; c) o ter dedicado os mesmos adjetivos encomiásticos à série de movimentos liberais do século XIX, e ao esmagador de quase todos eles, Caxias. (Pongetti, Rio, 1956. 147 páginas).

NA COLEÇÃO recentemente começada pelo Instituto Nacional do Livro, e que denominar-se-á Biblioteca de Iniciação Cultural, acaba de ser publicado o livro de ensaios de Augusto Meyer «Prato & Branco». São trabalhos que apareceram anteriormente na imprensa. Nêles, retomamos contacto com o mesmo espírito culto e a mesma sensibilidade aos quais nos haviam habituado «Machado de Assis», e «A Sombra da Estante» (I.N.L., Rio, 1956, 227 páginas).

A REVISTA do Livro, há pouco editada pelo Instituto Nacional do Livro, acaba de nos chegar às mãos. Divide-se em cinco cadernos: «Estudos», «Inéditos», «Resenhas», «Bibliografia» e «Noticiário». Colaboram conhecidos nomes das letras brasileiras. A publicação é bimensal. Não apreciamos a paginação, antiquada.

quem uma frase menos pensada pode significar um término de carreira. Por isso, sua conversação é mastigada, medida e pesada em todas as suas conseqüências. Parece-nos ser essa uma das grandes qualidades do livro: o leitor vê nascer o raciocínio dos personagens, vê a reação de cada interlocutor, toma parte, com ele, no verdadeiro jogo de habilidades lógicas que é uma conversa entre políticos em vésperas de eleição...

Ao término da leitura, impossível é não se ficar melancólico com o panorama sombrio traçado pelo romancista, e que sabemos verdadeiro. Aquilo é a política brasileira. A sórdida política brasileira. Com seus anões e pseudo-gigantes. Aguardando um pneumotórax, tal como Ana Maria, a ver se dias melhores estão a caminho.

(1) «Montanha» de Ciro dos Anjos. Livraria José Olympio Editôra. Rio de Janeiro, 1956. 391 págs. Capa de Carlos Thiré.

ARTES

NOTAS

EDUARDO LOEFLEER, cenarista que não faz muito obteve a cidadania brasileira, está exibindo em Viena, a convite da Imprensa do Estado, vários trabalhos de cenografia por ele executados no Brasil.

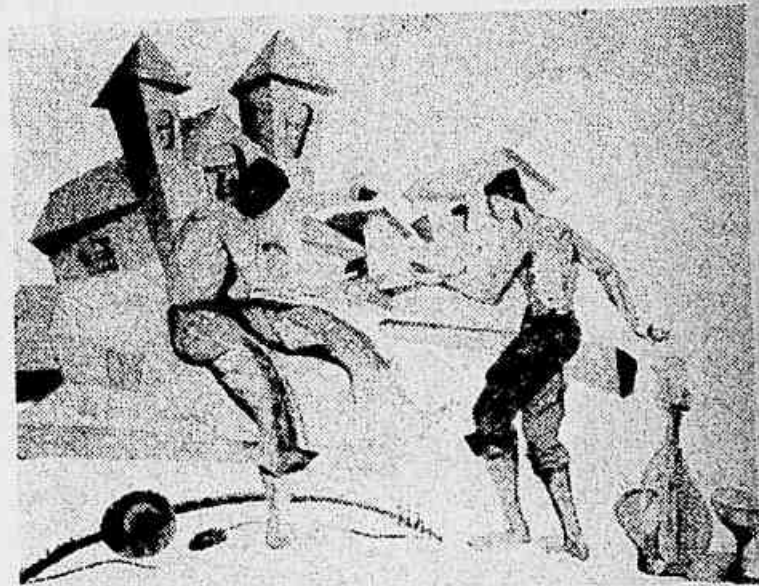
NO MUSEU Nacional de Belas Artes realiza-se, desde trinta de junho, a retrospectiva Raimundo Cella, artista já falecido.

PAISAGEM BRASILEIRA, é o tema do artigo de José Geraldo Vieira, aparecido no primeiro número da «Revista do Livro», recentemente publicada pelo Instituto Nacional do Livro. O Museu de Arte Moderna de São Paulo realizou, não faz muito, uma exposição subordinada ao título: «Cinquenta Anos de Paisagem Brasileira». Justamente sobre tal exposição é que versa o ensaio.

TELEGRAMAS CHEGADOS de Londres dão conta do imenso êxito alcançado, naquela capital, pela Exposição de Arte Portuguesa. Principalmente o fabuloso painel de Nuno Gonçalves, obra prima da pintura lusitana, atraiu durante semanas a atenção artística londrina. Quando será que nossos amigos portugueses dignar-se-ão enviar-nos alguns de seus tesouros artísticos?

O NÚMERO de abril de «Prisme des Arts», a nova revista francesa consagrada às Artes Visuais, e que tem como representantes no Brasil Sérgio Milliet e Mário Pedrosa, traz um artigo de Pierre Francastel, «Art Abstraite et Peinture Vraie», no corpo do qual vão reproduzidos dois textos, até então inéditos, do conhecido pintor Delaunay. Francastel divide a pintura abstrata em dois ramos principais, um, capitaneado por Robert Delaunay, baseado sobretudo na técnica, e o outro, de que foi chefe Kandinsky, de origem intelectual.

A ARTE Esquimó é quase totalmente desconhecida entre nós. Se excetuarmos as poucas peças existentes no Museu Nacional, não sabemos de mais nenhuma coleção que as possua. Simões da Silva, é verdade, possuía importante coleção, e também a arte esquimó estava nela representada. Onde, porém, terá parado seu espólio? Atualmente, em Paris, o Museu do Homem está apresentando imensa mostra de Arte Esquimó do Canadá. A escultura, a cerâmica e a poesia esquimós atraem a atenção dos parisienses.



PAINEL executado por Max Guttman para o doutor Roberto Fagundes, em Copacabana.



«PRESTE BEM ATENÇÃO» — diz o mestre. «AOS POUCOS, A SENHORA CAIRÁ EM SONO PROFUNDO. O SONO SE ACENTUA CADA VEZ MAIS... ESTA REGIÃO (indicar calcando com a ponta do dedo a zona interessada) FICARÁ INTEIRAMENTE ANESTESIADA...» — «A palavra é a «ma-

Fim do império da agulha

HIPNOTIZADO, VOCÊ ARRANCARÁ

«Um curso de hipnotismo varia de acôrdo com as condições e as finalidades específicas do campo em que se vai exercer a hipnose. Nesse sentido, um curso de hipnotismo não é exatamente a mesma coisa que um curso de hipno-análise. Difere, tècnicamente, em muitos aspectos, do hipnotismo usado para inquéritos criminais, o qual, por sua vez, difere do hipnotismo de palco. Embora em seus fundamentos básicos a técnica hipnótica seja a mesma, a hipnodontia — objeto desta nossa primeira aula — lida com indivíduos que têm horror à agulha, à broca e ao motor.»

UMA pausa e um gole d'água interrompem a voz compassada do professor, que relanceia um olhar satisfeito pelo ambiente. Numa sala de dimensões exíguas, espalhadas pelas 40 poltronas, amontoadas e até acocoradas nos desvãos das cadeiras, reúnem-se mais de 100 pessoas. O silêncio é absoluto e a expectativa é tensa. A assistência se encontra como que **hipnotizada**, bebendo a palavra fluente (com sotaque germânico) do mestre que pontifica na cátedra.

ENSINANDO A HIPNOTIZAR EM 12 AULAS

O curso que está tendo início naquele instante, destina-se a preparar os profissionais da odontologia na prática do hipnotismo como substituto da anestesia. As aulas serão em número de 12, ministradas diariamente, com a duração de 1 hora. O Professor (mestre de psicologia de um estabelecimento penal de Belo Horizonte) notabilizou-se, recentemente, na apresentação de espetáculos teatrais de hipnotismo coletivo. E agora

ali está, convidado oficial do Sindicato de Odontologistas do Rio de Janeiro para ministrar seu curso.

Os alunos formam um conjunto de moços entusiastas, saídos há pouco da Faculdade, e de velhos profissionais também.

A ansiedade a todos domina, sem exceção.

— «Ôba! Vou aprender a hipnotizar!» — diz um jovem de óculos, estregando as mãos de satisfação.

CONTROVÉRSIAS

Mas... o curso a cuja primeira aula estamos assistindo acaba, também, de ser objeto de viva controvérsia, que gerou atritos entre duas fortes correntes de opinião, que ora divide a classe dos odontologistas em todo o país.

O Hipnotismo (ciência cujo fatalismo histórico parece ser mesmo destinada à controvérsia) cujas origens se perdem nas brumas do passado, possuindo uma das mais vastas literaturas e da qual já se ocuparam filósofos, teólogos, sociólogos, cirurgiões, psicólogos, biólogos e leigos (cada qual com sua opinião) vem de empolgar nos dias que correm os dentistas brasileiros.

A A.B.O. SUSPENDE O CURSO

A Associação Brasileira de Odontologia, sob cujos auspícios foi iniciado o primeiro curso de hipnotismo no Rio de Janeiro, proporcionou no início dêste ano mais duas turmas cuja afluência superou a expectativa. De repente determinou a sua suspensão, terminando por extingui-la definitivamente.



madeira» do hipnotizador» — explica o prof. Karl Weissmann. Atentos à palavra do mestre, odontologistas do Rio preparam-se para usar a técnica hipnótica como substituto da anestesia. «De modo geral, tôdas as pessoas normais são hipnotizáveis.»

DENTES SEM DÔR

O fato causou descontentamento entre os associados, que recorrendo ao Sindicato obtiveram da atual diretoria autorização para ali instalar o referido curso, ministrado também pelo mesmo professor.

Eis como nos relata a ocorrência o presidente da A.B.O., o dr. Evandro de Castro:

— Influenciados pelas publicações estrangeiras sobre hipnodontia, que cada dia mais crescem em volume, um grupo de interessados procurou levantar o assunto na Associação.

«Desde que foi aberto o problema na A.B.O., a curiosidade e o entusiasmo de nossos colegas vem aumentando incessantemente. Iniciamos esses estudos em fins do ano passado, ministrando cursos que mais tarde foram suspensos, embora houvesse bastante procura para formação de novas turmas.

COMO NASCEU A IDEIA

Depois de explicar que na divisão científica daquele órgão foi criada a Seção de Hipnodontia, que atualmente trabalha ao lado de 13 outras seções especializadas, prossegue o dr. Evandro:

— Foi nomeado para dirigir essa seção o dr. Manoel Ballian, que voltava dos Estados Unidos entusiasmado com o que vira naquele país e se propunha a reunir um grupo de colegas para estudar o assunto. Desde que o dr. Ballian iniciou seu trabalho à frente da referida seção, temos tido conferências e mesas-redondas de dentistas e médicos que demonstraram o cuidado, a segurança e a boa orientação com que a A.B.O. recebe as novidades sem qualquer intento sensacionalista, mas com o objetivo exclusivo de pesquisa, assentada em bases absolutamente científicas.

INFLAÇÃO DE "DENTISTAS-HIPNOTIZADORES" NO RIO E EM SÃO PAULO ★ CURSOS DE HIPNOTISMO DO SINDICATO DOS ODONTOLOGISTAS ★ SETECENTOS PROFISSIONAIS JÁ PONDO EM PRÁTICA O NOVO MÉTODO ★ VANTAGENS, DESVANTAGENS ★ A OPINIÃO DE MIRA Y LOPEZ E A DECISÃO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ODONTOLOGIA

Reportagem de W. GUARNIERI

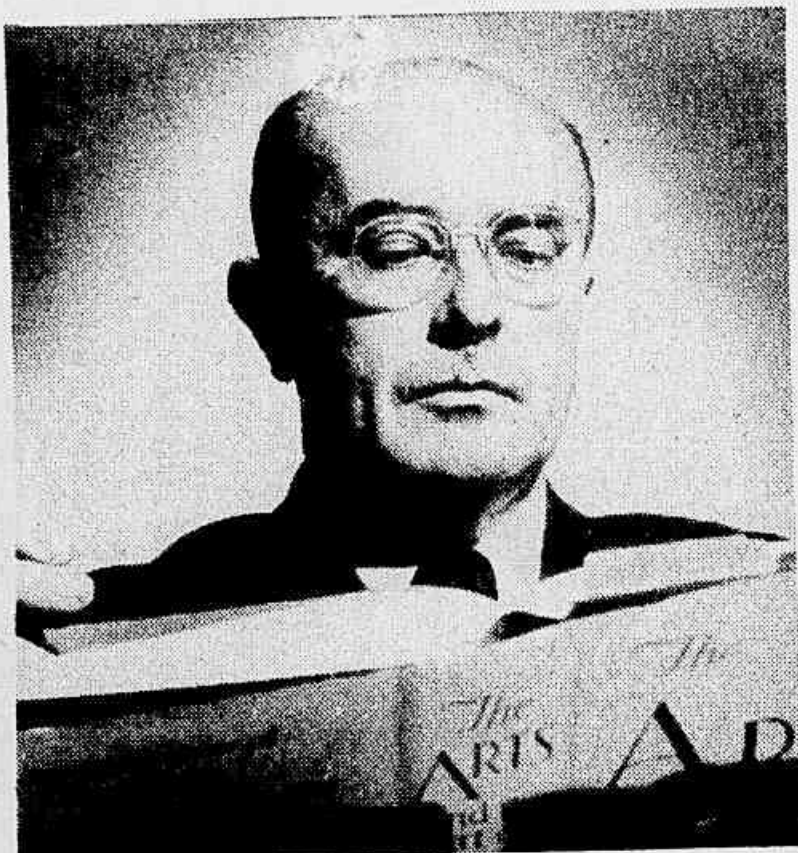
Fotos de A. FERREIRA



HIPNOTIZADO, VOCÊ ARRANCARÁ DENTES SEM DÔR



Dr. José Bicudo Jr., do Centro de Anestesia, é do contra: «Não acho vantagem no hipnotismo. Os recursos atuais da anestesiologia resolvem satisfatoriamente todos os casos.»



Professor Mira y Lopez: «Despertar o inconsciente de alguém é como comprar um bilhete de loteria... Taras e perversões podem manifestar-se efetivas, perigosamente.»



Dr. Evandro de Castro, da A.B.O.: «Ainda é cedo para pronunciamentos. Vamos deixar que com o amadurecimento e os estudos o problema da hipnose fique melhor situado na odontologia.»

NENHUM PRONUNCIAMENTO

Acentua o presidente daquela Associação que, no momento, duas correntes de opiniões vêm se digladiando pela imprensa, uma favorável e outra contrária à prática da hipnose na odontologia, para continuar:

— Temos acompanhado, lamentando sempre, essas polêmicas que deveriam, pelo menos por enquanto, restringir-se às sessões científicas das instituições de classe. Fiel a esse pensamento, resolveu a direção da Associação Brasileira de Odontologia não se pronunciar sobre o assunto, deixando que com o amadurecimento o problema da hipnose fosse melhor situado dentro da odontologia. Continuaremos com nossas programações de estudo procurando fazer um intercâmbio de conhecimentos que certamente nos levarão a uma posição certa para aconselhar nossos colegas sobre as vantagens e desvantagens, indicações e contra-indicações do emprego da hipnodontia.»

INSUFICIÊNCIA DE CONHECIMENTOS

— A suspensão dos aludidos cursos — prossegue o dr. Evandro de Castro — deve-se, apenas, ao fato de que julgávamos que os mesmos eram insuficientes para a prática segura da hipnodontia, embora alguns de nossos colegas tivessem já pleno domínio da técnica hipnótica. Aliás, no que se refere ao ensino prático da técnica de hipnotizar, foi até muito eficiente. Mas, é necessário, além da prática, uma base mais sólida, por parte de quem vai aplicar o método, implicando em conhecimentos de psicologia, psiquiatria, psicanálise e critério de seleção de pacientes.

VEM AI UM ARGENTINO

— Como se vê — conclui o presidente da A.B.O. — o problema não é tão simples de resolver. Merece estudos mais completos, debates mais amplos, e isso é o que a nossa Associação vem fazendo.

— «Agora mesmo estamos esperando um ilustre psiquiatra argentino, o Dr. José Torres Nery, que virá sob os auspícios da A.B.O., do Sindicato e de um grupo de médicos desta Capital.

«O referido mestre é Professor-Assistente da Faculdade de Medicina Argentina, autor de vários livros e artigos especializados e tem dado cursos sobre hipnose a dentistas e médicos em toda a América do Sul.»

QUEM É O MESTRE HIPNOTIZADOR

Terminada a aula, logo um enxame de alunos rodeou o professor. Perguntas choviam de todos os lados e a todos eles atendia com um semicerrado sorriso beatífico. Mais alguns momentos e conseguimos abordá-lo. O Prof. Karl Weissmann é um homem maduro, de feições simpáticas e tez avermelhada, traindo a sua condição de europeu. Austriaco de nascimento, há mais de 20 anos acha-se radicado no Brasil. Nada tem de homem misterioso.

Desempenha, atualmente, as funções de psicólogo-chefe da Penitenciária de Neves, em Belo Horizonte, e foi na capital mineira que deu início às primeiras demonstrações públicas de hipnotismo, em 1954, em favor de uma campanha de anti-tuberculose.

Conta-nos que seu interesse pelo assunto vem dos tempos da mocidade, mas que só a maturidade mesmo pode proporcionar meios adequados para o desenvolvimento completo de um bom hipnotizador. Contemporâneo de Freud, ainda em seu país de origem, exhibe-nos cópia fotostática de uma carta que o criador da psicanálise lhe escreveu em 1938, agradecendo a remessa de um livro de sua autoria. Escreveu ainda vários outros, destacando-se obras sobre as vidas de Schopenhauer, Nietzsche

e Freud, como expressões da «Dor, Luta e Sexo» e um método de inglês, quando mal dominava o idioma do país que escolheu para viver.

NÃO É DIFÍCIL HIPNOTIZAR

— Não há nada de misterioso e difícil na arte que ensino. O hipnotismo está para nós, psicólogos, assim como a aplicação de injeção está para o médico. É coisa simples. A técnica é fácil de aprender e qualquer pessoa o poderá fazer chegando a resultados bastante satisfatórios.

ANESTESIA HIPNÓTICA É VELHARIA

Comentando o aspecto sensacionalista de que se reveste a introdução do hipnotismo na anestesia, explica o prof. Weissmann:

— A extração de dentes sob hipnose é um processo bastante antigo. Já em 1837, o dentista Jean Eline Oudt — refere o «International Journal of Anesthesia» — comunicava à Academia Francesa de Medicina seus sucessos obtidos com extrações sob «sono magnético», usando a terminologia mesmeriana para designar hipnose. Hoje, dizemos «sono psicossomático». E antes dele, em 1829, o dr. Jules Cloquet, usou a hipnose na França, como anestésico mastectomia. Intervenções cirúrgicas já se faziam, em 1846, nos Estados Unidos usando a anestesia hipnótica.

«— Ao que tudo indica» — prossegue — «houve um cochilo, um período de esquecimento na história e na prática do hipnotismo, que, segundo o testemunho de renomados historiadores, celebra em nossos dias o seu terceiro renascimento.»

A IDEIA DOS CURSOS

Refere-se o prof. Karl Weissmann que em fins do ano passado, logo após uma das sessões públicas em um de nossos teatros, foi procurado por um grupo de odontólogos desta capital que se mostravam interessados no aprendizado da prática do hipnotismo.

«— Há poucos meses fui convidado pela Diretoria da Associação Brasileira de Odontologia para ministrar um curso intensivo. A frequência era enorme e foram precisos mais 2 cursos. Depois disso foram as aulas suspensas intempestivamente. De São Paulo, então, e de Porto Alegre também vieram mais solicitações a que fui atendendo na medida do possível.»

MAIS DE 700 DENTISTAS HIPNOTIZADORES

«— Até hoje, já passaram pelos meus cursos cerca de 750 profissionais da odontologia (400 no Rio, 200 em São Paulo e 150 em Porto Alegre) e o interesse continua crescendo, já estando programados mais alguns cursos em cada uma dessas capitais.»

A TÉCNICA HIPNÓTICA

«— A hipnose, sendo um fenômeno de caráter psicológico, e portanto sugestivo, justifica o emprego de métodos psicológicos. A hipnose pode ser conseguida unicamente pela sugestão verbal. Uma única palavra, proferida com a devida serenidade e convicção, vale mais do que todo um elaborado sistema de passes, e todos os expedientes fisiológicos e mecânicos de hipnotização usados por muitos profissionais.»

«A técnica hipnótica deve ser, na medida do possível, uma técnica de atropelamento. Não se dá ao paciente tempo para analisar e criticar a tática e os propósitos do hipnotista. Empregando o método objetivo e uma vez o paciente bem acomodado na cadeira, obedecendo as instruções quanto à maneira de sentar, de encostar a cabeça, de colocar os

(Continua na página 58)

A qualquer hora
do dia
ou da noite

a
RÁDIO RECORD

de São Paulo
tem um PROGRAMA
que VOCÊ ouvirá
perfeitamente
em qualquer
ponto do país
EXPERIMENTE!

ondas médias: 1.000 kcs. 50.000 watts
ondas curtas: 19, 25, 31 e 49 metros

Record

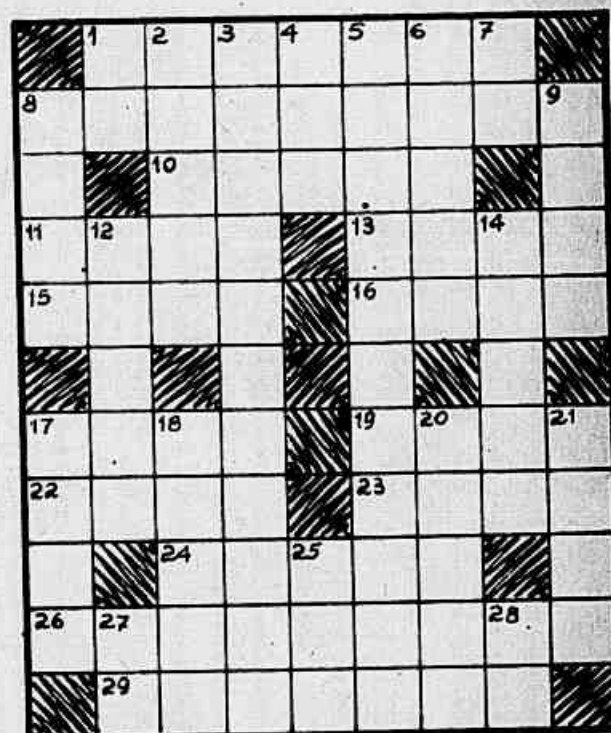
PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMAS Nº 128

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — 1. Roubalheiras — 8. Sucessão genética das espécies orgânicas — 10. Conselho — 11. Cidade da Itália, na província de Cosenza — 13. A parte difícil de um empreendimento — 15. Povoação da Inglaterra, no condado de Lancaster — 16. Esconderijo — 17. Método para extrair níquel do mineral impuro, pela ação do carbono — 19. Ação aparatosa para impressionar — 22. Nome de um inseto himenóptero — 23. Guiñar — 24. Soprano — 26. Doenças causadas por acarídeos — 29. Amolgar.

VERTICAIS: — 1. Flauta siamesa — 2. Espécie de leque, usado, antigamente nas igrejas — 3. Mexeriqueiro — 4. Procedi — 5. Protuberância situada na parte inferior e média do cérebro (pl.) — 6. Antigo — 7. Nota musical — 8. Estar seguro — 9. O ladrar do cão — 12. Mistura de sebo, pez e cêra, com que os sapateiros enceram as linhas — 14. Perceba — 17. Grande porção de objetos semelhantes — 18. Censuram — 20. Sã — 21. Subúrbios — 25. Além disso (ant.) — 27. Dêste lado — 28. Símbolo do metal de peso atômico 167,64.

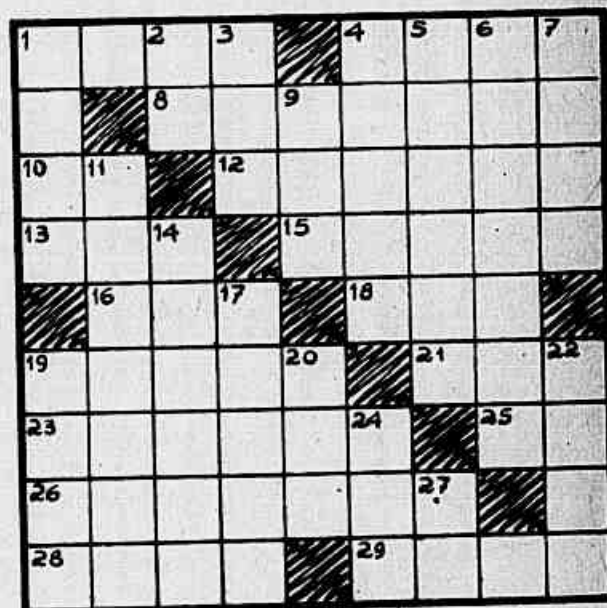


Oliver - Rio

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — 1. Querer bem — 4. Grande saco — 8. Tornar sereno — 10. Outra coisa — 12. Pomposo — 13. Órgão secretor da urina — 15. Fôlha de ferro estanhado (pl.) — 16. Maior — 18. O mesmo que raer — 19. Observam — 21. Título honorífico inglês — 23. Ligaram — 25. Interjeição de espanto — 26. Fizeram engordar; iscaram — 28. Membros emplumados das aves — 29. Capital do Peru.

VERTICAIS: — 1. Lavar — 2. Artigo feminino plural — 3. Rente — 4. Pôr sêlo — 5. Argola de âncora (pl.) — 6. Pássaro de côr geralmente amarela e de canto melodioso — 7. Clima — 9. Relação — 11. Fronteiras — 14. Residência — 17. Extraordinárias — 19. Padiola — 20. Oceano — 22. Verso — 24. Moléstia — 27. Nota musical.



Oliver - Rio

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 127

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: —

MÚSICA

TOUMANOVA NO MARACANAZINHO

BOLIVAR COSTA

◆ Imponente espetáculo teve lugar no Maracanzinho, na noite de 30 de junho passado, quando a famosa bailarina Tamara Toumanova e seu «partner» Vladimir Ouktomsky se exibiram ante uma assistência de mais de 25.000 pessoas. Os vibrantes e ininterruptos aplausos a uma sucessão de números coreográficamente densos e supostamente inacessíveis ao entendimento popular, vieram provar que a massa não é estúpida e que se não acompanha todos os acontecimentos artísticos com interesse é porque sua já tão explorada bolsa não lhe permite chegar até eles. A estrondosa receptividade demonstrada pelo povo bem que pode revestir o acontecimento de uma alta significação, abrindo, conseqüentemente, um honroso precedente para os espetáculos clássicos dirigidos às grandes massas, nos moldes como são levados a efeito na União Soviética, Tchecoslováquia, Polónia, Iugoslávia, Inglaterra e Estados Unidos.

◆ E o mais interessante é que não se fez uma única concessão no que se refere à escolha do programa. O mesmo «Dom Quixote» de Richard Strauss que o requintado e comedido público do Municipal aplaude veementemente, sempre levando em conta a ética e o bom tom, foi alvo de incontroláveis e anárquicas ovações. Em «Galope Moderno», de Ribakowsky, duvidamos que o virtuosismo do par de bailarinos tenha perdido sua intensidade em comparação com as apresentações anteriores pelos mesmos artistas nos palcos dos teatros aristocráticos. E na «Morte do Cisne», de Camille Saint-Saens, Tamara Toumanova, como que empolgada pela grande multidão que lhe assistia aos movimentos, dançou com o máximo de expressividade e pureza, tendo provocado o maior entusiasmo coletivo de sua história artística.

◆ Advirta-se, todavia, que o referido espetáculo não foi, em absoluto, uma homenagem do prefeito da cidade ao povo, como quiseram fazer crer através dos ALTO-FALANTES instalados no Maracanzinho. O custo dos lugares nas arquibancadas foi de vinte cruzeiros, o que está longe de ter sido um preço popularíssimo, principalmente se levarmos em consideração a grande capacidade do ginásio. Notamos, além disso, que a constante preocupação dos pregoeiros oficiais era a de dizer que o povo que ali se achava, devia a beleza daquele espetáculo única e exclusivamente à boa vontade do prefeito Negrão de Lima. Ora, o povo não se impressiona mais com demagogia talhada nesse estilo, que consideramos profundamente elementar; e a prova está em que houve um princípio de vaia quando o locutor, num verdadeiro abuso da paciência popular, declinou pela terceira vez o nome daquele político mineiro. É pena que entremos um assunto político nos limites de uma despretenciosa crônica sobre «ballet». Mas é que neste país, onde se aproveita das menores coisas para se conseguir ou readquirir a popularidade perdida, não se pode e nem se deve permitir que os acontecimentos sejam analisados separadamente, como se fossem estanques, sem qualquer conexão com os fundamentos sociológicos que os determinam. O que se deve e raramente se diz ao prefeito do Distrito Federal é que se ele quiser angariar popularidade, que amenize o problema dos transportes coletivos e diminua o custo dos gêneros de primeira necessidade. Do contrário não há «ballet» que o possa salvar...

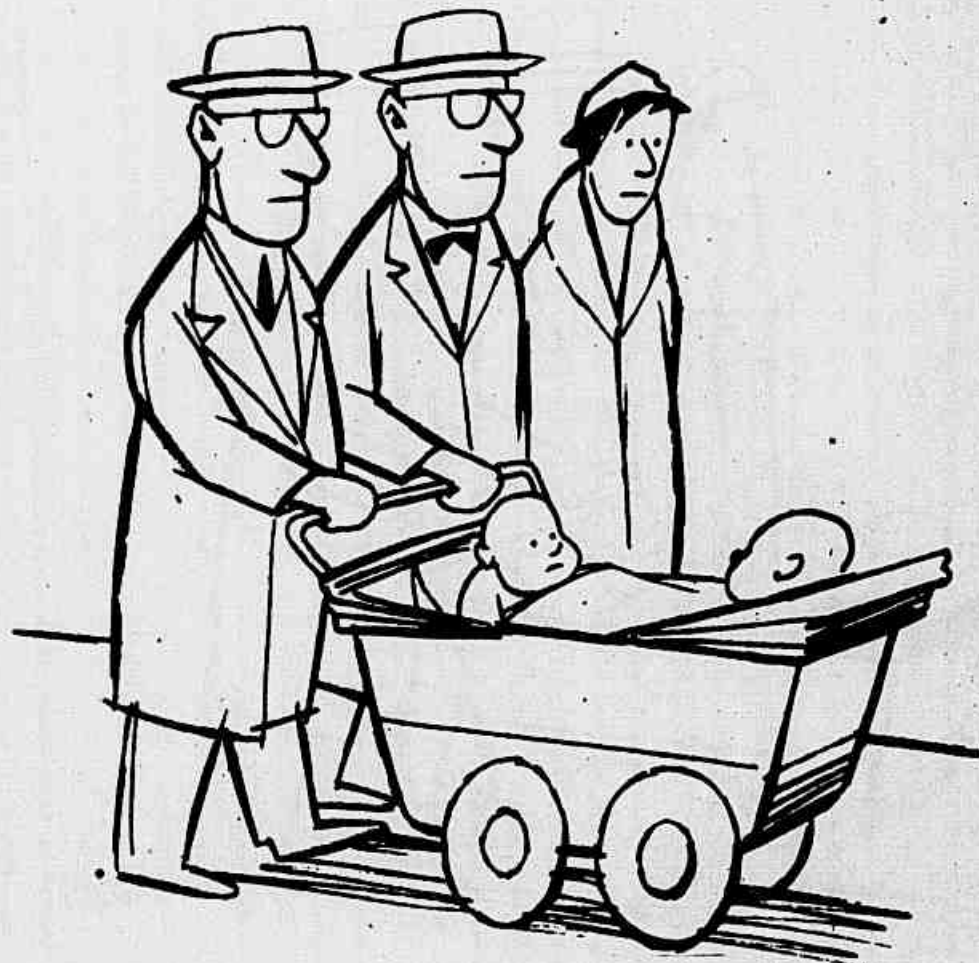
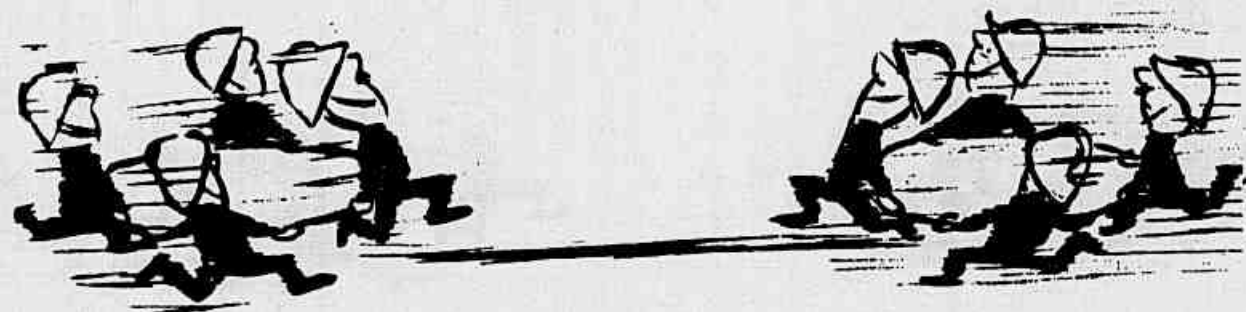


Viagens "sob medida"...

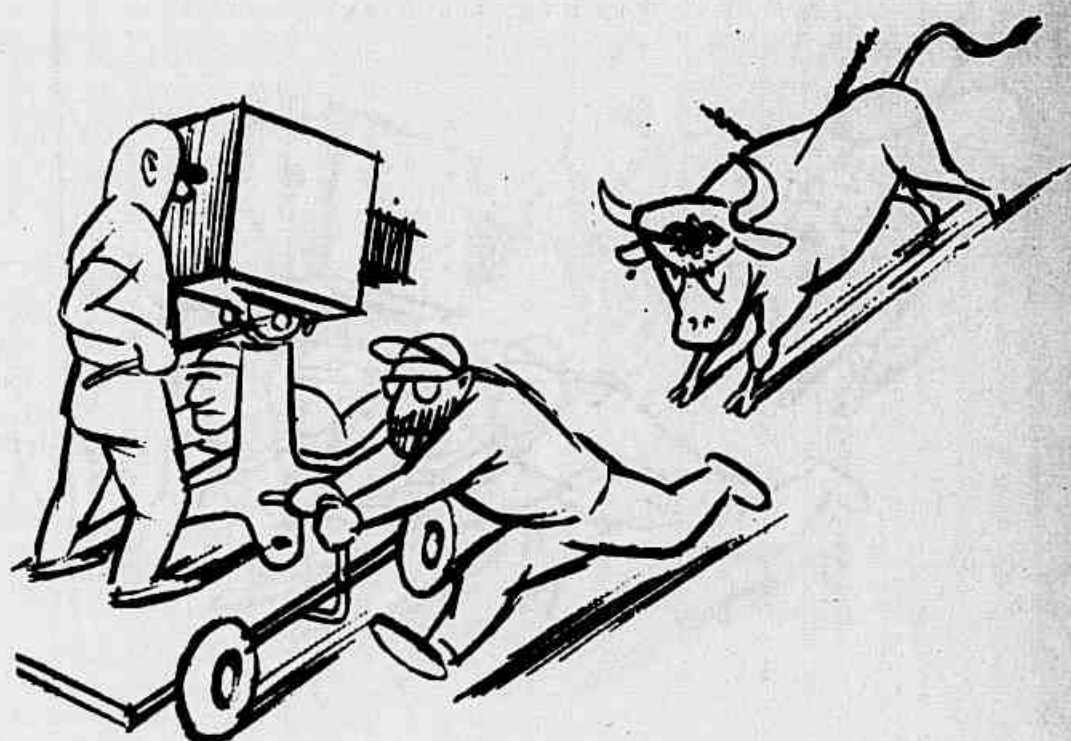
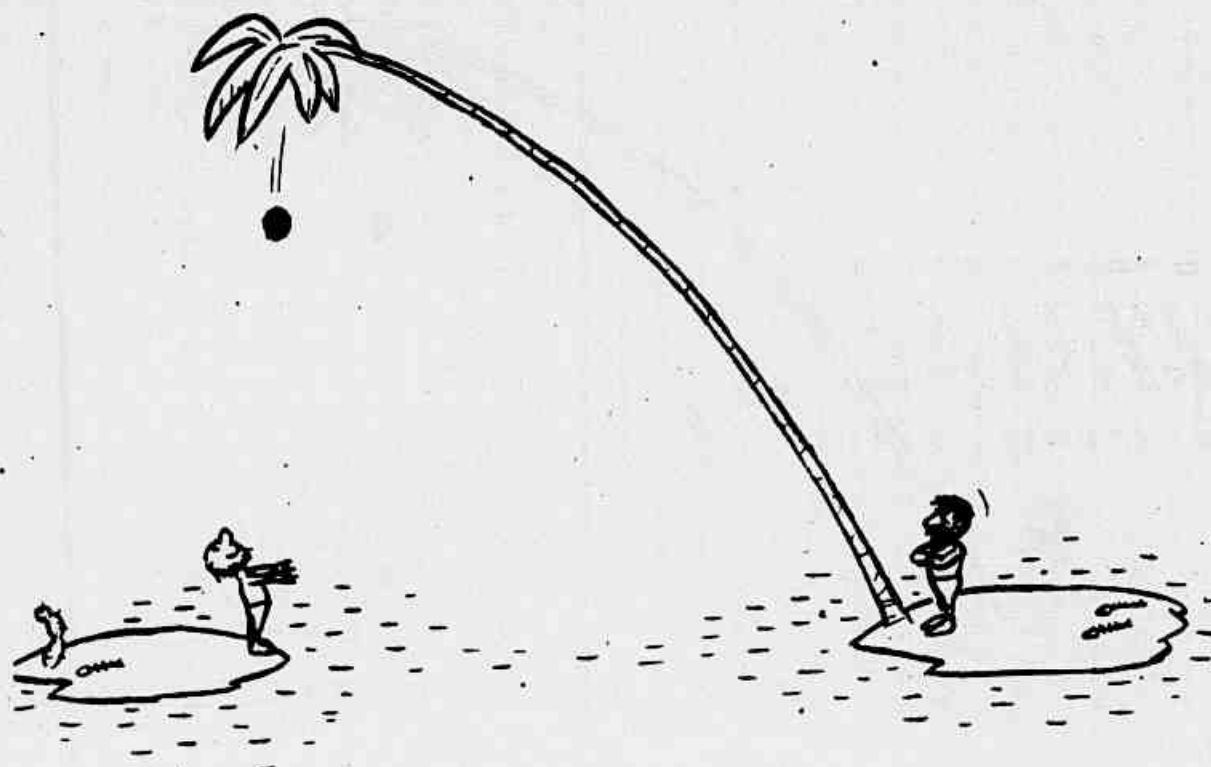
para maior satisfação dos passageiros!

Constituindo um dos pontos que contribuem para que os benefícios de uma viagem aérea sejam inteiramente desfrutados pelo viajante, o Serviço de Reservas de lugares da NACIONAL TRANSPORTES AÉREOS está confiado a experientes e dedicados funcionários que tudo fazem para apresentar a cada passageiro um roteiro de viagem que corresponda plenamente à sua preferência. Selecionando horários, indicando conexões que poderão ser realizadas em cada escala, sugerindo o regresso por um novo trecho para que o viajante melhor aproveite recreativa ou comercialmente a viagem, e esclarecendo-o em tudo que se relacione ao seu conforto durante o percurso, são informações prestadas prazerosamente pela Seção de Reservas da NACIONAL, concorrendo para que os seus passageiros, ao desembarcarem, repitam a exclamação: «Fixemos uma ótima viagem... uma viagem «sob medida»!

NACIONAL
TRANSPORTES AÉREOS



O RISO DOS OUTROS





CARMEM TEREZINHA chega ao templo, recebida pelo pai.

Solbiati — Mayrink Veiga

O CASAMENTO DO ANO

Reportagem de JEFF THOMAS

REVISTA DA SEMANA — 46

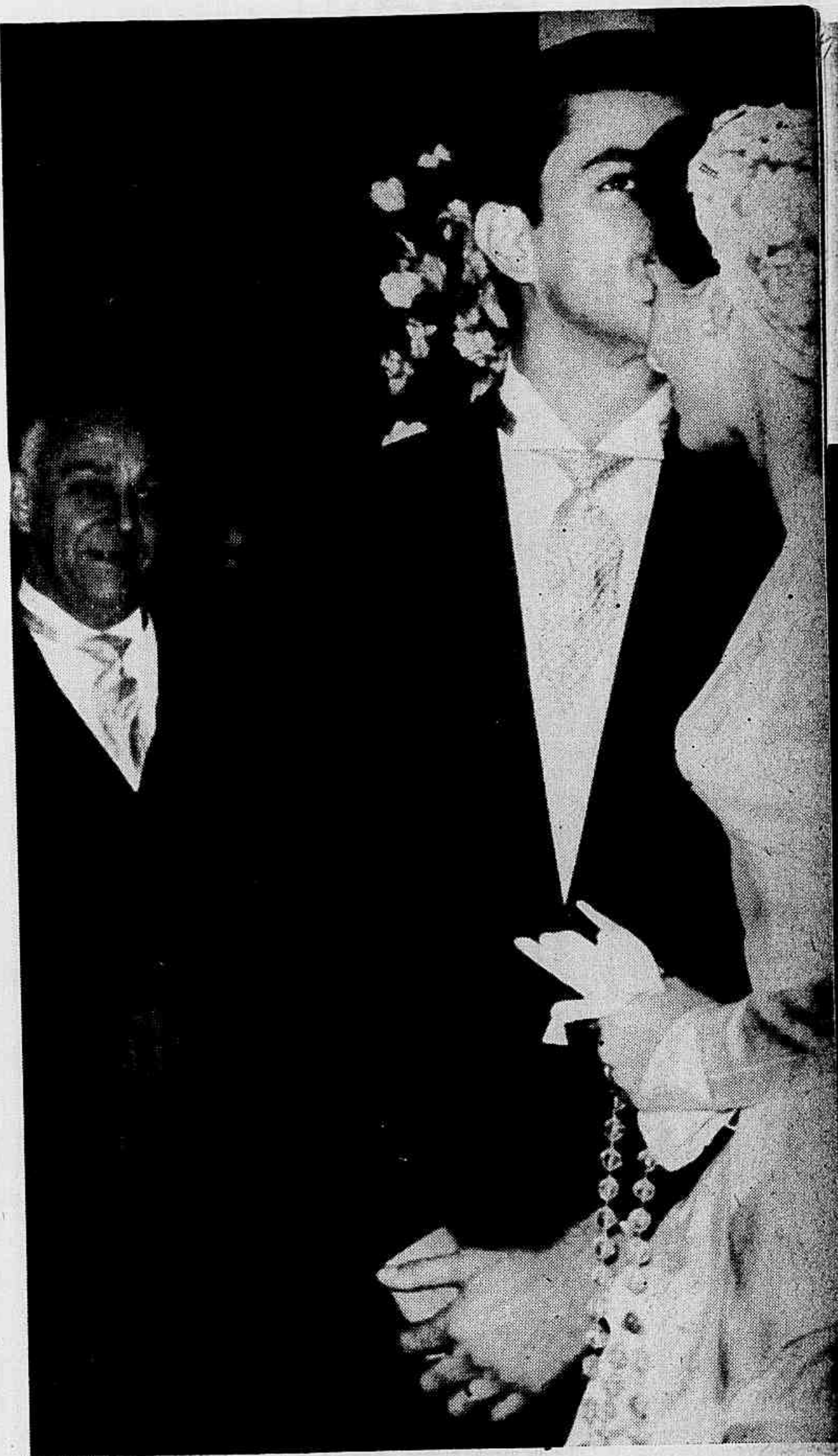
Foi há pouco mais de um ano, que este colunista, ainda «debutante», numa bela manhã da piscina do Copa, em conversa-entrevista com a beldade Carmem Terezinha Solbiati lhe perguntou: — «Carmem, quando você vai casar?» — Carmem respondeu: «UM DIA, Jeff. Você será convidado». Nessa época ela era noiva do sr. Ricardinho Fazanello. Desde tal momento passei a não acreditar mais na realização do seu casamento com o jovem Fazanello. Poucos meses depois, ela me comunicava que o noivado estava acabado. Logo em seguida, Carmem passou a «flirtar» com o galante milionário Tony Mayrink Veiga e a freqüentar, com a devida assiduidade, partidas de pólo. O «flirt» passou a namôro sério, e, no mês passado ela me comunicava o seu casamento, dizendo: «Você já está convidado, lembra-se?» E assim, na manhã um pouco ensolarada do dia 25 do mês de junho, eu via entrar no Santuário do Sagrado Coração de Jesus, dentro de um vestido branco (bem comprido), a noiva mais bonita do ano, levada ao altar pelo braço do seu pai, sr. Enéias Solbiati. Apesar da hora ser um pouco cedo, tôda a sociedade paulista lá estava, além de um grande grupo amigo dos noivos. Uma veneranda senhora ao meu lado, na igreja, comentava: «Nunca vi um par tão bonito e tão perfeito; este casamento parece até um conto de fadas». Parecia mesmo! O ato foi celebrado por D. Paulo Rolim Loureiro, Bispo Auxiliar de São Paulo. Serviram de padrinhos, por parte da noiva, sr. e sra. Nelson de Oliveira Ribeiro, e por parte do noivo, seus pais, sr. e sra. Antenor Mayrink Veiga. Depois, a sociedade desfilou para cumprimentar o jovem casal Antônio Alfredo Mayrink Veiga, que em seguida partiu para Buenos Aires, onde transcorreu a lua de mel. Assim foi o maior «CASAMENTO DO ANO».



A NOIVA é saudada pelo sogro, sr. Antenor Mayrink Veiga.



DOM PAULO Rolim Loureiro no momento culminante do ato.



UM BEIJO entre os recém-casados marcou o fim das bodas.

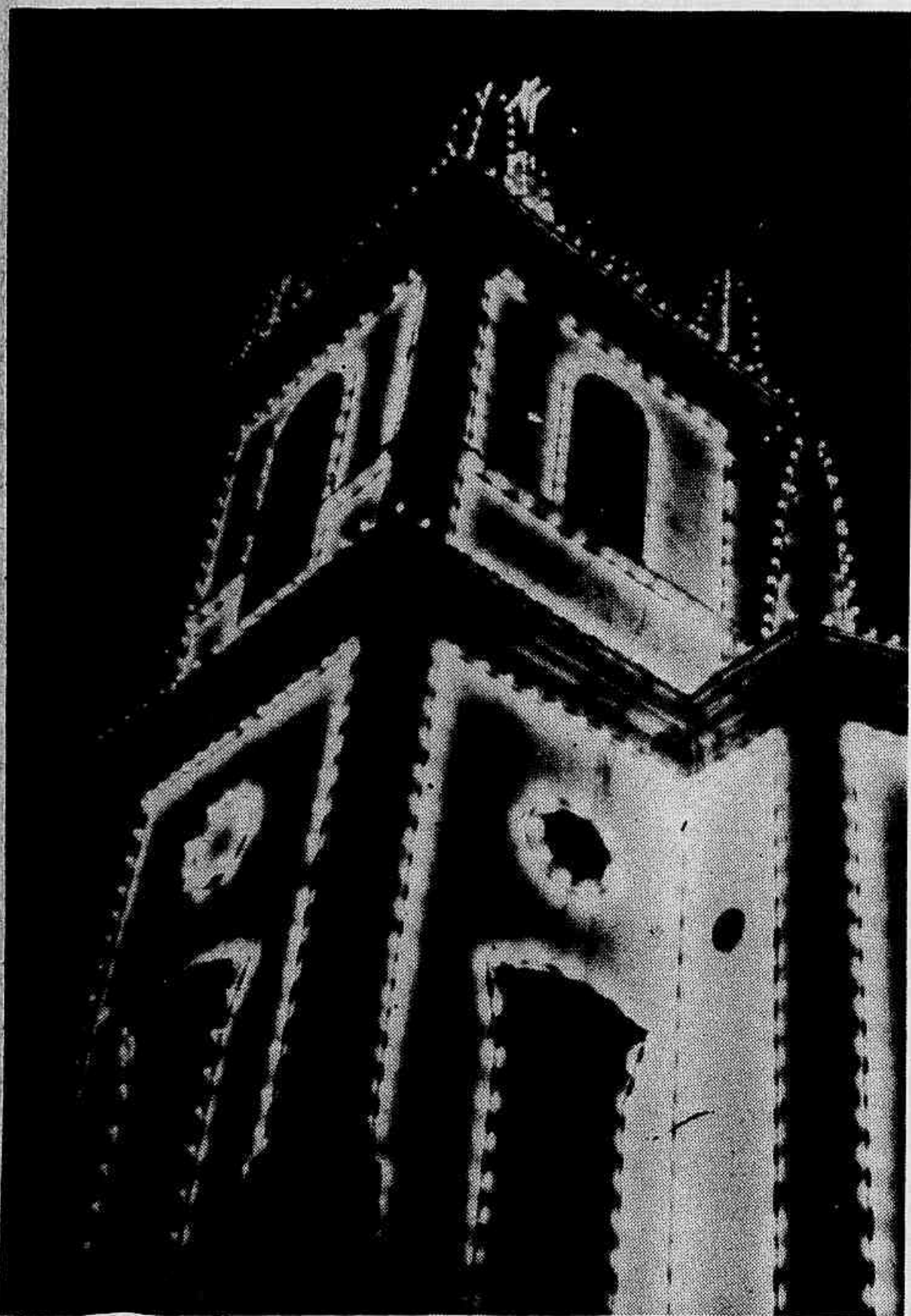


O PRINCE Dom João esteve presente e cumprimenta a noiva.



HARRY STONE, embaixador de Hollywood, e a Noiva do Ano.

ITINERÁRIO DO BRASIL



Detalhe da antiga Igrejinha da Glória, tirado por ocasião do Congresso Eucarístico Internacional, em 1955. Note-se a original iluminação do templo

tinho de Santa Maria no SANTUÁRIO MARIANO — um proprietário de chácara no bairro da Ajuda de então. Chamava-se Antônio Caminha. Mas na época da doação feita pelo dr. Gurgel do Amaral essa **casa de orações** estava em ruínas.

De volta a Portugal, em 1718 deixou Antônio Caminha o Rio de Janeiro. No mesmo navio em que viajou e numa caixa cuidadosamente ajustada, conduziu a imagem que presidia o pequeno templo que fundara. Batido por uma tempestade, o navio naufragou perto da costa portuguesa. Mas a caixa — boiando entre as ondas enfurecidas — foi ter às praias africanas de Lagos, onde os capuchos de Santo Antônio recolheram-na e, na sua igreja, deram-lhe um altar.

Quando, há alguns anos, a Irmandade da Glória procedeu a diferentes melhoramentos no templo, foi entronizada no nicho reaberto na Ladeira uma imagem igual à que daqui levou Antônio Caminha. Modelou-a o escultor João José Gomes e para aqui mandou-a em 1942.

x x x

A igreja de Nossa Senhora da Glória do Outeiro teve a construção iniciada em 1714, mas as obras — em lenta execução — somente em 1739 chegaram a término.

Durante o Brasil Reino mereceu as preferências da família imperial. A 27 de julho de 1819, o rei D. João VI conduziu sua neta Maria da Glória — depois a rainha D. Maria II de Portugal — aos pés da padroeira e o nome da primogênita de D. Leopoldina e do que, mais tarde, foi D. Pedro I do Brasil, representa um tributo à Santa.

Anos decorridos, o primeiro imperador conduziu D. Pedro de Alcântara — em quem viria a abdicar o poder da realeza — ao lindo templo para receber a bênção da Virgem. E, por sua vez, foi o segundo imperador do Brasil quem concedeu à Irmandade da Glória o título de **Imperial**. Antes, ele e sua augusta família já se haviam inscrito na Irmandade e o exemplo foi imitado pela nobreza de então.

x x x

Oferece o templo da Glória do Outeiro — na simplicidade de suas linhas arquitetônicas — harmonioso conjunto. Quem lhe cruza a nave vê — nos três altares — Nossa Senhora da Glória ladeada de Santo Amaro e de São Gonçalo entre bandeiras do Brasil e do Vaticano. Nos altos do arco cruzeiro, está o emblema do Brasil Império.

De um de seus púlpitos, a 15 de agosto de 1833 — a festa da Glória — ergueu-se a voz potente de Monte Alverne para assegurar à «invicta defensora do Brasil» plena vitória nas dificuldades que ao país se antolhavam.

Por muito tempo, tiveram as novenas e a festa da Glória extraordinário esplendor. Atraiam, então, o que o Rio possuía de mais distinto e elegante. Uma descrição desses dias está em LUCIOLA de José de Alencar. E, sobre o templo, escreveu ele outro romance: O ERMITÃO DA GLÓRIA.

x x x

Nos dias presentes, quem visita a igreja da Glória do Outeiro admira — no museu com que foi dotado o templo — preciosos quadros, documentos,

A FESTA DA GLÓRIA

EDUARDO TOURINHO

MORRO de Lerype chamava-se, noutro tempo, o morro da Glória dos nossos dias.

Foi a 20 de julho de 1699 que o dr. Cláudio Gurgel do Amaral — tendo-o adquirido ao capitão Gabriel da Rocha Freire — passou-o a uma irmandade de romeiros a fim de que uma **capela permanente** fosse no Morro erigida à invocação de Nossa Senhora da Glória. Em troca, o doador e seus descendentes teriam sepultura no chão do santuário.

Mas na primeira década do século XVIII, ele e seus filhos figuraram ativamente em sangrentos conflitos provenientes de azêda rixa entre o ouvidor geral João da Costa Fonseca e o juiz de fora Hipólito Guido, de quem a família Gurgel do Amaral era amiga e partidária.

Sob a acusação de assassinios, o dr. Cláudio torna-se clérigo. Mas em 1716 — numa noite em que cruzava deserto caminho em companhia de outro padre — foi assaltado de emboscada. Gravemente ferido, morreu poucos dias depois na Santa Casa de Misericórdia.

Um de seus filhos foi, em seguida, prêso e — para julgamento — enviado a Lisboa. O patrimônio da família Gurgel do Amaral permaneceu, por muito tempo, sob seqüestro.

x x x

Antes da atual igreja da Glória do Outeiro, no antigo Morro do Lerype existiu uma **casa de orações**. Fundara-a em 1671 — tal informa frei Agos-

bustos e medalhas... Pode ainda ser vista a cadeira que o segundo imperador ocupava quando ao templo ia. Há um curioso relógio do ano de 1823 cujo mecanismo e caixa custaram somente, trinta e dois mil réis.

Entre as telas expostas, notáveis são uma «Nossa Senhora do Rosário» — de Molina — e uma «Vista da Glória» da autoria de Bertchem e datada de 1846.

Era pela festa da Glória que Lima Barreto — admirável romancista desta cidade — despojava-se de velhos trajes e interrompia, por instantes, sua vida de impenitente boêmio. E na tarde de 15 de agosto aparecia nas calçadas da Avenida Rio Branco do primeiro quartel deste século todo vestido de novo, barbeado e penteado. Era nesse dia que os amigos do criador do TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA viam-no completamente transfigurado.

E à roda atônita, que o cercava defronte da desaparecida «Castelões», a cada 15 de agosto Lima Barreto explicava — sorridente — o surpreendente metamorfose. Como que a pedir desculpas àquela elegância meio suburbana — pois que ele parecia adscrito aos subúrbios do Rio de Janeiro onde decorreu sua vida tormentosa — o magnífico escritor repetia aos amigos:

— E' que hoje é o dia de Nossa Senhora da Glória... Vocês não sabem, não é mesmo? Ela é que é minha madrinha...

"REVISTA" HÁ 50 ANOS

Domingo, 22 de julho de 1906.

CARTAS DE UM TABAREO

Querido Compadre

Desceu o panno sobre a grande tragedia de Matto Grosso. O Senado e a Camara julgaram que tudo estava acabado e que o presidente da Republica perdeu uma excellente occasião de ficar calado. Sim senhor, seu compadre, nunca melhor se representou nessa terra o papel de subdito de Menelik, nunca!

Depois que vi a ruidosa despedida do sr. Campos Salles, do homem que, quaesquer que fossem os seus erros, levantou o credito do nosso caro Brasil, não me surpreendo de mais nada neste mundo.

O sr. embaixador da Republica Brasileira em Washington foi recebido a 17 com as manifestações mais effusivas, manifestações que se costumam proporcionar aos grandes homens da Patria, depois de algum acto de relevancia. E tanto s. ex. isso comprehendeu, meu querido compadre, que attribuiu a manifestação aos serviços prestados com a pretendida approximação das duas grandes republicas — a do Norte a do Sul. Acho demasiado cedo para manifestações por semelhantes motivos: no banquete internacional até hoje o Brasil tem representado o papel da garoupa. Mudar do molho inglez para o americano, afim de ser comido, isso não vem ao caso — o fim é sempre o mesmo — ser comido. Se da approximação se houvessem colhidos já os fructos, sim, justissimas se me afigurariam as expansões indigenas, com ou sem os apinagés da sra. Daltro; por enquanto não. Até agora só o tio Sam fruio alguma cousa d'essa approximação: os 20% de beneficio.

Se não fosse a azafama que por aqui se nota, devida ao Pan, bem triste se me afiguraria este fim de governo: entretanto, meu caro compadre, nenhum outro fez mais para que a sua memoria tão cedo jamais desapareça da memoria do povo. Mas tudo é assim mesmo e o sr. Rodrigues Alves que se dê por muito feliz em não reeditarem a despedida Campos Salles. Muita cousa havia para te dizer; infelizmente, não tenho espaço, por isso aqui pingo o ponto n'esta carta, que mais parece um bilhete postal sem illustração. Vale. Teu

Rio, 3 de julho de 1906

BERMUDES

DR. JOAQUIM NABUCO

◆ Na terça feira ultima, chegou a esta capital, vindo dos Estados Unidos, o sr. dr. Joaquim Nabuco, que alli representa o Brasil como embaixador. S. ex., que viajou a bordo do Thames teve ensejo de ver quanto são apreciados seus dotes moraes e acarinhados os serviços que ha prestado ao seu paiz, quer n'este, quer no regimen passado. A sua chegada foi motivo de festas populares, promovidas por academicos, e ás quaes se associaram todas as classes. S. ex. foi recebido pelos representantes das altas autoridades do paiz, do corpo diplomatico, de associações, academias e collegios, inclusive o embaixador americano, sr. Lloyd Griscom e seu adido militar. Em terra, após o desembarque, formou-se longo pretilito que, ao passar por varias ruas, foi saudado pelo povo que as enchia. S. ex. acha-se hospedado no Hotel dos Estrangeiros, devendo, porém, ir residir em Petropolis.

DR. PEDRO SODRÉ

◆ Victimado por cruel enfermidade falleceu no dia 9 do corrente, em Montevideo, para onde tinha sido ultimamente removido, o consul geral do Brasil, dr. Pedro de Castro Pereira Sodré. Cavalheiro para com todos e possuidor de um bondoso coração, era o dr. Sodré querido por todos e aquelles que tiveram a felicidade de conhecê-lo. Possuidor, alem d'isto, de um raro preparo, escreveu elle varias obras sobre o Direito Internacional, e, entre ellas, salienta-se o «Droit d'Ambassade», onde, em linguagem clara e precisa, discute todos os pontos de divergencia entre internacionalistas, emitindo opiniões suas, que muito patenteam o seu elevado talento. Depois de um tirocinio de muitos annos em que grangeou innumeradas sympathias, depois de ter deixado o cargo de adido á legação do Brasil na Hespanha, abraçou o dr. Sodré a carreira consular, occupando varios postos, entre os quaes os consulados de Cayenna, Caracas, S. Petersburgo, Genebra, Valparaiso, Havre, Buenos Ayres e, finalmente, Montevideo, onde pretendia organizar a sua repartição, como fizera em Buenos Ayres, onde mereceu os mais francos elogios de nossos patricios da capital porteña.

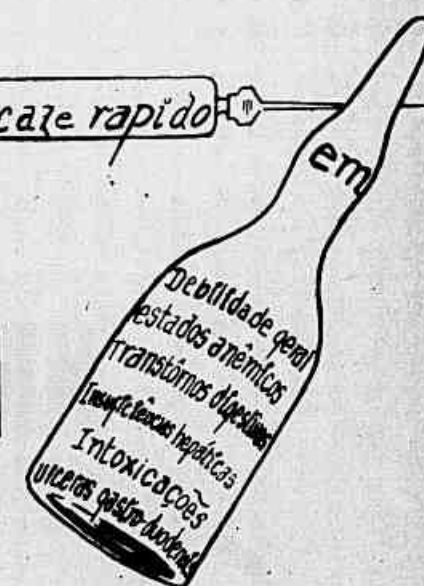
UM NOVO tratamento

complexo injetável de alto valor
anti-anêmico, anti-tóxico e reconstituente
Injeções intra-musculares:
1 ou 2 ampolas diariamente.

YAKRITAMIN



fração solúvel de extrato hepático
concentrado com ácido fólico
triptofano, histidina e metionina
Caixas com 3 amp - 2cc.



INSTITUTO BIOLÓGICO do RIO de JANEIRO Ltda.
Ecc: Rua Santa Luzia 799-132 - fone 220902 - Lab. Alam. São Boaventura 4047-Niterói



COMO APRENDER A DANÇAR

7ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Choro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Avenida da Liberdade nº 120 — São Paulo.

Pedidos pelo reembolso postal: Cr\$ 70,00 — Caixa Postal 649 — São Paulo. A venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

EM PORTUGAL: A venda na Livraria Clássica Editora Praça dos Restauradores nº 17 — Lisboa

APARTAMENTO EM PETRÓPOLIS

BEM NO CENTRO DA CIDADE! DE FRENTE, 5º ANDAR.
VENDO, ÓTIMO, 3 QUARTOS, SALA E DEPENDÊNCIAS
Cr\$ 830.000,00.

FACILITO METADE EM 12 MESES. ÓTIMO NEGÓCIO
ESCREVER A CAIXA 3441 — RIO, OU FONE 27-8573.

★ ACESSÓRIOS PARA AUTOMOVEIS ★
RADIOS - NOVIDADES
IMPORTADORES

Mil

ELETRICIDADE
PREÇOS MÍNIMOS
LIVRARIAS PARAFRASE

Mil

RUA MEXICO 98A - FONES 521066 826144
- EMPLACAMENTOS POR REFINO DE REFINO
- MILICIA DO CASTELO -

A

NTIGAMENTE, no tempo dos bugres, certo caçador que andava com outros pelo mato, atirou a um macuco encontrado perto de um córrego sem nome. Daí por diante todas as vezes que os caçadores queriam se referir ao dito córrego, diziam: «O Córrego do Macuco». Por essa forma, o nome da ave passou para a água corrente, foi ficando e ficou até hoje.

Tempos depois, um roceiro, que veio de longe, comprou terras servidas pelo Córrego do Macuco, e ali fez uma casa — casa de pobre — para sua obrigação: a companheira e mais cinco crianças. A beira do córrego, pai e mãe, criaram a família — os filhos na enxada, as filhas na enxada e no fogão, e logo que deram conta da tarefa, os dois velhos morreram. Os herdeiros repartiram a terrinha entre si e como tocou quase nada a cada um, cada um vendeu a sua parte e gastou o dinheiro para começar a vida. As filhas se casaram, os filhos saíram mundo afora, procurando trabalho e mulher; menos o Chico, que se casou com gente da vizinhança e ficou teimando no seu pedaço de chão, até o dia em que lhe nasceu o segundo filho, um menino.

Nessa quadra da vida, deu-lhe tanta doença em casa, a ponto de passar um ano sem trabalhar, e gastando. Por fim, quando os doentes sa-

licava molino, amarrava só um lenço na cabeça e agüentava... Mas de qualquer jeito precisava vestir a família, então pedia a Deus forças para trabalhar, mas a força broia da terra, entra pela boca, enche o peito, sai pelos braços, desce pelo cabo da enxada e entra na terra outra vez.

Ao anoitecer, o roceiro Macuco voltava para casa, com a enxada ao ombro, carregando o peso da canseira, aí se encontrava com a mulher, que também ia indo com as crianças, cada uma carregando o seu feixe de lenha, e todos seguiam juntos sem dizer uma palavra...

De tanto matutar, teve uma idéia que dava esperança: plantar um fumo, na chapada da vertente, em redor da casa, de meias com o fazendeiro. Plantação regular, de que ele e a mulher dessem conta — um alqueire de chão, pouco mais ou menos. Então, foi procurar o dono da terra, o fazendeiro, e explicou-lhe:

O chão é de boa face; a terra é própria; está em roda da minha casa; a mulher me ajudando, nós dois podemos tratar vinte a vinte e cinco mil pés de fumo, que é o mais que pode levar o dito chão. O senhor me adianta as despesas e, no fim, nós partimos. O lucro é bom, mas o seu há-de ser melhor porque o fumo dá soca e, a terra sendo boa, a soca também é — dá bem, e serve bem o que dá. Ainda, por cima, a terra do fumo fica mais estercada mais macia; as folhas velhas do fumo, a bagaceira dos talos, das desolhas, que a planta vai largando, tudo en-

Chão de Terra

Conto de AMADEU QUEIROZ

Desenho de JERONYMO RIBEIRO

raram, viu-se endividado até os cabelos e teve de vender o chão e o rancho, para pagar os empréstimos.

Do pouco que possuía, só salvou o crédito, o mais perdeu tudo, até o nome que o pai lhe deixou: o córrego pegou-lhe, para sempre, o nome que, por sua vez, recebera de um macuco. A princípio era chamado — o Chico, do Macuco; depois — Chico Macuco, e por fim, só Macuco...

Mas de seu, ficou ainda com muita coisa — ficou com a obrigação e com a necessidade. Então, passou a mão na enxada, arrastou a família, foi morar em casa alheia e trabalhar no chão dos outros... Foi dar a trôco de um jornal de miséria, toda a força dos braços e tudo que é tempo de luz no dia, só guardando para si as sombras da ave-maria e o escuro da noite.

E passaram muitas luzes e sombras, muita escuridão passou enquanto o jornal ia ficando no mesmo ser e a família nas mesmas privações. Mas, ao tempo que o camarada Macuco descansava um pouquinho, ia olhando à roda de si e, com o passar dos dias, foi se aprendendo a lavoura de todas as plantas, a conhecer a força das terras, a tirar proveito do auxílio do sol e da chuva.

O fazendeiro gostou do camarada, lhe deu casa, lhe deu serviço, e pagava pontual. A casa era de sapé, ficava na vertente, numa chapada da grota, à beira de uma terra preta, gorda, em que ninguém nunca plantou. Não tinha horta em arvoredos nem cercado em torno, tinha a bica d'água à porta da cozinha, perto do mamoeiro velho esgalhado. O mamoeiro fazia as vezes do galinheiro, a galinha de pintos deitava-se debaixo dele; o ninho de jacá estava pendurado nele; toda a criação dormia empoleirada nos seus galhos e se abrigava do sol ou da chuva embaixo da sua folhagem.

A casa tinha dois quartos e cozinha; os quartos se encheram com as camas e com a canastra frásqueira, a cozinha ficou vazia, era maior, dava para o fogão e para se morar. Mas porém, tudo era pobreza e pouquinho.

De manhã cedo, a menina e o menino iam à fazenda buscar o que era preciso — leite, couve, cebola de folha. Leite vinha por paga, o mais era dado; ovo, sempre havia algum em casa. A fazenda não ficava longe as crianças iam sozinhas, mas eram tão pequenas, que se sumiam no meio da estrada. A menina ia indo, carregando o caldeirãozinho, parava, olhava para trás e andava outra vez, arrastando os pés, sem brincar, sem falar; o menino fazia a mesma coisa mascando a ponta do suspensório de tira de pano...

Nestas aperturas, o roceiro Macuco entendeu de dar um jeito na vida para poder vestir a família. O ganho não lhe deixava sobra: na vila só comprava mantimentos para a semana e, às vezes, um doce para as crianças: três biscoitinhos de amendoim, duros e velhos, mas o roceiro não perguntava a idade deles, perguntava o preço.

— Treis por duzentos réis? Ota!

— ... Mãe o que é que tem em riba do doce?

— Açúcar.

— Açúcar então é duro? Boba...

Quando a precisão era grande, comprava também algum remédio, pouco porém. Se um bicho venenoso mordida as crianças e elas metiam as unhas, tostava uma folha de mata chimango e punha em cima da inflamação: se as bichas alvoroçavam, aplicava na barriga das crianças um empacho de erva mentruz; se a mulher sentia dor de cabeça amarrava na testa um lenço molhado em pinga com alcanfor; se ele, Macuco,

gorda a terra que, depois, dá com fartura, sem trabalho. Macuco fez a sua proposta, explicou tudo muito bem, induzindo o fazendeiro a experimentar a meação na lavoura do fumo. O dono só entrava com a terra e abria um crédito ao meeiro; mesmo assim titubeou, imaginou, perguntou tanta coisa, e deixou a resposta para mais tarde. Mais tarde aceitou, com uma boa dose de interesse e um pouquinho de desconfiança.

— O que lôr da fazenda, eu vou te fornecendo e assentando; para o que a família precisar — mantimento, remédio e roupa — eu te dou um crédito na vila; na apuração do negócio, você paga tudo o que comprou. Está combinado: é o negócio a meias; tiradas as despesas, parte-se o lucro, a soca me pertence, fica de fora. Contrato escrito, não é preciso, nós somos de fiança um para o outro.

Acertaram. Macuco deu parte à mulher e como já era mês de agosto caiu, sem demora, em cima da terra. Primeiro, formou os canteiros para a semeadura, depois, colocou por cima deles uma camada fina de gravetos, folhas secas e lenha miúda; ateou fogo em tudo e, logo que a queima se acabou, os canteiros ficaram cobertos com uma camada de cinza. Deixou esfriar a cinza, espalhou estêrco de curral por cima e revirou a terra na fundura de meio palmo. Assim, a terra ficou pronta para a semeadura, livre de pragas e das sementes do mato daninho.

Até chegar setembro — que é o tempo de semear-se o fumo — Macuco voltou a capinar a roça, capinou quatro semanas a fio. O tempo chegou, ele mexeu e aplainou a terra, semeou a semente nos canteiros, que fechou à meia altura, para evitar o estrago das galinhas. Até passar dois meses — prazo que a planta pede para nascer e ficar no ponto de mudar-se — Macuco e a mulher, levaram os dois meses no serviço da enxada, pois, quando ia chegando ao fim, voltavam ao princípio, para passar a capina.

O chão era grande, o tempo curto, mas o mato era maneiro e a paciência muita, para agüentar a mesma labuta todos os dias, e todos os dias o mesmo tempo: solão desde manhã até de tarde, sem chuva para refrescar a terra, sem nuvem para tapar o sol.

(Continua no próximo número)



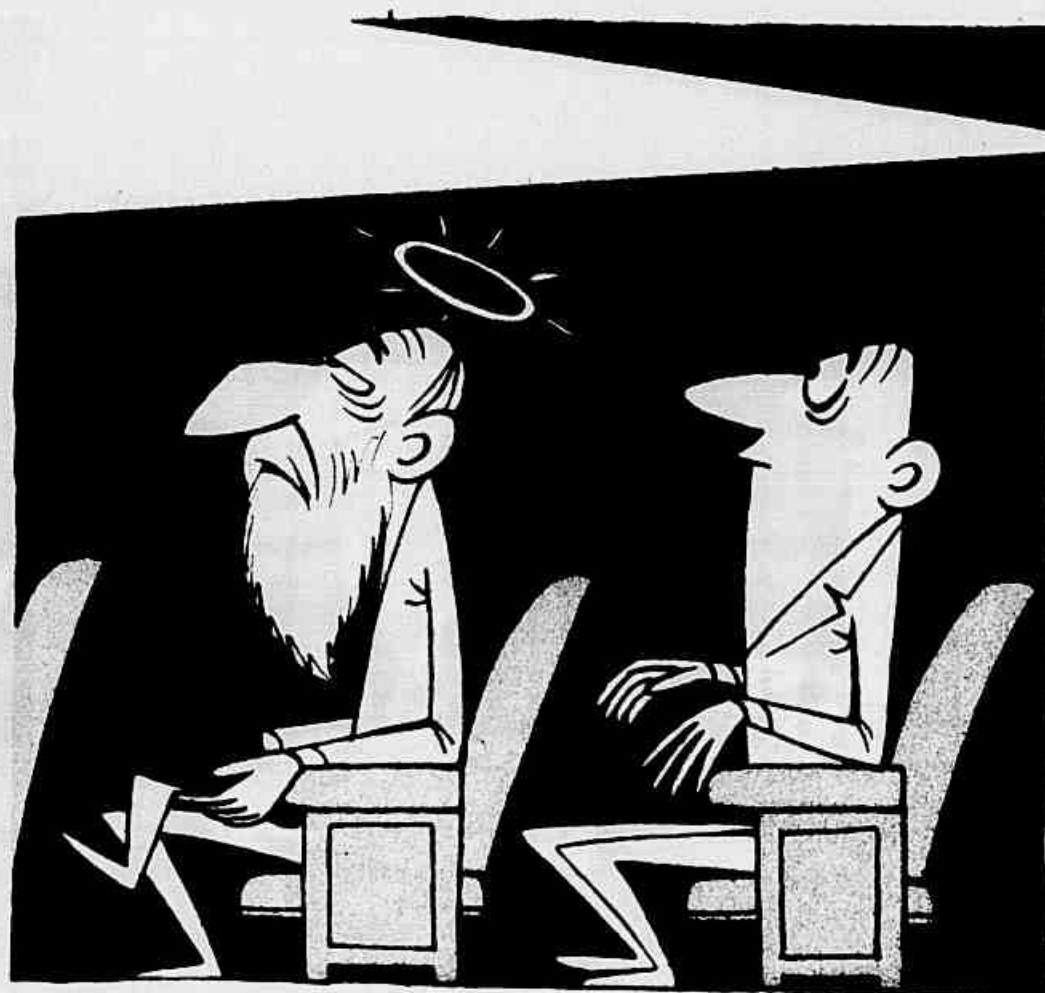
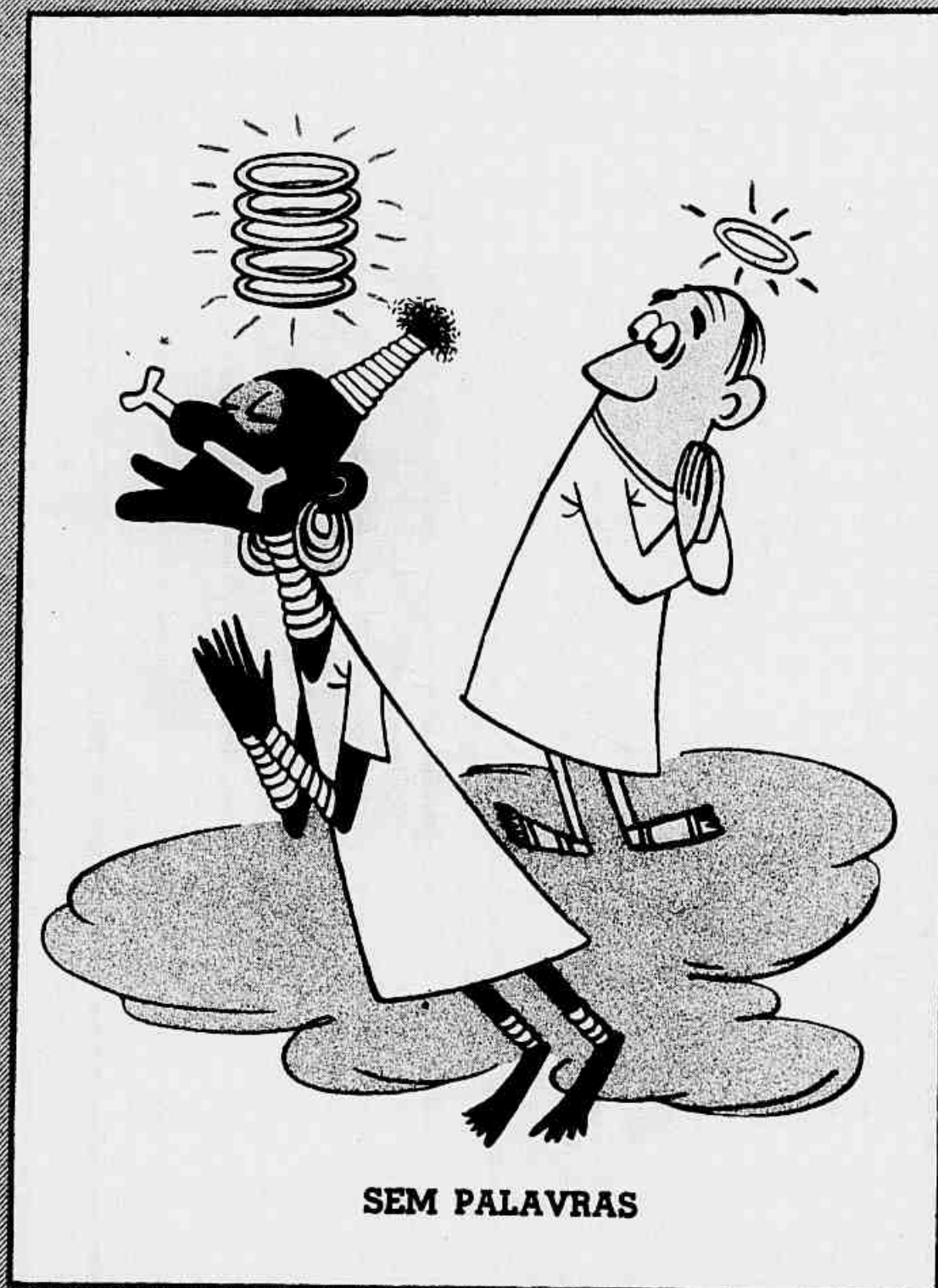
Preto



VERONINDO
RIBEIRO

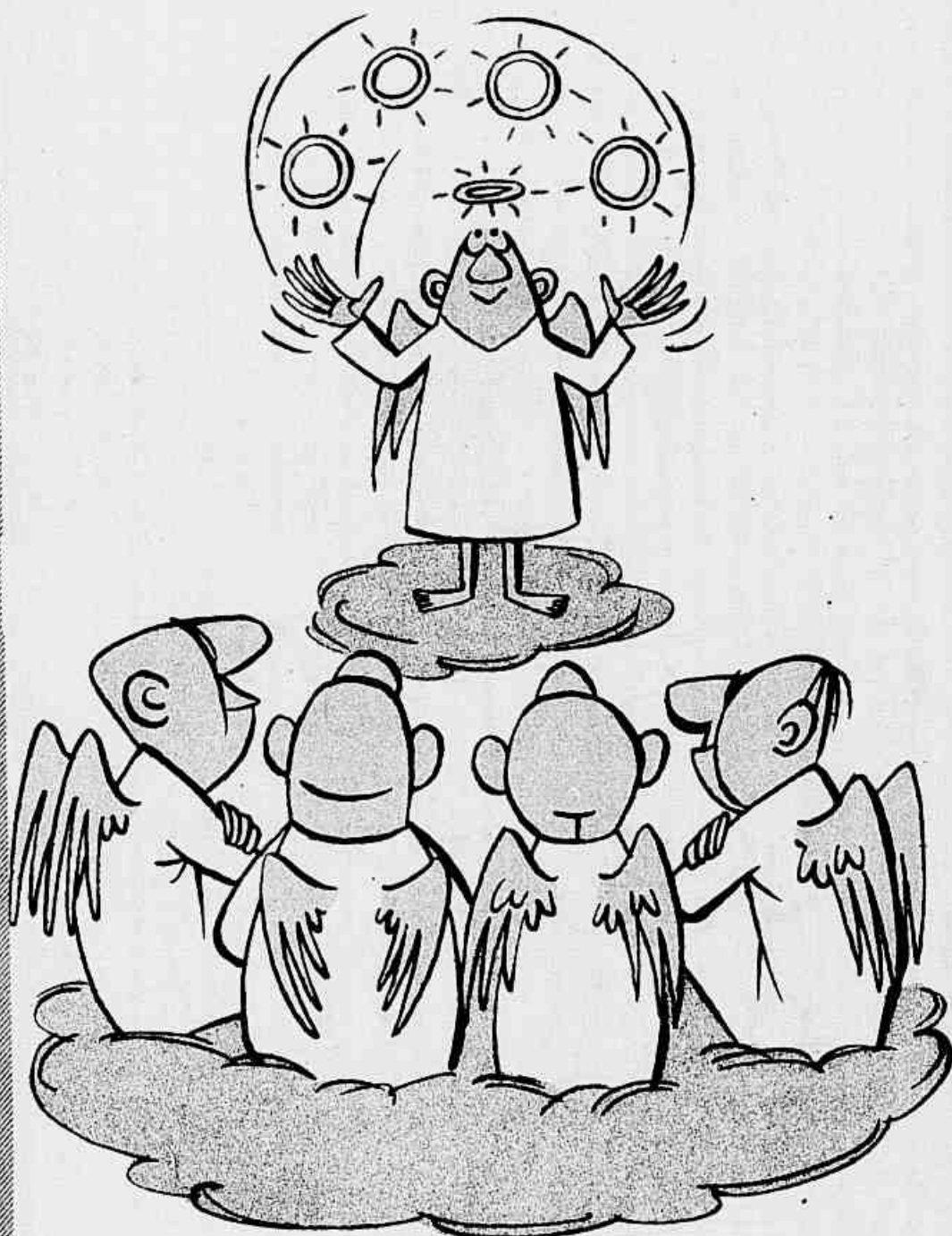
FORTUNA (de nuvem em nuvem) APRESENTA

CELESTIAIS





SEM PALAVRAS



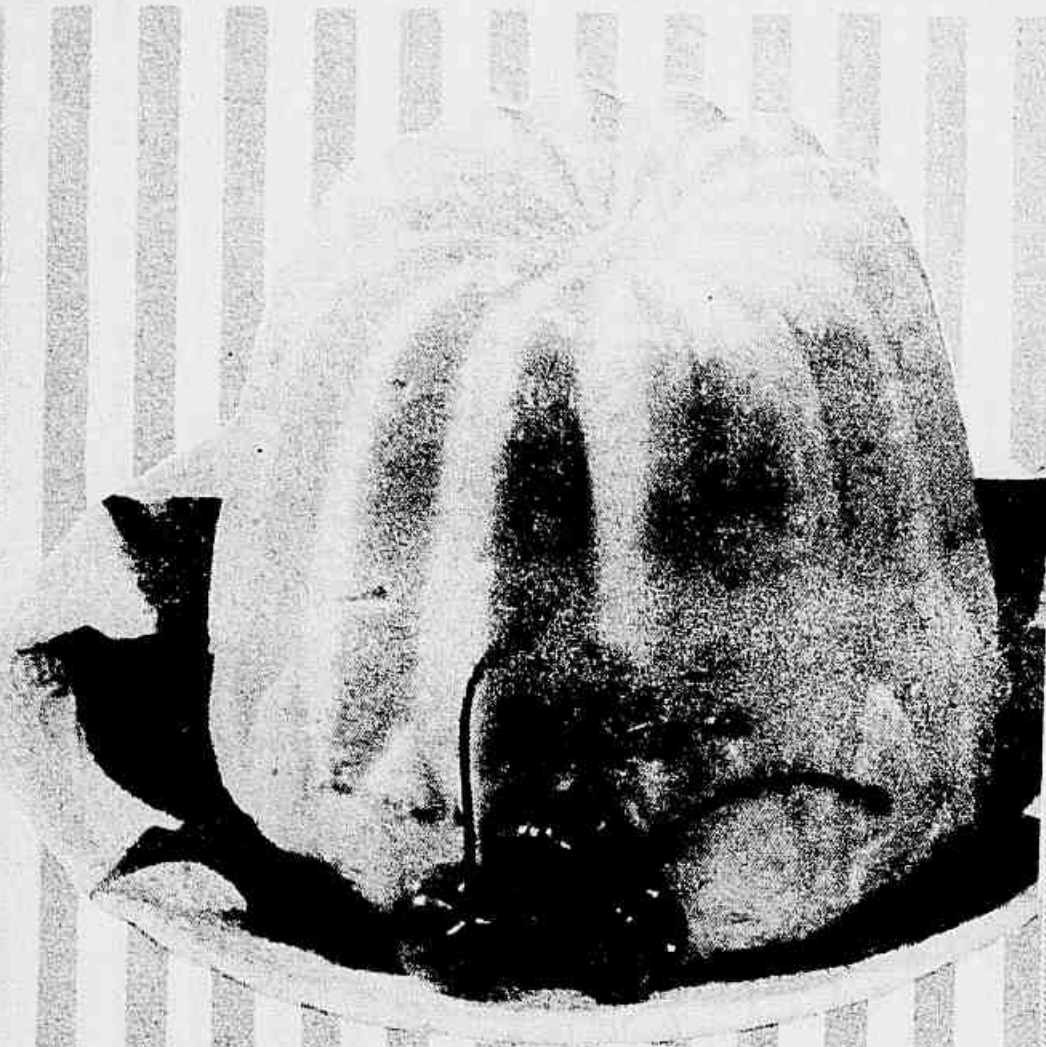
SEM PALAVRAS



SEM PALAVRAS



SEM PALAVRAS



WEEK-END NA COZINHA

Se você gosta de gelatina há de apreciar esta receita que tanto pode ser preparada com damascos em calda, quanto com morangos ou ameixas.

- 1) Passe pela peneira uma quantidade tal de damascos com calda (sem o caldo) que dê para medir uma xícara cheia.
- 2) Ferva uma xícara de calda dos damascos e dissolva um pacotinho de gelatina em pó com sabor de morango ou framboeza. Tire do fogo e misture bem até a gelatina ficar perfeitamente dissolvida.
- 3) Junte 1/2 xícara d'água fria, uma pitadinha de sal, uma colher das de sopa de suco de limão e os damascos passados pela peneira. Ponha na geladeira até tomar consistência de clara de ovo.
- 4) Bata uma xícara de creme de leite e junte à gelatina, misturando levemente para ficar com aparência marmorizada.
- 5) Ponha numa fôrma de gelatina grande ou em forminhas individuais, tendo o cuidado de molhá-las antes (para desenformar bem a gelatina depois de gelada).

CONVERSA DE MULHER

LÍGIA JUNQUEIRA

SUGESTÃO PARA O LAR

Um recanto de sala moderna, muito bem aproveitado quanto ao espaço. Como nota original, as almofadas do encosto da cadeira foram confeccionadas em tecido lã e de textura única, alternando-se. Também a mesinha é de design pouco comum, com tampo em vidro espelho.



SUA BELEZA



OS POROS abertos causam realmente um aspecto muito desagradável. Geralmente aparecem junto ao nariz, porém, também frequentemente são vistos no queixo e na testa. Existe um tratamento que, se seguido com persistência, diariamente, produz ótimos resultados: Aplique, durante uma hora, uma leve camada de óleo canforado. Depois sem retirar o óleo canforado, faça massagem local com o seu creme preferido. (aproveite para massagear todo o rosto). Retire o excesso de creme com papel absorvente e logo em seguida aplique uma compressa de água gelada e um adstringente. Em vez dêsse último pode usar também água de rosas bem gelada que produz ótimo efeito.

EIS UM BOM tratamento para as unhas quebradiças: faça-o durante um mês que se tornarão fortes e belas.

Misture: 1 clara de ovo, 20 gramas de cêra virgem derretida em banho-maria e um pouquinho de óleo de amêndoas. Ponha o preparado sobre as unhas todas as noites antes de dormir e durma de luvas. Um luvas velhas e um pouco largas são ótimas.

NUNCA SAIA de casa sem verificar se não esqueceu o baton e o pó de arroz. São indispensáveis para você retocar a maquiagem. É hábito pouco higiênico usar o pó e o baton de suas amigas, mesmo que elas ofereçam com a maior boa vontade.

QUANDO VOCÊ estiver num dia «negro», em que tudo se transforma em aborrecimento, um bom meio de acalmar os nervos é arrumar suas gavetas e seus armários. O resultado será ótimo para você e para a boa ordem de sua casa.

EM JÉRSEI DE LÃ. Desde que a Princesa Grace apareceu numa das cerimônias de seu casamento com um vestido enfeitado de lacinhos — de péssimo gosto — os costureiros europeus divertem-se em ornamentar com laços os seus modelos — de muito bom gosto, como este, extremamente rejuvenescedor.



Grand Monde internacional



Embaixador Hugo Gouthier no Rio.

★ ENTRO NO Bife de Ouro e vejo o embaixador Hugo Gouthier almoçando em um grupo. Gouthier, ao notar a presença deste colunista, levanta-se da mesa e vem ao meu encontro para um grande abraço. Então, observei que um verdadeiro «suspense» acontecia por parte dos presentes que se encontravam no famoso e tradicional restaurante. Isso é o pêso da glória, bambinos... ★ Como disse para vocês no penúltimo número, o coração da loura Kim Novak continua voltado para seu ex-namorado Mack Krim. Vejo agora minha «preview» internacional confirmada com a notícia que acabo de receber de Nova York sobre o reatamento do romance Kim-Krim, e que estão pensando em marcar para breve o casamento, vindo provocar um verdadeiro «suspense» na Meca do Cinema. ★ A atriz Janet Leigh, esposa de Tony Curtis, acaba de receber a visita da cegonha. O «baby» receberá o nome de Kelly Lee. ★ Arlene Dahl foi reeleita como possuidora de «o físico mais perfeito» de Hollywood. Esse título foi concedido há alguns anos à bonita Arlene, coisa que, como vocês podem ver, ela continua mantendo. ★ O próximo filme de Marlon Brando, será: «Heaven only knows, mr. Allyson». Brando atuará ao lado de Deborah Kerr. ★ Aleco Noghes que é divorciado da princesa Antoinette, irmã de Rainier, continua dizendo que ele, Rainier, não pode ter filhos. Se isso acontecer, Aleco voltará para Mônaco como pai do herdeiro. Como se sabe, suas relações com o Rainier estão praticamente cortadas. Mas, se a França insistir no cumprimento do acordo, Mônaco deixará de ser principado. ★ Sou informado de Nova York que William Holden e Robert Ryan não conseguiram passaporte para visitar a «cortina de ferro». ★ Se algum empresário estiver pensando em trazer ao Rio Frank Sinatra, pode desistir da idéia, porque o conhecido cantor, que atualmente se encontra na Espanha, acaba de declarar tamanha saudade dos «States», que não aceitará convites de viagem. Nem mesmo para receber herança... ★ A elegantíssima Laiz Gouthier encontra-se no Rio hospedada no Copacabana Palace. Laiz é atualmente uma das figuras do «grand-monde» internacional mais focalizada nas célebres colunas de Gigi Cassine, Elza Maxwell e Walter Winchel. Hugo e Laiz formam o casal brasileiro mais internacional.

◆ SNOBANDO — A exemplo do clássico chapéu «Gélot», depois que este colunista lançou a palavra SNOB e seus diferentes derivados, como SNOBAR, SNOBADA, SNOBANDO, a coisa virou imediatamente notícia de primeiro plano. Em São Paulo, o meu amigo colunista Tavares de Miranda fez em sua coluna um comentário sobre a hoje tão discutida palavra SNOB e disse que significa nada mais nada menos do que: sem nobreza. Diz ainda o Tavares que eu (Jeff) me considero o proprietário da palavra. Não me considero (é claro) o autor, mas, sim, o lançador. Pois o autor é muito o colégio ETEN, da época em que filhos da «plebe rude» nele tiveram, pela primeira vez, bolsos de estudos. Quando eles deixavam o ETEN e voltavam ao contacto com a «plebe rude» davam SNOBADAS dos diabos. Na época moderna em que vivemos, o colunista social para manter alto o honroso título, tem que dar suas SNOBADAS, senão fica realmente muito «gélot». Mas como toda regra tem exceção, há um certo colunista que não pode SNOBAR por estar ficando muito «gélot». Confesso a vocês que estou SNOBANDO muito. E' preciso, bambinos... □ Na outra semana o simpático conde Modesto Leal teve sua «mudança de idade», e foi homenageado pelo casal Carlos Eduardo de Souza Campos com um «party». Depois todo o grupo decolou da casa dos Souza Campos para o

AMALIA NO RIO — Encontrei no Sacha's a bonita fadista Amália Rodrigues. Ela está aqui para uma temporada de vinte dias como simples turista. Com Amália, tomei uma champanhota em companhia do jovem Seabra. Essa Amália é mesmo fabulosa!

Gossips



Chuck Woodward adiou o noivado.

◆ O SR. HENRIQUE TAM, chegado há poucos dias de Paris, nega ter reatado seu noivado com a srta. Léa Gomes, que lá se encontra em viagem de turismo. ◆ O elegante jovem Mauro Vasconcelos comemorou sua «mudança de idade» numa mesa para dois no Sacha's com a jovem Núncia Miranda. Eles continuam saindo juntos com uma frequência «record». ◆ Pela conversa de Regina Malta Campos, ela parece estar seriamente de romance. Mas, o nome de seu «príncipe encantado» ainda não consegui saber. ◆ Albino Avelar anda sendo levado a tiracolo pela bonita Maria Laura Duarte. Fala-se em romance! ◆ A loura Glorinha Drummond ainda não perdeu os ares provincianos das Alterosas. Glorinha reapareceu no Sacha's com um bonito vestido todo branco em companhia de conhecido colunista social. ◆ Também lá o meu amigo Harry Stone parecia dançar «cheek-to-cheek» com uma jovem senhorita que vestia um (se não me engano) modêlo vermelho. ◆ Aliás, nessa noite muita gente dançou «cheek-to-cheek». E eu também... ◆ A bonita Diva Dolabela teve sua «mudando de idade», no último sábado e a comemorou num elegante «night-club», com champanhotas e velinhas. Vocês sabem quem é o romance da menina Diva? ◆ Aqui entre nós: não acredito no casamento de certa senhora desquitada com certo senhor milionário. Eles andam de par constante há vários meses. ◆ Depois que Vera Dolabela acabou o noivado ainda não teve nenhum romance. Sem romance também já há tempos sua irmã Eloísa. ◆ Estive no Rio o milionário Geraldo Nóbrega. O Nóbrega é visto sempre bem acompanhado. ◆ Chuck Woodward adiou seu noivado com Verinha Maria Pereira. O motivo é que Verinha ganhou uma bolsa de estudos nos «States». O «embaixador do rei da noite» já começou a ficar saudosos. ◆ O paulista Maurício Duque anda «rubrozando» aqui no Rio. O Duque estava no Sacha's numa mesa para dois com Lígia Coutinho. Romance na pista... ◆ O fabuloso Jorge Henrique, que é o «snob» do órgão, com uma bonita jovem também no Sacha's. Seu nome é Lêda Braga. Como vocês podem ver essa é a «boite» dos «gossips». ◆ A última vez que dancei com a nova «boneca», ela usava «fleur de rocaille». Aliás, esse perfume também é o preferido de uma outra «boneca», que já «gélot».

PEQUENOS FLASHES

Sacha's. «Congratulations», conde. □ Conforme noticiei para vocês, já se encontra no Rio a bonita senhora Nilza Vasconcelos, compradora da «Après-Midi», chegada de uma longa viagem através de vários países da Europa (Fran-



Senhora Nilza Vasconcelos que chegou da Europa sendo recebida pelo senhor Joaquim Miranda, proprietário da «Après Midi».

ça, Espanha e Inglaterra), trazendo os últimos lançamentos da moda feminina para o próximo verão. □ Fui convidado para o movimentado «Chá Dançante» que o moderno Club Comercial ofereceu aos sócios e famílias, com um «show» de Leni Eversong e José Vasconcelos. «Bola na rede». □ Voltei a frequentar os banhos de piscina do Copa. Lá, encontro numa bela manhã de sol a muito bonita Maitê D'Orey, o sr. Francis de Souza Dantas Forbes e a jovem embaixatriz Laiz Gouthier, que contava as «últimas» do «high society» internacional. □ Entrei no bar do Plaza quando fui convidado para tomar pouso na grande mesa do meu amigo José Augusto Godoy. O Godoy comemorava naquela noite sua «mudança de idade». E por falar no bar do Plaza, ele vai de «bola na rede». □ «Noite das Camélias» será no dia 21 no Lagoinha Country Club, de «black-tie», com Ester de Abreu na pista e ainda o «ballet» Kalsky. No próximo número trarei maiores detalhes sobre essa noite que com certeza será «snob». □ No próximo «week-end» devo voltar a São Paulo para participar de um almoço na mansão dos melhores anfitriões do ano: os Kowarick. Também estou convidado para ser entrevistado no programa de televisão do bom Tavares de Miranda. O Tavares agora anda SNOBANDO determinadas pessoas... □ O «Gélot» está em cima. Até a próxima. «Bola na rede».



O Trio Iraquitã canta. Esse trio vai de «bola na rede».



Verônica Beck toca órgão. Essa moça está tocando prós diabos.

FOI NO "CREMAILLÈRE", EM HOMENAGEM A SENHORA FERNANDA PIRES DA SILVA

♦ Na recente noite de sexta-feira, este colunista reuniu no mais francês restaurante do Rio, o «La Cremaillère», o grupo mais íntimo da senhora Fernanda Pires da Silva para uma devida homenagem, motivada por sua próxima viagem ao Velho Mundo. Naquela noite eu era o «host» para oito convidados. Pois logo que cheguei no «La Cremaillère», tratei de ver como estava a organização da mesa e a colocação dos lugares. Depois de observar que tudo estava bonito e perfeito, passei a me sentir muito «host». Logo em seguida chegava minha homenageada, que usava um elegante vestido negro, um bonito colar de pérolas e um penteado diferente. Aliás, esse penteado lhe fica muito bem. A minha esquerda estava a bonita loura New Cobra, que vestia um modelo vermelho e com um penteado solto. Essa menina está ficando «snob». Durante o jantar o trio Iraquitã e a cantora Verônica Beck fizeram o «show». Tanto o trio como a Verônica tocam e cantam tão bem que é realmente um sucesso de «bola na rede». A noite que estava muita francesa teve um «menu» muito francês, como não podia deixar de ser. Eis: «La Coupe de Pamplemousse Givrée, Le Délice de Sole Glacé Armenonville, Le Médaillon de Filet Mignon Sauté au Xérès, Champignons de Paris Frais à la Provençale, Pommes nouvelles Noisette, Fraises à la Romanoff, Petits Fours. — Vin Blanc Muscadet Sec 1949, Vin Rouge Château Haut-Brion 1922. — Apéritifs. Cognacs et Liqueurs. Café Arabics». Depois todo o grupo de-



Um aspecto da mesa, vendo-se quase todos os convidados.

colou com destino ao Sacha's para terminar a movimentada noite. Lá muita gente dançava «cheek-o-to-cheek», pois essa noite estava muito «café-society». Assim esta coluna homenageou a senhora Fernanda Pires da Silva.



A senhora Fernanda Pires da Silva e Jeff Thomas conversam.



O sr. Roberto Maya Monteiro com a homenageada, vendo-se também Jamil Zenny.

POMADA MINANCORA

Um verdadeiro tesouro!



PARA FERIDAS, ECZEMAS,
INFLAMAÇÕES, COCEIRAS,
FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

NUNCA EXISTIU IGUAL

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil:
Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 708
Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me por Rembolsão Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº

NOME
RUA Nº
CIDADE
ESTADO

Preço para todo o Brasil: Cr\$ 98,00



LEIAM

EU SEI TUDO

CR\$ 10,00

Esporte Ilustrado

TODAS AS QUARTAS-FEIRAS
PREÇO CR\$ 5,00

REVISTA DA SEMANA — 58

HIPNOTIZADO, VOCE...

(Continuação da pág. 42)

mãos sobre os joelhos, com todos os músculos bem relaxados, pede-se que feche os olhos. Começa-se então a um apêlo repetido à sua capacidade de concentração, sugerindo-lhe o acompanhamento mental de uma estrêla que se desloca no espaço.»

NINGUÉM PODE SER HIPNOTIZADO CONTRA A VONTADE

«— Este é, a meu ver, um dos métodos subjetivos mais rápidos e eficientes. Mas, é sempre necessário contar com a colaboração do paciente sem o que nenhum trabalho dessa natureza é possível realizar. Ninguém pode ser hipnotizado contra sua expressa vontade. E só se consegue obter êxito também quando o hipnotista possui prestígio frente ao paciente e o prestígio do hipnotista resulta de uma confusão inconsciente da pessoa do hipnotizador com a idéia de «papai» e «mamãe», prestígio latente em cada um de nós.»

ETERNOS INIMIGOS

Não se dispõe o prof. Weissmann a replicar àqueles que vislumbram perigos no hipnotismo:

«— A história do hipnotismo é sabidamente uma das mais antigas. Muito mais antiga que a Medicina, portanto muito mais velha que a história da anestesia. Em todas as épocas, em todos os tempos, teve o hipnotismo seus mais ferozes inimigos. E é natural que hoje também eles se manifestem, não obstante desde o século passado esteja o mesmo explicado e controlado cientificamente.»

DESVANTAGENS DO NOVO MÉTODO

O «Centro de Estudos de Anestesia Odontológica» — entidade «sui generis», que não cobra mensalidade e que só admite como sócios os profissionais com trabalhos de anestesia publicados — não quis manifestar-se de pronto.

Mas, através da palavra de seu fundador — dr. José Bicudo Júnior — dinamizador também da «Odonto-Clínica Volante do SAM» — recolhemos algumas palavras incisivas:

«— Não acho vantagem no emprêgo da técnica hipnótica para fins de anestesia, de vez que, com os recursos atuais da anesthesiologia, todos os casos são resolvidos satisfatoriamente. Os casos excepcionais — esclarece — que poderiam constituir problemas para os métodos clássicos de anestesia, também não encontraram solução no hipnotismo. São os casos de pacientes neuróticos, que a própria técnica hipnótica contra-indica prudentemente.»

COMO PRÁTICA DE ROTINA, TAMBÉM NÃO

Levado a pronunciar-se sobre a exequibilidade da aplicação do método, opina o conhecido cirurgião-dentista:

«— Como prática de rotina em trabalhos de anestesia odontológica, acho que dificilmente o hipnotismo encontraria aplicação, por inúmeras razões de ordem técnica.»

ESTATÍSTICA SIGNIFICATIVA

De um trabalho publicado na Revista Brasileira de Odontologia, e da autoria do dr. Aluizio Gonçalves, extraímos os seguintes dados estatísticos, que poderão dar uma idéia a respeito do modo como os profissionais que fizeram o curso estão reagindo agora «que já estão de posse dos segredos da arte de hipnotizar»:

«— De 40 profissionais, apenas 15 fizeram uso do novo método. 121 pacientes foram hipnotizados e 20 não. 39 usaram a heterohipnose e um deles conseguiu fazê-lo por 3 vezes, em pacientes resistentes ao trilete, conseguindo por fim hipnotizá-lo. Foram realizadas apenas 8 extrações, 5 pulpectomias e 80 preparos comuns na dentina».

FALA O PROF. MIRA Y LOPEZ

Como autoridade na matéria, vale registrar a opinião do prof. Mira y Lopez, que atualmente dirige o Instituto de Seleção e Orientação Profissional, da Fundação Getúlio Vargas:

«— Não creio na utilização prática da técnica hipnótica aplicada à odontologia. Por quê fazê-lo? Os meios bioquímicos de que hoje dispõem os profissionais atendem perfeitamente às suas necessidades. E ademais, por que uma anestesia geral quando o tratamento pode ser satisfatoriamente resolvido com a anestesia local?»

A ESSÊNCIA DO HIPNOTISMO

«— A essência do fenômeno hipnótico» — explica o prof. Mira y Lopez — «consiste, segundo definiu Pavlov, na obtenção de um estado subjetivo de tal passividade que leva a quem o apresenta a submergir numa espécie de sono ou letargia, o sono hipnótico — cuja única diferença do sono comum consiste em que a inibição cortical não é tão completa como neste último.»

VANTAGENS MENORES QUE OS PERIGOS...

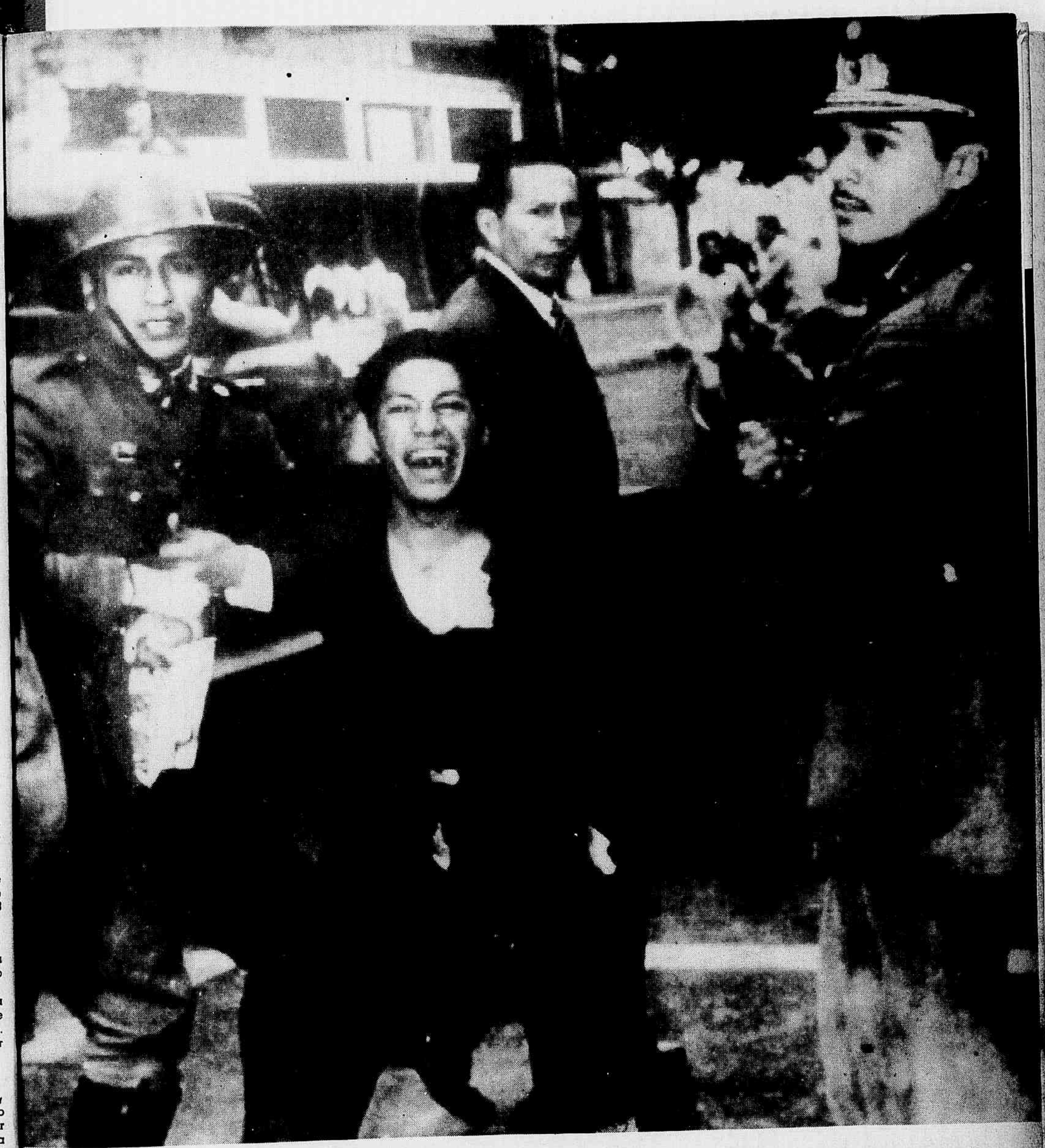
Afirmando que ao hipnotizador é necessária certa base de conhecimentos de psicologia, psiquiatria, psicanálise para que os métodos de indução possam ser aplicados com segurança, acentua:

«— O emprêgo do hipnotismo poderá trazer vantagens que são muito menores do que os perigos a que se sujeita o paciente.

TUDO DEPENDE DO INCONSCIENTE

Finalizando, diz o psicólogo:

«— Despertar o inconsciente de alguém pode ser, às vezes, o mesmo que comprar um bilhete de loteria... A atitude consciente frequentemente não corresponde à realidade inconsciente da maioria dos indivíduos. Manifestações graves de perversão inconsciente podem manifestar-se efetivas uma vez despertadas por um hipnotizador inábil e incompetente».



ESSE UNIVERSITÁRIO, acusado de extremista e Deus sabe de que mais, é levado por dois policiais para a delegacia. Tomou parte ativa, com outros seus colegas, na destruição de treze ônibus limenhos, num gesto desesperado de protesto público, na última semana de junho.

QUEBRA-QUEBRA (dos ônibus) EM LIMA ▶

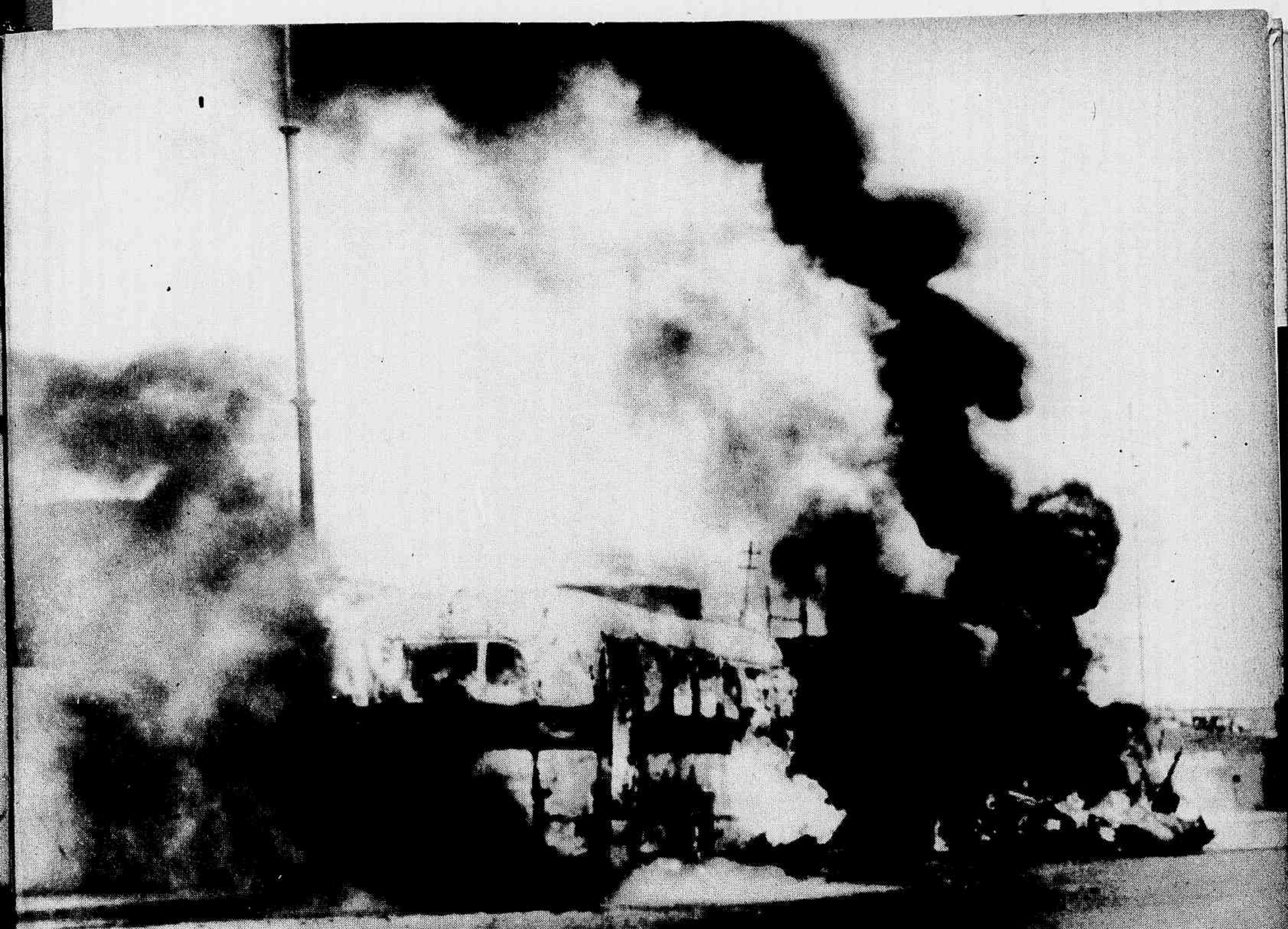
Quebra-quebra em Lima



CENAS SEMELHANTES também já o carioca apreciou: os estudantes, revoltados com o aumento incessante do custo de vida, resolveram fazer

● **ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS** peruanos, indignados com a alta constante do custo de vida, levaram a efeito, em Lima, uma série de depredações, em sinal de protesto, e como símbolo de sua vigilância. Motivou tantos atos de violência um brusco aumento nas passagens de ônibus, aumento que de modo algum se justificava, mas que sem embargo, foi forjado de um dia para outro. Durante o transcorrer da violenta crise, que iniciada no dia 26 de junho, foi sufocada pela polícia vinte e quatro horas depois, nada menos de treze grandes ônibus foram virtualmente destruídos, e outros oitenta e dois ficaram danificados, alguns de tal modo que dificilmente poderão circular de novo. Como acontece comumente em tais momentos, vários estudantes foram espancados, e outros continuam detidos até





justiça com suas próprias mãos, destruindo os ônibus, cujas passagens tinham sido bárbaramente aumentadas. Aconteceu em Lima, no Peru.



hoje, sob a acusação de pertencem a organizações extremistas, que visam inculcar, na velha terra peruana, e no resto da América afora, doutrinas exóticas e de todo inadaptáveis ao nosso continente: foi o que entre nós mesmos, brasileiros, sucedeu, não faz muito, quanto ao em parte malogrado aumento dos bondes. Esquecem-se os governantes de que é da sua própria incúria e ociosidade que, quais larvas diabólicas, surgem as sementes de violência e de desagregação. O capítulo peruano da penosa luta do idealismo estudantil contra a inconsciência e a passividade dos governantes foi mais uma etapa na longa via que têm de vencer os jovens, afim de repor em seus devidos eixos aquilo que os mais velhos, por negligência ou má fé, de há muito vêm descarriando... (Fotos INS).



ÚLTIMO FLASH

MARTINE CAROL ADERE AO SAMBA

● PRESENCIANDO a um ensaio de samba em pleno Morro do Salgueiro, na Tijuca, Martine Carol, a linda estrela francesa que veio agora ao Rio pela primeira vez, comemorou a sua primeira noite passada entre nós. Foi a própria Martine que sugeriu essa visita à Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro, pois era um velho desejo conhecer o samba brasileiro em sua verdadeira morada, o morro. Acompanharam-na na visita o marido, Christian Jacque, membros da Embaixada de França no Rio de Janeiro, e grande número de grã-finos e de convidados. Em dado instante, não resistindo ao ritmo da bateria, Martine aderiu ao samba de armas e bagagens, levada pela mão de um garotinho de seus dez anos de idade, e mais ou menos oito de evoluções em terreiro...

REPRESENTANTES

Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevideu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Av. 9509, Buenos Aires. Tem agentes em todas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO

DISTRIBUIÇÃO:

A. ZAMBARDINO

Rua Capitão Salomão, 69 — Fone: 34-1569

REVISTA DA SEMANA

Fundada em 20-5-1900

Ano 57 — Nº 29 — Rio de Janeiro — 21-7-1956

Propriedade da Companhia Editora Americana
Diretor-Presidente.....Gratuliano Brito
Diretor-Comercial.....Ivan Guimarães
Diretor-Gerente.....Wenceslau Quintais
Diretor de Publicidade.....J. M. Costa Júnior
Redatores e corretores...S. L. Guimarães, A. Mendes e S. Sant'Anna

Rua Visconde de Maranguape, 15
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano.....	Cr\$ 350,00
Seis meses.....	Cr\$ 175,00
Registrada — Um ano.....	Cr\$ 600,00
Seis meses.....	Cr\$ 300,00

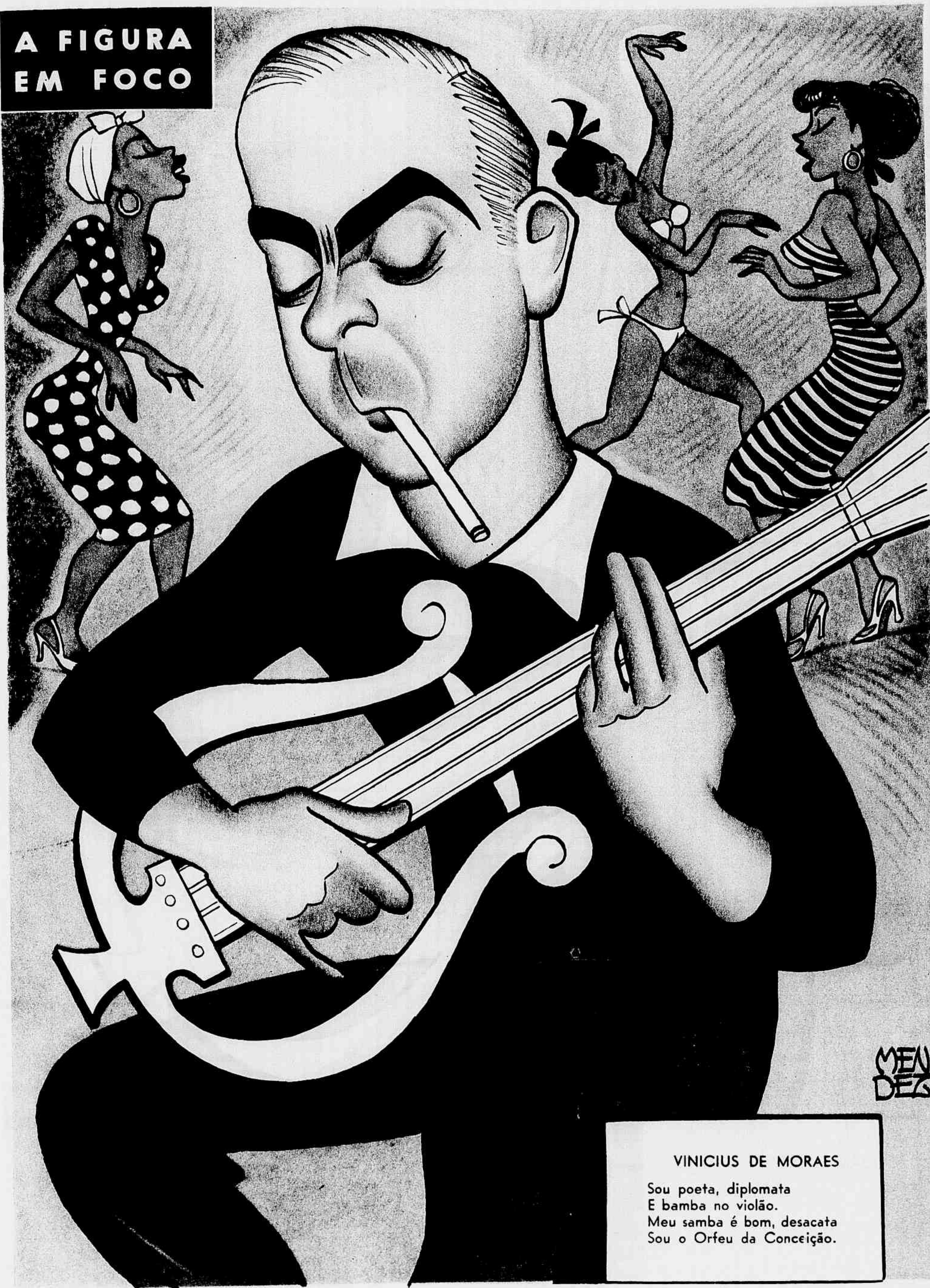
ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano.....	Cr\$ 800,00
Seis meses.....	Cr\$ 400,00

O número avulso custa Cr\$ 7,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 8,00.

Toda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

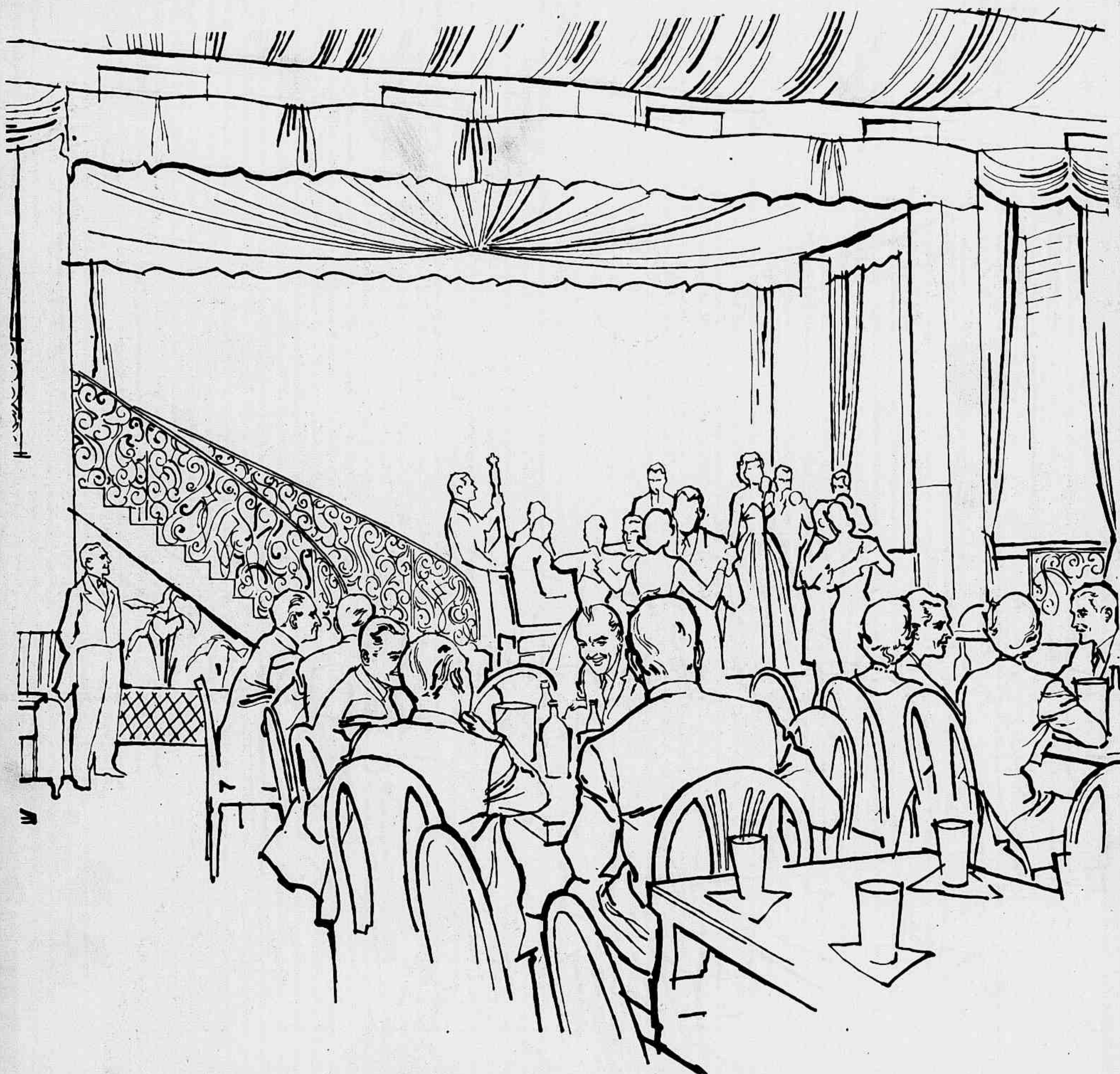
**A FIGURA
EM FOCO**



**MEN
DEZ**

VINICIUS DE MORAES

Sou poeta, diplomata
E bamba no violão.
Meu samba é bom, desacata
Sou o Orfeu da Conceição.



nos centros elegantes do Brasil...

No Meia-Noite do Copacabana Palace, por exemplo, onde as pessoas de verdadeiro bom gosto se reúnem...

Bom gosto que se define nas maneiras elegantes, no ambiente requintado, no cigarro que fumam...

hollywood
uma tradição de bom gosto

